



MINISTÉRIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CREADA
PELO DECRETO
N. 22.894
DE 6 DE JULHO DE 1933

REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934



BOLETIM

OFICIAL

ANNO II

JANEIRO — 1935

N.º 10

Ata da decima quinta sessão de Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira.

A's dezeseis horas do dia vinte de dezembro de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua sede a Diretoria da C. C. B., composta dos Snrs. Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario, Dr. Leonidio Ribeiro; 2.º Tesoureiro, Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario, representados pelo Snr. Vice-Presidente civil. Faltou o Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º Tesoureiro. Estando presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretario lê a ata da sessão anterior que é aprovada. Em seguida o Snr. 1.º Secretario lê o ofício que a Diretoria da C. C. B. expediu ao Snr. 1.º Ten. Paulo de Albuquerque Lacerda, designando-o para perito, afim de cumprir o disposto no Art. XXVIII do Regulamento da C. C. B. e que é o seguinte: Capital Federal em 8-12-934. S/N. Do Presidente da Confederação Colombófila Brasileira, ao Snr. 1.º Tenente Tesoureiro Paulo de Albuquerque Lacerda. — Assunto: Informação sobre escrituração da C. C. B. — Anexo: Uma relação discriminativa da receita e despesa da C. C. B., de 14-10 a 8-12-934. — I — Afim de cumprir o disposto no artigo XXVIII do Regulamento da C. C. B., a Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira, na décima segunda sessão de sua Diretoria resolveu por unanimidade de votos,

solicitar-vos, como tecnico, um parecer, assim de resolver sobre a quitação a ser dada ao Tesoureiro Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, por motivo de seu pedido de demissão. II — Esclarece a Diretoria da Confederação, que a situação especial com o afastamento do Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, com a impossibilidade de uma substituição imediata pelo 2.^º Tesoureiro, atualmente ausente do Paiz, em comissão do Governo, conduziu ao quesito constante do item II, de cuja resposta depende a orientação da Diretoria, na tomada de contas do Tesoureiro demissionario. III — Solicito-vos, pelo exposto, efetuar os lançamentos que faltarem em face dos documentos que vos são apresentados, de receita e despesa, constantes das notas apresentadas á Diretoria e anexas a este, e de responsabilidade do Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares; de receita e despesa, constante das notas apresentadas á Diretoria e anexas a este, e de responsabilidade do Snr. Vice-Presidente civil, Dr. Roberto de Freitas Lima, autorizado pela Diretoria da C. C. B., na 3.^a sessão, conforme consta da respectiva ata, a representar o Dr. Leonidio Ribeiro 2.^º Tesoureiro, até cessar o seu impedimento, "AFIM DE VERIFICAR SE A CAIXA ACCUSA ALGUM ALCANCE". (a). Arthur Joaquim Pamphiro, Major Presidente. Comunica o Snr. 1.^º Secretario que a resposta a esse ofício foi dada em vinte do corrente, pelo Snr. 1.^º Tenente Paulo de Albuquerque Lacerda, no ofício seguinte: "Capital Federal em 20-12-1934. N. 64T Do 1.^º Tenente Pagador, ao Snr. Presidente da Confederação Colombofila Brasileira. — Assunto: Situação da Caixa da C. C. B. (Alcance). — I — Em resposta ao vosso ofício s/n de 8 do corrente, em que me solicitaes verificar o estado da Caixa dessa Confederação, informo-vos que, depois de efetuar nos respectivos livros os lançamentos que faltavam, a caixa accusa no dia 11 deste, um saldo de dois contos duzentos e sessenta e seis mil reis (2:266\$000), que confere com a existencia em Banco nesta data. II — Deste modo não existe nenhum alcance, quer com relação ao 1.^º Tesoureiro demissionario, Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, quer para o Dr. Roberto de Freitas Lima. (a). 1.^º Tenente Paulo de Albuquerque Lacerda, Pagador. "O Snr. 1.^º Secretario propõe que seja dada demissão e quitação ao Snr. 1.^º Tesoureiro demissionario, Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, o que é aprovado. O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado a assumir o cargo de 1.^º Tesoureiro, o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, atual 2.^º Secretario, ficando resolvido, oficiar-se ao referido Senhor, consultando se aceitaria o cargo. O Snr. Vice-Presidente Civil pede autorização para efetuar a concurrencia para aquisição de material de expediente, que é concedida. Ainda o Snr. Vice-Presidente civil comunica á Diretoria, a chegada de tres mil anilhas de aluminio para 1935, das seis mil encomendadas. E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual eu, 1.^º Secretario, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo lavrei a presente ata que

vive por mim assinada bem como pelos demais membros da Diretoria presentes a sessão.

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1935.

(a). Capitão Luiz de Figueiredo Lobo.

Major Arthur Joaquim Pamphiro.

Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.

Dr. Roberto de Freitas Lima.

MATERIAL A VENDA NA SEDE DA C. C. B.

Anilhas de alumínio para o ano de 1935.....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para concursos.....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diário, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 9.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 15.....	(10 folhas)	2\$500
Impresso modelo n. 17.....	(10 folhas)	1\$500
Cadernetas modelo n. 4.....	(Uma)	4\$500
Assinatura da "A Defesa Nacional" órgão oficial.....	(ano)	18\$000
Manual Colombofilo Brasileiro.....	(um)	8\$000
Os pombos correios e a defesa nacional.....	(um)	3\$000
	(Mais \$800 pelo correio).	
Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira ..	(Um)	2\$000

MINISTÉRIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CREADA
PELO DECRETO
N. 22.894
DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANNO II

FEVEREIRO — 1935

N.º 11

Ata da decima sexta sessão de Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira.

A's dezeseis horas do dia tres de janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, reuniu-se em sua séde a Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira, composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente Militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario, Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Tesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente Civil. Estando presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão, pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretario lê a ata da sessão anterior, que é aprovada com as seguintes retificações: solicitadas pelo Snr. Vice-Presidente Civil; — 1.º Onde consta: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado para assumir o cargo de 1.º Tesoureiro o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, atual 2.º Tesoureiro etc." deve constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado a assumir o cargo de 1.º Tesoureiro, o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, actual 2.º Secretario etc.; 2.º Onde consta: "O 1.º Secretario propõe que seja dada quitação ao Snr. 1.º Tesoureiro demissionário etc." deve constar: "O 1.º Secretario propõe que seja dada demissão e quitação ao Snr. 1.º Tesoureiro demissionário etc." 3.º Onde consta: "O Snr. Vice-Presidente Civil pede autorização para efectuar a concurrenceia para aquisição de material de expediente etc."

deve constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil apresenta o resultado da concurrencia realizada entre as firmas: Placido Marques e Cia. — Araujo Marques e Cia. — Villas Boas e Cia.; sendo: Araujo Marques e Cia. — Duzentos e quarenta e tres mil reis (243\$000). Villas Boas — Duzentos e cincuenta e sete mil reis (257\$000). Placido Marques e Cia. — Duzentos e cincuenta e seis mil reis (256\$000) — ficando resolvido aceitar a proposta de Araujo Marques e Cia. — de duzentos e quarenta e tres mil reis — oficiando-se para que seja executada a encomenda constante da proposta". — O Snr. Vice-Presidente Civil observa que deixou de figurar na ata da referida sessão, a resolução da Diretoria, proposta pelo Snr. Presidente, da dissolução das comissões encarregadas de regulamentação dos concursos e exposições oficiais e particulares, designadas em ata da sessão inaugural da C. C. B., visto haverem concluido seus trabalhos, consignando-se um voto de louvor aos respectivos membros componentes pela maneira com que se houveram no desempenho da missão que lhes foi conferida, havendo portanto, necessidade de ser a mesma resolução, declarada na presente ata. O Snr. Vice-Presidente Militar dirigindo-se ao Snr. Presidente pergunta se a C. C. B. não está sujeita ao regimem administrativo dos Corpos e Estabelecimentos Militares, e no caso afirmativo, como se deveria constituir o seu Conselho de Administração? — O Snr. Presidente propõe que seja discutida a questão apresentada pelo Snr. Vice-Presidente Militar, ficando resolvido, após a mesma, que a C. C. B. não está sujeita áquele regimem, visto que, a sua verba orçamentaria, é uma subvenção que lhe é dada pelo Governo tendo a Confederação as suas fontes de renda perfeitamente definidas no seu Regulamento. No expediente foram lidos varios ofícios enviados a C. C. B., e as copias das respectivas respostas que ficaram arquivadas na Secretaria. Dentre os ofícios enviados destacam-se: Do Clube Colombofilo Carioca, remetendo os novos Estatutos e pedindo aprovação dos mesmos — o que é concedido. Do Comandante do 2.º Regimento de Cavalaria Divisionaria pedindo filiação a Confederação afim de poder adquirir meios necessarios á criação das referidas aves e gozar dos direitos das entidades colombofilas e uma petição do 1.º Tenente Jefferson da Rocha Braune, encarregado do pombal do 2.º R. C. D., pedindo material. Ficou resolvido oficiar ao Snr. Ministro de Estado dos Negocios da Guerra, sugerindo que enquanto não fôr publicada a regulamentação militar colombofila, sejam subordinados os pombaes como os de 2.º R. C. D., tecnicamente á C. C. B. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual eu, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario, lavrei a presente ata; que vai por mim assinada bem como pelos demais membros presentes á sessão.

Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 1935.

- (a). Capitão Luiz de Figueiredo Lobo.
 Major Arthur Joaquim Pamphiro.
 Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.
 Dr. Roberto de Freitas Lima.
 Dr. Antonio Gomes de Mattos.

MATERIAL A VENDA NA SEDE DA C. C. B.

Anilhas de aluminio para o ano de 1935.....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para concursos.....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diario, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 9.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 15.....	(10 folhas)	2\$000
Impresso modelo n. 17.....	(10 folhas)	1\$500
Cadernetas modelo n. 4.....	(Uma)	4\$500
Assinatura da "A Defesa Nacional", orgão oficial.....	(ano)	18\$000
Manual Colombofilo Brasileiro.....	(Um)	8\$000
Os pombos correios e a defesa nacional.....	(Um)	3\$000
(Mais \$800 pelo correio).		
Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira... (Um)		2\$000

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:
Lima Figueirêdo

GERENTE:
João Baptista de Mattos

ANNO XXI | Brasil — Rio de Janeiro, Janeiro de 1935 | N.º 248

SUMMARIO

LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA

	Pags.
Na Escola do Estado Maior.....	7
História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — General Tasso Fragoso.....	13
A' minha bandeira — Cap. Octávio Mariate.....	18
A batalha de Ayahy — Manuel Galvez.....	19
Os imponderaveis na guerra — Cap. Alcindo Nunes Pereira.....	22
Trechos de Ouro.....	26
Noguí — Felicio Terra.....	27

SECÇÃO DE INFANTARIA

Revista de Infantaria (franceza) — Majór F. Brayner.....	33
Diretrizes e programmas de instrucção para o curso de candidatos a sargentos no 2.º Regimento de Infantaria — Cap. Ibsei Lopes de Castro.....	36
Estudo tático de um contra ataque pelo III Btl. do 14.º R. I. a 12 de Abril de 1918 em Hangard-en-Santere — Cel. Mangematin — Traducção do Cap. Claudio Duarte.....	52

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Plano do emprego da artilharia para o golpe de mão do 336.º R. I. nos abrigos dos Cubitus — Traducção do Cap. Claudio Duarte.....	61
---	----

SECÇÃO DE ENGENHARIA

A fortificação permanente durante a guerra de 1914-1918 — Traducção do Maj. Arthur J. Pamphiro.....	71
Operações da companhia de engenharia 27/53 da 47.ª divisão na noite de 3 para 4 de Setembro de 1918 — Pelo Cap. De Solère — Traducção do Cap. Lima Figueiredo.....	76

SEÇÃO DE EDUCAÇÃO

Pags.

A pedagogia moderna e o Exercito — <i>Cap. João Ribeiro Pinheirô</i>	85
Contribuição á technica escolar.....	86
Civilisação em mudança.....	86
Typos mentaes.....	86

SEÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

A immigração nos Estados Unidos — <i>Gabriel de Andrade</i>	89
Separatismo — <i>Cap. Higino de Barros Lemos</i>	91
Politica Economica Nacional — <i>1.º Ten. José Salles</i>	93

NOTICIARIO E VARIEDADES

O futuro do Brasil depende da cohesão e vigor das suas forças.....	101
O Brasil é o mais velho paiz do mundo?.....	101
Minas terá uma fabrica de aviões.....	102

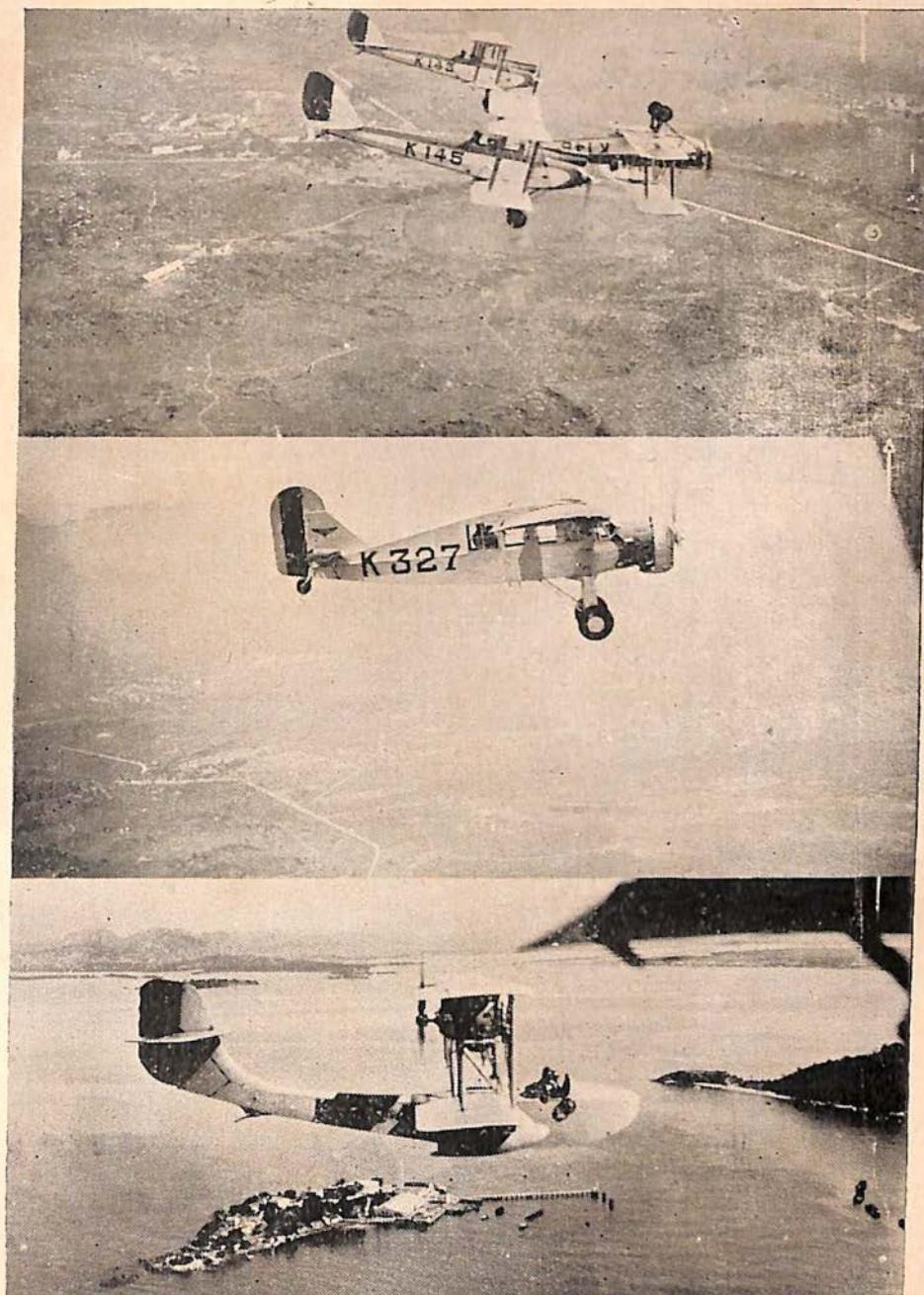
NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O plebiscito do Sarre.....	102
A Russia na Liga das Nações.....	103
A paz na Europa.....	130
A revolução hespanhola.....	105
A questão Italo-Ethiopica.....	105

NOTICIARIO

General Baudouin e Coronel Corbé.....	106
Livro novo.....	107
Nova M. M. F.....	108
Revistas Estrangeiras.....	107
Boletim Colombophilo.....	110
Representantes.....	113

A Z A S D O B R A S I L



Ao alto: uma esquadrilha em vôo. Vê-se um avião voando de dorso

Ao centro: o vôo sereno de um "Belanca"

Em baixo: Um "shreck", avião amphibio, planando sobre o céo da Guanabara

Literatura

Historia

Geographia

Na Escola do Estado Maior

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO
DOS TRABALHOS ESCOLARES E ENTREGA DOS DIPLO-
MAS AOS OFFICIAES QUE TERMINARAM O CURSO, REA-
LIZADA EM 24 DE DEZEMBRO DE 1934, PELO COMMAN-
DANTE DA ESCOLA, Cel. E. *Leitão de Carvalho.*

Meus Senhores !

Com esta cerimonia encerramos os trabalhos lectivos do corrente anno e festejamos a terminação do curso por mais uma turma de officiaes de estado maior.

Os que nos vão deixar recebem hoje os seus diplomas-premio ao por-fiado esforço e á ininterrupta dedicação com que souberam enfrentar e vencer as difficuldades da ardua tarefa imposta aos que aspiram exercer as brilhantes, mas delicadas funções de auxiliares do commando.

Em breve deixarão a Escola, afim de se submeterem a novas provas no Estado Maior do Exercito — centro coordenador das iniciativas que visam a segurança nacional, e orgão propagador e fiscalizador da nossa doutrina de guerra.

Partirão, depois, rumo aos seus novos postos, onde terão de pôr em prática os conhecimentos bebidos neste Instituto, levando, assim, aos órgãos vitaes do Exercito a contribuição fecunda do seu concurso, necessário e efficaz, á obra de diffusão, no seio da tropa, dos principios fundamentaes da nossa doutrina de guerra.

A vós, meus camaradas, que nos deixaes, vemo-vos partir sem tristeza !

E' que não se trata de uma separação: ides encorporar-vos á colmeia laboriosa a quem incumbe reunir os elementos basicos para a decisão do chefe e assegurar-lhe execução. Continuaes, pois, filiados a esta casa, mantida pelo Estado Maior do Exercito, a cujo serviço entraes. A ella volta-reis, quiçá, algum dia, como professores, no desempenho da nobre e difficil missão de formar novas gerações de auxiliares para o commando, ou como alumnos, afim de renovar os vossos conhecimentos, em cursos de informação, quando houverdes attingido os gráos mais altos da hierarchia. Até lá, guardae uma grata recordação da vossa passagem por esta Escola, da convivencia com os que ficam e com os que ha pouco se foram, dos vossos mestres, que tudo fizeram por desenvolver-vos as facultades do raciocinio e por dotar-vos de uma farta messe de conhecimentos technicos e tacticos, que vos habilitarão a proseguir, por vós mesmos, na obra de vossa cultura profissional.

Não levaes desta escola "formulas para a solução dos diversos problemas da guerra", como vos advertio a palavra autorizada do Sr. Gen. BAUDOUIN, mas uma doutrina, um methodo, que vos permitirão consideral-os, discutil-os, resolvê-los. "Possuis, assim, uma maneira commun de encarar e tratar os problemas de ordem militar. Procedendo de acordo com essa doutrina, obttereis o maximo rendimento dos vossos esforços,

pois elles não se dispersarão, orientados, como são, no mesmo sentido. Só assim sereis uteis ao commando e á tropa, a cujo serviço estaes, como auxiliares de ambos."

Para o exito da vossa difficil missão, a Escola vos forneceu a necessaria base: conhecimentos technicos de caracter objectivo que, juntamente com a instrucao geral que possuis, vos permitirão tirar partido, em beneficio do serviço, de vossas qualidades moraes e intellectuaes.

O que valem, para o exito das operaçoes de guerra, taes conhecimentos, mostra-nos o Marechal FOCH em suas "Memorias", ao resaltar quanto, no inicio da lucta de 1914 — 1918, as deficiencias da doutrina de guerra franceza, subordinada entâo a uma formula de offensiva por demais rigida, na opinião do illustre soldado, foram compensadas pelas altas qualidades de um estado maior de primeira ordem, "perfeitamente adestrado em seu officio e comprehendendo em seu seio espiritos de grande valor. A *Escola Superior de Guerra* e o *Curso dos Altos Estudos Militares*, — diz o mestre —, tinham desenvolvido effectivamente o gosto do trabalho em muitos officiaes, ampliando-lhes as faculdades. Os melhores espiritos iriam tirar proveito do saber adquirido e de suas aptidões, consideravelmente ampliadas e grandemente maleaveis, e assim habilitar-se a prestar, durante a guerra, os melhores serviços, adaptando-se ás mais surprehendentes circumstancias."

Já hoje, senhores, não podem dispensar, os que aspiram aos altos postos do Exercito, a posse de um vasto cabedal de conhecimentos geraes. E' ainda o Marechal FOCH quem o proclama, salientando o quanto a cultura das sciencias exactas e o estudo das letras, da philosophia e da historia tornam flexivel e alargam a intelligencia, que assim se mantem deserta, activa e fecunda, permittindo ver longe, perceber claramente e, uma vez escolhido o objectivo, marchar para elle resolutamente, servindo-se de meios de approximação e de conquista de segura efficiencia.

"Assim, prosegue elle, a dupla preparação, em conhecimento geraes e em estudos especiaes, parece offerecer vantagens aos que querem, não só conhecer uma profissão, mas fazel-a, quando necessário, evoluir, applical-a successivamente a novos fins, de natureza muita vez bem differentes.

"O futuro, prosegue o grande mestre da guerra, accentuará sem duvida, especialmente com respeito ao official, esta necessidade de cultura general, ao lado do saber profissional. A' medida que o dominio da guerra se estende, o espirito dos que a fazem deve alargar-se tambem. O official de real valor não pode mais contentar-se com o saber profissional, com o conhecimento do commando da tropa e das suas necessidades, nem limitar-se a viver num mundo á parte. As tropas são, no tempo de paz, a porção joven e viril da nação; em tempo de guerra, a nação armada. Como, sem uma constante communicação com o espirito que anima o paiz, poderá o militar explorar taes recursos? Como poderá presidir aos phenomenos sociaes, caracteristicos das guerras nacionaes, sem um seguro saber moral e politico, sem conhecimentos historicos que lhe expliquem a vida das nações, no passado e no presente? Uma vez mais o technicismo tão pouco lhe bastará. E' preciso reforçal-o com uma grande somma de outras faculdades. Ademais, comprehendêr-se facilmente que seu espirito e seu carácter se preparam melhor para a guerra do futuro, e que a carreira se faz docilmente na paz, se, num sentimento perfeito de disciplina, elle se manterá constantemente, com uma intelligencia desperta, á altura das circumstancias e dos problemas que surgirão no seu caminho, do que vivem-

do apenas a vida de guarnição e se deixando absorver pela idéia de galgar os degraus da hierarchia, sem demonstrar capacidades crescentes.

"Na falta dessa concepção, ajunta ainda, arrisca-se o oficial de carreira a ver-se preferir, no dia da guerra, pelo official de reserva, possuidor sem duvida do saber indispensavel, mas a quem um genero de vida mais productivo manteve em mais fecunda actividade."

Eis, meus camaradas, como justificam os mestres a necessidade de uma cultura geral, ao lado da preparação technica, para o official, hoje em dia, mui particularmente para o official de estado maior. E essa cultura tem de ser obra vossa. "Torna-se indispensavel continuar a trabalhar, com regularidade e com o mesmo espirito, — disse-vos o General BAUDOUIN, em sua conferencia sobre a *Doutrina*, — não só para não esquecer, mas ainda para desenvolver os conhecimentos adquiridos e manter-se ao par dos aperfeiçoamentos que incessantemente se produzem no organismo militar."

O serviço de estado maior requer do official uma grande actividade, a par de qualidades especiais de tacto e discernimento. O labor escolar deu-vos já uma idéia do que se vos exigirá durante as operaçoes de guerra: um esforço continuado, que não conhecerá dia nem hora, produzido com meticulosidade e dedicação constantes.

Brilhante é a vossa função, se consideramos a importancia da tarefa e a extensão dos resultados que ella visa; mas penoso é o seu desempenho. De realização quasi sempre anonyma, pois deveis adoptar as idéias do chefe e preparar-lhes a execução como se vossas fossem, é no sentimento do dever cumprido que encontrareis a força necessaria para leval-a a cabo. As situações mudam rapidamente e é preciso não se deixar desbordar pelos acontecimentos. Tereis de trabalhar bem e depressa, se quereis que as decisões do chefe sejam tomadas a tempo e suas ordens cheguem ao conhecimento dos executantes com oportunidade, mesmo quando as condições materiais sejam as mais deficientes. Collocados entre o chefe e a tropa, bem podeis avaliar o que tereis de despender em tacto e proficiencia para conservar a confiança de ambos.

E' sob esse aspecto que serão postas á prova as vossas qualidades de carácter. Ellas são de tal importancia que o General KRESS von KRESENSTEIN as reputa o factor preponderante do bom exito nas missões pertencentes ao official de estado maior. Estríbado na sua experiência da guerra, adquirida nas funções de chefe de um estado maior em campanha, diz-nos elle que "as condições de carácter são de valor consideravelmente superior a todos os conhecimentos e capacidades, a todo o saber, mesmo ao talento e ao genio".

"Mais do que uma intelligencia brillante e engenhosa — acrescenta — mais do que um criterio profundo, do que a energia e a força de vontade, são as qualidades de carácter que fazem com que o official de estado maior conquiste e conserve a confiança illimitada e sem reservas, e a alta consideração do seu commandante, dos seus colaboradores e, sobretudo, da tropa."

"Essa confiança illimitada e sem reservas, diz ainda, que realmente só pode ser conquistada pelo homem de carácter firme e recto, é condição prévia e indispensável para que o official de estado maior seja o complemento harmonico do commando, para que o estado maior sob suas ordens funcione sem attritos, para que se mantenha vivo, a bem do serviço, o amor ao trabalho, tão indispensavel, e para que o official de estado maior

possa desempenhar, com acerto, uma de suas mais diffílias missões: a de ligação entre o commando e a tropa."

Essas qualidades de carácter, que se poderiam definir como os atributos de uma firme personalidade, servida da coragem necessaria para manifestal-a em todas as emergencias, têm de ser temperadas, na pratica, por outras, afim de que o trabalho corra com efficacia, num ambiente de serenidade e concordia. Tereis assim de pôr á prova uma *consciencia escrupulosa*, que approva as boas e rejeita as más acções, como corresponde a quem desfructa da confiança do chefe; *firmeza* e *energia* em todas as situações; *optimismo* sadio e comunicativo; *calma imperturbavel*, nas eventualidades mais imprevistas; *bom humor* inalteravel; *disciplina*, *tacto* e *modestia*, nas relações com o commando, com as tropas, com os serviços; *discreção*, qualidade indispensavel a quem tem constantemente sob os olhos documentos secretos.

E' porém, na adaptação ao temperamento do chefe que deparareis algumas vezes as mais serias dificuldades. No tempo de paz, muitas causas de divergencias se attenuam ou desaparecem; mas na guerra podem apresentar-se com frequencia e tereis de evitá-las, a bem do serviço. "Não se pode pretender, diz o General KRESS von KRESSENSTEIN, que os commandantes superiores sejam anjos. São homens e, como taes, têm as suas características e estão sujeitos ás fraquezas humanas. Como no matrimonio, ha necessidade de concessões no convívio do commandante e do oficial de estado maior, de mutua adaptação, que se completem um ao outro."

E como nem sempre tocam ao oficial de estado maior postos de que resultem facil entendimento com o chefe, aconselha o general alemão a se amoldarem ao seu temperamento, sem sacrificio todayia da propria personalidade, o que não é facil tarefa. E adverte que o oficial de estado maior "deve saber frenar o impetuoso, impulsivar o commandante pesado, de decisão lenta e vacillante, injectando-lhe um pouco do seu vigor e de sua energia moça; tratar o pessimista de maneira diferente da com que trata o optimista; abrandar o impulsivo, severo e demasiado rigorista, enquanto que ao brando e por demais bondoso deve tornal-o severo e induzil-o a maior rigor." Onde, porém, a dificuldade atinge ao maximo é no tratamento com o chefe de temperamento caprichoso, vaidoso ou petulante, — no dizer de von KRESSENSTEIN — "o mais difícil de todos os superiores", com o qual, no entanto, é preciso encontrar, para as relações de serviço, um salutar *modus vivendi*.

A's qualidades de carácter, como vêdes, é preciso alliar, em elevado grão, duas qualidades complementares: *senso psychologico*, "para saber, como que instinctivamente, de que maneira tratar o commandante com o qual se collabora" ao apresentar-lhe, e perante elle defender, antes de tomada a decisão, propostas e objecções; e *disciplina intellectual*, que faculte assimilar, sem restricções enfraquecedoras, a decisão do chefe.

Tarefa absorvente é, como vêdes, a do oficial de estado maior. Exigindo dos que a ella se dedicam uma preparação basica geral consideravel, comprovada no concurso de admissão a esta Escola, e extensos conhecimentos militares, perfeitamente assimilados e susceptiveis de applicação pratica immediata, como os adquiridos no curso que acabaes de concluir, requer ainda constante esforço pessoal para sua conservação e aperfeiçoamento. Quem a ella se entrega, consagrar-lhe-á toda a sua actividade, ou então se expõe a não servil-a convenientemente. Tendes, por isso, de dar-

lhe a vossa integral attenção. Não sobram ao official de estado maior lazeres para dedicar a cogitações extranhas á profissão.

A frente em que vos ides engajar offerece-vos difficuldades, que não vos deverão entibiar o animo. Mas, por outro lado, é brilhante e fecunda a vossa missão. O curso de estado maior abre amplo caminho á vossa actividade no seio do Exercito, podendo conduzir-vos aos mais elevados postos da hierarchia. Avançae com dedicação e coragem; e que se não se realizarem as vossas aspirações na carreira, não seja por haverdes faltado a ella.

Meus senhores !

Se exultamos com o regresso, ao seio do exercito, de mais uma turma de officiaes de estado-maior, levando energias novas á vida da nossa instituição, é com pezar que veremos partir em breve, de volta á França e ao serviço de seu glorioso exercito, os dois projectos mestres — o Senhor general BAUDOUIN e o Senhor coronel CORBE' — a quem tanto deve o ensino militar em nosso paiz.

Ao señor general BAUDOUIN, actual chefe da Missão Militar França de Instrucción, coube substituir nesta Escola ao Senhor coronel Derougemont nas funções de director do ensino, exercendo-as durante cinco annos, com aquele mesmo brilho, aquella competencia e correção, e os mais fructuosos resultados para o Exercito, a que nos habituara o seu antecessor.

Os ensinamentos que, durante esse longo periodo, ministrou ás turmas successivas de officiaes, e o alto criterio com que orientou a formação dos professores brasileiros, que honram hoje o mestre nas respectivas funções, conquistaram-lhe não só a admiração e o reconhecimento de todos nós, seus discípulos, mas ainda uma grande estima pessoal, de que se fez credor, por seus elevados dotes de coração, manifestados em seu trato amavel e que fizeram em todas as ocasiões agradável o seu convívio.

Nos novos postos em que suas privilegiadas qualidades vão ser aproveitadas em beneficio do exercito de sua grande patria, reserve o nosso querido mestre uma grata recordação para os seus discípulos do exercito brasileiro, particularmente os da Escola de Estado Maior, que lhe acompanharão a brillante trajectoria com vivo e cordial interesse, fazendo os mais sinceros votos pelo exito de sua carreira militar e por sua felicidade pessoal.

O señor coronel Corbé que, no corrente anno, desempenhou com igual proveito as ditas funções, é um dos mais antigos colaboradores com que temos contado para a obra de soerguimento profissional do nosso exercito, cuja superior orientação foi em boa hora confiada á Missão Militar França, chefiada de inicio pelo illustre general Gamelin. Durante onze annos ao serviço do nosso exercito, periodo interrompido apenas por dois annos devido a exigencias da legislação militar franceza, o nosso caro camarada e distinto mestre é mais um amigo que se vae, deixando-nos profundas saudades. Primeiro na Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, depois neste estabelecimento, elle foi sempre o mestre acatado e querido, por seu saber eminentemente pratico, seu invejável bom senso, seu natural e espontâneo criterio objectivo, exercitado sempre no contacto immediato com as realidades do meio ambiente.

Não é menor o sentimento com que vemos deixar o ensino da tactica de aviação e voltar ao seu paiz o señor major Fay, que deixa entre nós

uma forte impressão de sua competencia profissional e de suas qualidades de cavalheiro.

Exmo. Senhor Presidente da Republica.

Senhores ministros de Estado.

Senhores generaes.

Senhores.

A Escola de Estado Maior, sua direcção, seus professores, os officiaes alumnos sentem-se summamente honrados com a vossa presença nesta casa e vos agradecem o estimulo que trazeis aos seus labores, associandovos a esta festa escolar, de alta significação para o Exercito e o paiz. >

— O senhor já leu o livro do Major Verissimo, "Notas sobre o emprego da Artilharia?

— Não.

— Então, corra, já, até a *A Defesa Nacional* e compre um, para ficar em dia com os conhecimentos militares. Não é preciso ser da Artilharia para ler o interessante trabalho do Major Verissimo: interessa a todos.

Preço: 10\$000

Um appello aos nossos companheiros

Rogamos aos nossos camaradas que nos enviem, afim de serem publicadas, noticias e photographias referentes aos exercícios effectuados pelas suas unidades. Deste modo A Defesa Nacional será o orgão de propaganda do trabalho continuo e anonymo realizado quotidianamente na caserna.

Cada exercicio, cada manobra é uma fonte inesgotavel de ensinamentos que devemos guardar, como uma joia preciosa, pois representam vidas nos dias horrorosos de uma guerra.

"Baterei o inimigo enquanto for estimado pelos meus soldados".

Gen. DESAIX.

História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai

Do general TASSO FRAGOSO

*Deve ser entregue ao público por todo o mez de janeiro a
alentada obra — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍ-
PLICE ALIANÇA E O PARAGUAI, do illustre General de
Divisão AUGUSTO TASSO FRAGOSO.*

*Desde que esse digno chefe manifestou os seus propositos
ha varios annos, de por mãos a obra de tal utilidade e depois que
deixou antever, em conferencias na Escola de Estado Maior, as
linhas mestras do seu trabalho, tem crescido, dia a dia, a an-
ciedade de conhecê-la.*

*Estamos certos de que alegraremos os nossos leitores ante-
cipando-lhes esta boa nova.*

*Não nos cabe apregoar o valor da obra, mesmo porque para
isso nos falta autoridade.*

*Para orientar os leitores e como uma homenagem ao chefe
que tanto dignificou a profissão, pedimos venia para trans-
crever na íntegra a Introdução, que constitue a melhor apresen-
tação da obra.*

*“O leitor estimará de-certo conhecer, no limiar deste trabalho
e sem lhe consultar o respectivo índice, como os assuntos foram
nêle concatenados, pois dessa forma adquirirá de relance uma
visão de conjunto, que servirá de orientál-o na penosa tarefa a
que se vai entregar.*

O autor compraz-se em dizer-lho em poucas linhas.

*Esta História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Pa-
raguai consta de cinco volumes.*

*No primeiro estudam-se os antecedentes históricos, inclu-
sive a nossa intervenção no Uruguai em 1864, e depois a in-
vasão paraguaia na Província de Mato Grosso, levada a cabo por*

López quando o Brasil ainda não havia terminado aquela intervenção. Recordam-se particularmente os factos capitais da historia do Uruguai, da Argentina, do Paraguai e do Brasil, que tenham influido no conflito armado entre êsses países ou que possam esclarecê-lo.

No segundo descrevem-se as operações da Mesopotamia Argentina e no Rio-Grande do Sul. Inicia-se nêle o estudo da guerra propriamente dita, isto é, dos sucessos no teatro principal. Explica-se a formação da Triplice Aliança e seu plano de operações, cotejam-se as forças em presença, lança-se rápida mirada ao terreno, relata-se a invasão paraguaia as Províncias de Corrientes e de Rio-Grande do Sul, e todas as operações dos aliados para bater os invasores e obrigá-los a voltar a seu país repassando-lhe a fronteira fluvial. Descreve-se a seguir a travessia do Paraná pelas tropas da Aliança, acto preparatorio da invasão do territorio inimigo, e depois a marcha delas contra Humaitá.

O terceiro ocupa-se com as operações realizadas em torno de Humaitá para a conquista da extensa e forte posição defensiva que os paraguaios ali haviam organizado e termina com a queda da mesma.

O quarto explica como os aliados marcharam de Humaitá para Assunção, ao longo do rio Paraguai, recalcando em sua frente as tropas de López, e como, depois de batê-las em Itororó e Avai, e de aniquilar em Lomas Valentinas o que delas restava, mercê de uma elegante manobra concebida e executada por Caxias, entraram vitoriosos na capital do Paraguai. Versa também sobre a campanha da Cordilheira. Mostra como López, embora houvesse fugido de Lomas Valentinas com poucos companheiros, logo que percebeu estar o seu exército aniquilado e élé próprio em perigo iminente de cair prisioneiro, foi mobilizar novo exército na Cordilheira, e como dêsse modo obrigou os aliados a marchar novamente contra élé, portanto a subir a dita Cordilheira com o intuito de colhê-lo nas antenas de uma manobra bem arquitetada. Depois de relatar a dupla batalha de Campo Grande-Cataguajuru, conta a perseguição às poucas tropas adversas que ti-

veram a sorte de escapar para o norte com o ditador, por não haverem participado nessa batalha, até que os aliados perdem o contacto com elas a beira do arroio Hondo, em consequencia de dificuldades criadas pelo terreno ao transito das tropas e aos apropriaçãoamentos, e que não lhes seria possivel superar sem demora.

O quinto descreve as operações finais da guerra. Tendo López ido embrenhar-se na região nordeste do país, onde a minína de povoações e de estradas e a abundância de vegetação opunham grandes embaraços aos invasores, tornou-se necessário fazer novos grupamentos de forças e adotar nova tática para alcançar o ultimo pugilote de paraguaios que López ainda capitaneava. Referem-se pormenorizadamente as operações executadas para aferrá-lo e predê-lo, até a ultima manobra de Cerro-Corá em que ele sucumbe e com que a guerra chega a seu termo.

**

Juntaram-se á obra alguns capítulos ou notas complementares, destinados a proporcionar certas informações úteis ao leitor.

Explica-se que tropas de ocupação foram deixadas no Paraguai depois da guerra.

Informa-se, mediante um gráfico, sobre o destino dado as unidades de infantaria e cavalaria na última fase da guerra.

Conta-se como o exército brasileiro foi repatriado.

Ministraram-se alguns dados sobre o esforço do Brasil durante as operações.

Relata-se com certa minúcia o modo por que foi organizado o novo governo do Paraguai.

Reproduz-se a organização e distribuição do exército brasileiro em Dezembro de 1867, que figura no Diário de Caxias, afim de que o leitor possa formar idéa segura de uma ordem de batalha nesse periodo da guerra.

**

Pelo que acabo de referir, vê-se que me não ocupei nem da retirada da Laguna, nem dos incidentes diplomáticos ocorridos

durante a guerra entre os aliados e outros povos, sobretudo da América do Sul.

A invasão do Paraguai por um pequeno destacamento brasileiro, que avançou até Laguna e de lá retirou, voltando novamente ao território matogrossense, donde havia partido, nenhuma influência exerceu no desenlace da guerra travada no teatro principal. E' episodio secundario na trama das operações, embora de grande relêvo sentimental para os brasileiros. Já foi perfeitamente narrado pelo Visconde de Taunay em seu belo livro A Retirada da Laguna, a que o leitor poderá recorrer. Embora fosse meu propósito ocupar-me do assunto no fim desta obra, acabei renunciando a él.

Quanto aos incidentes diplomáticos, deixei-os de lado. Se os interpolasse em a narrativa dos eventos militares, interromperia a continuidade dessa narrativa e teria de me estender ainda mais. Não faltará no exército ou no corpo diplomático quem se proponha dentro em pouco a preencher tão pequena lacuna.

Cumpre-me agora fazer uma confissão ao leitor:

Ia depor a pena, quando me lembrei de que, na parte relativa aos antecedentes históricos, não havia dito com respeito ao Brasil tudo quanto desejaria, tomado de receio de ser prolixo. Passei ao largo de alguns assuntos e outros apenas tangenciei.

No entanto perguntei a mim mesmo se não haveria proveito para os jovens camaradas, notadamente para os que frequentam as escolas militares, em eu lhes proporcionar uma notícia célebre sobre a história do Brasil desde a sua independência até a guerra com o Paraguai. Lembrei-me das dificuldades que se me depararam quando, ainda jovem oficial, precisei de conhecer o nosso passado. Quantos — disse entre mim — não se encontrarão hoje em idênticas condições! Mas, por outro lado, refleti que isso avolumaria ainda mais a minha modesta narrativa histórica da guerra. Ademais disso restava saber onde ficaria mais bem colocada essa notícia histórica, se no começo ou no fim do livro.

Declaro, sem acanhamento, que me conservei indeciso durante largo período de tempo.

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

N.^o 248
Janeiro
1935



A DEFESA NACIONAL E O SEU NOVO FORMATO

"Anno novo, vida nova". E' um velho adagio que "A Defesa Nacional" aproveitou para apresentar-se sob novo aspecto.

O principal motivo da mudança de formato da nossa revista foi a facilidade de poder transformá-la num manual, dadas as suas dimensões mais elegantes.

Dirão os rotineiros que quebramos a tradição da nossa "A Defesa". Todavia a estes diremos que tradição são os louros conquistados e não a forma. Os louros nos esforçamos por mantê-los e por conquistar novos, fazendo a nossa revista trilhar uma escala ascendente pari passu com o progresso.

O nosso trabalho constituiu sómente em mudar a feição austera da revista para uma outra mais moderna e mais risonha.

Visamos com esta mudança ir de encontro aos desejos da oficialidade do exercito, pois não pudemos admittir que, em todo o exercito brasileiro, a tiragem de um jornal mensal com mais de vinte e um annos de existencia seja sómente de 1.500 exemplares.

Duas hypotheses fizemos ao encarar o minguado numero da tiragem: ou o nosso Exercito não lê, ou a nossa Revista não preenchia o seu fim. Optamos por esta ultima e applicamos a solução que nos pareceu melhor para atrair o maior numero de assinantes.

Que os nossos camaradas attendam os esforços que evidamos são os votos mais sinceros que fazemos. E que a tiragem de "A Defesa Nacional" cresça como o pão na mão do Divino Mestre.

Afinal resolvi juntar a esta obra, como seu complemento, um Resumo sintético da historia do Brasil no século XIX até a Guerra do Paraguai !

E' óbvio que se trata de estudo superficial e, provavelmente, com múltiplos defeitos. Senti-me, todavia, arrebatado pela idéa de sobrevoar o assunto, servindo de piloto a camaradas mais moços e inexperientes do que eu. Veremos juntos o panorama dos acontecimentos deslizando em teto elevado ou numa grande altitude, de modo que sobressaiam de preferência os factos capitais, únicos suscetíveis de facultar uma interpretação positiva dêsses mesmos acontecimentos. Sem embargo algumas véses teremos de baixar o voo para examinar melhor certas particularidades.

Oxalá ! haja logrado o meu objetivo, a-pesar-de minhas imperfeições".

— Quer fazer um curso brilhante na Escola das Armas ?

— Comece a ler, agora mesmo, o livro do Major Verissimo Notas sobre o emprego da Artilharia. E' claro, bem feito, completo e... custa só 10\$000.

O generalíssimo D. Bartholomeu Mitre, que se correspondia com Osorio em tom familiar e gracejador, escreveu-lhe uma vez, o seguinte bilhete:

"Meu caro general. Empresta-me tantos bois, sinão irei tomal-os a viva força, tal é a necessidade".

Respondeu-lhe promptamente Osorio:

"Querido General. Para poupar-me o pezar de derrotá-lo, mandar-lhe-ei os bois de que precisa";

"Para exercitar, em tempo de paz, o cerebro de um exército; para oriental-o constantemente para a guerra, não ha livro mais fecundo em meditações do que a historia".

Foch.

A' minha Bandeira

OCTAVIO MARIATE

Cap. de Cavalaria

Quando te vejo erguida e tremulante,
 Nos dias de festejos nacionaes,
 Sinto o meu coração, forte e vibrante,
 Como nos tempos idos de rapaz !

Tenho orgulho em ser filho desta terra
 Representada em ti, minha Bandeira !
 E a Patria, embora immensa seja, inteira,
 Dentro do ufano peito meu se encerra !

Tambem, ás vezes, solitario e absorto,
 Tenho orgulho em pensar que, embora morto,
 O teu sublime amor ainda me valha:

Envolta ao meu caixão, triste e sombrio,
 Não sentirei, jamais, da morte o frio,
 Ao teu abrigo, divinal mortalha !

A BATALHA DE AVAHY

por MANUEL GALVEZ

Começava a batalha de Avahy, unica na historia da America.

O exercito paraguayo, uns cinco mil homens sob o comando de Caballero, ocupava uma altura, sobre a margem sul do arroio Avahy. Apenas encetam os brasileiros o ataque, uma tormenta desfeita começa a difficultar o combate. O céu, negro, funde-se em chuva torrencial. Molham-se as armas e inutilizam-se os cartuchos. Os soldados quasi que não podem ver; a chuva lhés embebe os olhos. Escapam-lhes das mãos as espingardas. Fragoso, de espada em punho, vivendo o Brasil e amaldiçoando a Lopez, leva a sua companhia ao ataque. Ninguem diria que aquelle homem furioso, um dos poucos que combatiam com raiva, se houvesse perfumado pela manhã, como sempre, composto as unhas e untado de cosmetico o cabello. A violencia dos paraguayos, porem, aniquila os primeiros atacantes. Alguns batalhões brasileiros debandam. A confusão faz com que Fragoso (1) fique perto do General Osorio, chefe da vanguarda. Cevam-se os paraguayos nos brasileiros que fogem.

— Camaradas, pela honra do Brasil! — clama Osorio.

As suas palavras fazem volver o rosto aos que intentam salvar-se. O General continua a falar aos seus homens. Com a mesma promptidão com que a sua voz se mostra paternal e amiga, ruge terríveis ameaças. Já ninguem dispara. Começam os batalhões a refazer-se.

— Filhos meus! — exclama Osorio. — Salvemos os nossos prisioneiros. Combatamos contra a tyrannia. Viva o Brasil! Viva o Imperador!

Gritos unanimes, de ardente entusiasmo, lhe respondem.

(1) Capitão Damasceno Fragoso

Como loucos, aquelles homens dão vivas ao General Osorio. Flammejam os olhos. As mãos tremem de emoção. Cada um daquelles soldados, que um momento antes só pensavam em salvar-se, anhela agora combater ao lado de Osorio, morrer por elle. E como elle dá o exemplo, pondo-se á testa dos seus soldados, lá vão os seus homens, contando o Hymno Nacional.

— Que o general Osorio nos veja morrer. — exclama um negro.

Instante tragicó. Uma bala fere o grande chefe, que se conservava a cavallo. Acodem os officiaes e os soldados mais proximos delle, fazem-no appear. Osorio está com o queixo quebrado e não pode falar. Mas faz signal com o braço para que prosiga o combate. Choram os soldados enquanto fazem fogo. Uns continuam a combater, cada vez com mais raiva. Outros, porem, sofreram golpe acabrunhador com o ferimento de Osorio. Muitos o crêem morto. Rebenta um principio de panico. Os negros, impressionaveis, consideram-se vencidos, largam as armas e pretendem fugir. Fragoso vê Camargo espadeirando os covardes. Já retiram a Osorio da frente. O ataque paraguayo intensifica-se.

Subito, uma gritaria. E' o proprio generalissimo, o velho Marques de Caxias, que dirige o ataque. Refazem-se os batalhões e volta o impeto. Nada, porém, animou tanto as tropas como duas nuvens mui baixas, que surgem lá ao longe, no fundo do quadro, por detraz dos paraguayos. A voz que as annuncia corre com incrivel rapidez. As duas nuvens vão erescendo e ao mesmo tempo alargando-se. Já abarcam todo o fundo e os lados. Já começam a ser vistas com certa clareza. Já se divisam as primeiras manchas vermelhas das bandeirolas. Rapidamente o horizonte se eriça de lanças. E no meio da torrente de agua, dos trovões e dos relampagos que rasgam o céu, estruge gigantesca gritaria.

— A cavallaria ! A cavallaria !

Os paraguayos vão ficar completamente envolvidos. Comprehenderam os brasileiros a manobra de Caxias e acclamam o chefe. Outros victoriam com jubilo os generaes que

commandam aquelles bosques de lanças: o Barão de Triumpho, Menna Barreto, Camara.

Os tres grandes grupos de homens formavam um arco. E o arco vae-se estreitando e rapidamente. Já estão sobre os paraguayos. O combate agora é principalmente a arma branca. Os paraguayos viram a morte a prazo fixo, e muitos delles são dominados pelo panico. Rapazinhos de quinze annos, ou pouco mais, atiram fóra as armas e pedem piedade. Os brasileiros matam-nos a bayonetadas e a coronhadas. Não ha piedade para ninguem. Não a tem tido o tyranno para com os brasileiros. Em alguns logares, o combate é uma baralhada de homens e cavallos; uns vivos e outros mortos. Cadaveres e feridos são pisados pelos animaes. O solo lamacento tinge-se de vermelho. Misturam-se com a lama e com o sangue as entradas dos homens e dos animaes. Não podem os brasileiros avançar sem passar por cima de centenas de cadaveres.

Os paraguayos, entretanto, formaram um quadrado resolvidos a não render-se, nem entregar a vida facilmente. Defendem-se a tiros, a bayonetadas, agrupados no desespero. Sabem que vão todos morrer. E combatem como jamais se combateu no mundo. Cada homem é um heroe digno de ter acompanhado a Leonidas nas Thermopilas. Dentro do quadrado vão cahindo um a um os paraguayos. Já não são mais que um milhar. Mas a carga continua. Um tiro atinge uma fronte, e um homem tomba dentro do quadrado. E assim vão morrendo. Já estão reduzidos a quinhentos. Onde está o General Caballero?

Asseguram uns que morreu. Mostram outros o seu poncho e as suas esporas. E prosegue a fuzilaria. Só restam trezentos valentes. Milhares de brasileiros rodeando-nos, desarmando-nos, e fazem-nos prisioneiros. A' maioria delles é preciso ferir para tomar-lhes as armas. E com esses prisioneiros e numerosos feridos que foram encontrados aqui e acolá — alguns vão á garupa dos cavallos dos officiaes brasileiros — o exercito vencedor encaminhou-se para Villeta.

(Do livro *Jornadas de Agonia*).

Os imponderaveis na guerra

CAP. ALCINDO NUNES FERREIRA

A CONFIANÇA

A confiança é o elemento que mais poderosamente contribue para, o valor moral de uma tropa. Sua existencia caracteriza-se pela firmeza, serenidade e resolução manifestadas pelos homens, e pela solidariedade, impulsão e ordem com que a tropa combate.

E' factor essencial da disciplina, da cohesão, da audacia e da efficiencia. Sua falta representa o enfraquecimento das qualidades que constituem a ossatura moral da tropa.

Confiança em si mesmo e no material, confiança nos companheiros e, sobretudo nos chefes, taes são as modalidades mais influentes.

O homem só será bom combatente se tiver confiança em si e na arma que maneja. Unicamente pelo desenvolvimento da capacidade individual: vigor phisico, valor moral e habilidade na utilização technica e tactica do armamento, chegar-se-á a esse resultado, que é um dos objectivos da instrucção e da educação do tempo de paz.

São condições que evidentemente se não improvisam e que só o tirocinio mais ou menos longo, permittirá obter com a firmeza indispensavel.

A confiança no armamento tem por base suas qualidades intrinsecas: poder de destruição, efficacia e simplicidade de manejo, com as quaes variará na razão directa. As possibilidades reaes do material devem ser conhecidas com exactidão pelos homens, afim de evitar confianças illusórias, cujo desvanecimento poderá ter serias consequencias, pois, quanto mais se confia na potencia de determinada arma ou engenho, para o ataque ou para a defesa, tanto mais se ficará desmoralizado, desconcertado de vel-a, no momento decisivo, insuficiente para destuir ou deter o inimigo.

Estas fórmas de confiança, porém, não são por si só bastantes para o exito. "O combate não é obra individual, senão collectiva e simultanea". E só será levado a bom termo pela tropa cujos componentes estejam fortemente unidos, solidarios por uma confiança reciproca. E' a confiança nos companheiros condição de inestimável valor !

Um exemplo expressivo nos dão os caçadores, com a pratica de congregarem-se em pequenos grupos para atacar animaes ferozes, que individualmente todos temem. Confiados uns na acção e no valor dos outros afrontam corajosamente os perigos da luta.

A modalidade de maior influencia, porém, é a confiança no chefe, estimula e revigora todas as forças moraes, mantendo-lhes elevado o potencial.

A tropa que tem á frente um chefe no qual não confia, é uma tropa hesitante, sem impulsão moral, facil de desagregar-se á violencia do primeiro choque. Mas, transformar-se-á radicalmente, se fôr dotada de outro chefe que lhe inspire confiança; readquirirá com rapidez todos os

caracteristicos de uma tropa solida, surprehendendo em suas novas manifestações.

A creação do factor confiança é obra individual do chefe. Não precisa ser genio para inspirar confiança á tropa, qualquer chefe consegui-o-á pela ascendencia de suas qualidades moraes e intellectuaes: caracter, energia, intelligencia, bravura, etc... e outras virtudes militares.

A influencia do chefe sobre a tropa está expressivamente synthetisada no vulgar aforismo "a tropa vale o que vale seu chefe", que de modo indirecto traduz toda a grandeza do factor confiança.

Exemplos illustrativos dessa influencia nos fornece a historia. Haja vista o extraordinario effeito que a mera presença ou ausencia de Napoleão causava ás suas tropas na luta de Leipzig, em 1812.

Ha ainda a assinalar a existencia de uma especie de confiança fugaz, illusoria, que se não apoia nos principios adeante apontados e que tão depressa se crea, como se desvanece. É a que tem origem em exaltações ou entusiasmos occasionaes, a cujas oscillações fica subordinada; aujeita, pois, a desfalecimentos imprevistos. Obviamente não serve para s guerra, não pode ser objecto de cogitação.

Devemos possuir "não a confiança entusiasta e irreflectida dos exercitos tumultuarios e improvisados, que vai até ao perigo e se esvae tão rapidamente para dar lugar ao sentimento contrario, que vê trahição por toda a parte; mas, a confiança intima, firme e consciente que não desaparece no momento da accão e que é a unica formar verdadeiros combatentes".

E' um dos pontos fracos das tropas improvisadas, das unidades organizadas no momento da necessidade, nas quaes o desconhecimento reciproco entre seus elementos, impede a existencia da verdadeira confiança, que é a pedra angular da solidez.

Sob qualquer face que se encare o factor confiança, verifica-se sempre a sua grande importancia na guerra e, ao mesmo tempo, o quanto depende de preparação previa. Com effeito, a confiança não se improvisa, só pode ter origem no conhecimento mutuo, que produz a união, desenvolve o sentimento de força e aguça a noção de honra. E o conhecimento mutuo só se obtém pela permanencia suficientemente longa dos homens nas fileiras e pela maior estabilidade dos quadros de officiaes nos corpos de tropa. São os unicos meios de assegurarem-se os indispensaveis laços de confiança reciproca.

A proverbial solidez da tropa ingleza provem do sistema de serviço a longo prazo e da demorada permanencia dos officiaes na mesma unidade.

A confiança que se não formou dos elementos-confiança enumerados, deixa de ser uma garantia do exito, para constituit apenas uma possibilidade aleatoria.

A SOLIDARIEDADE

A natureza essencialmente collectiva do combate dá á solidariedade um valor inexcedivel e sobre ella faz repousar a força suprema dos exercitos.

Esforços individuaes e accões parciaes que se não ligarem por fortes laços de solidariedade, serão fatalmente improficiuos. O grau de resistencia desses laços, fornece a medida da solidez de uma tropa.

A verdadeira solidariedade não se improvisa, nasce do conhecimento e confiança reciprocas e por isso exige tempo para a sua criação. Mas, este por si só não basta para obtê-la; é indispensável uma organização adiquada que permita conservar na guerra os homens sob os mesmos chefes, que os educaram e os instruíram na caserna.

Essa convivência mais ou menos longa, durante a paz, origina certa identidade de hábitos: de agir em conjunto, de obedecer aos mesmos chefes, de comandar os mesmos homens, torna fácil e rápido o entendimento mútuo, ... em suma, crea uma série de circunstâncias que concorrem poderosamente para formar o espírito de solidariedade, o qual mais tarde irá consolidar-se em campanha pela cooperação nos perigos, privações e fadigas comuns.

A solidariedade assim obtida é forte e estável, e não deve ser confundida com a resultante de ocasionais entusiasmos ou exaltações, que é efêmera, de frágil consistência e esvai-se com assombrosa facilidade.

A formação lenta e espontânea desse sentimento, é o único meio de lhe assegurar as características de firmeza e durabilidade.

Os meios coercitivos só devem ser utilizados para opor os limites mínimos, além dos quais a desagregação é fatal. Para esse fim intervêm a disciplina, prevenindo e evitando as esquivanças ou desfalcamentos em face do perigo, capazes de comprometer a ação conjunta.

Haverá tanto maior espontaneidade, quanto melhor fôr compreendida a alta relevância desse sentimento, a necessidade de se lhe submeter, e reconhecido o direito de impô-lo e de restringir as possibilidades de escapar-lhe aos ditames.

Não ha condições ou elementos individuais ou colectivos, que possam suprir as deficiências da solidariedade.

Por maior que seja o valor pessoal dos componentes de uma tropa, esta nada valerá se lhe faltar uma sólida organização, e poderá ser facilmente batida por outra de elementos individuais muito inferiores, porém solidariamente constituídos.

As tropas de ocasião, improvisadas com elementos heterogêneos que se desconhecem, com chefes também estranhos, são organizações frágeis, que têm o sentimento íntimo de sua falta de coesão, que possuem latente o vírus da desconfiança, suscetível de desenvolvimento e propagação súbitas e inevitáveis à menor vacilação, ao primeiro perigo sério, sem embargo dos entusiasmos dominantes. São de fácil desagregação e estão para as tropas sólidas como a mistura está para a liga.

Os processos modernos de combate em nada diminuiram a importância do factor solidariedade, cuja influência na guerra antiga era primacial.

A grande diluição da tropa no terreno, imposta pela potência dos fogos, subdividindo enormemente as ações, ao mesmo tempo que torna imprescindível a solidariedade, facilita sobremodo as esquivanças e dificulta a vigilância e a disciplina.

A extensão e a profundidade dos dispositivos atuais de combate tornam difícil a ação dos chefes sobre as tropas empenhadas e exige dos homens mais desenvolvido sentimento de solidariedade, cujos laços precisam ser tanto mais fortes quanto mais devam alongar-se. Serão maiores a firmeza e o desembaraço nas ações dos elementos que combatem, se maior fôr a garantia de apoio oportunamente nos transes difíceis e a segurança nos flancos e na retaguarda.

As accões decisivas no combate são sempre obra das tropas que permanecem maior tempo na mão do chefe, que se conservam por mais tempo em ordem, com todos os seus elementos solidarios.

Varios exemplos historicos afirmam o valor das tropas solidamente constituidas, sobre outras muito mais numerosas, mas de menor cohesão. Os romanos varias vezes o demonstraram.

Marius, á frente de suas legiões (50.000h) enfrenta a onda avassaladora dos cimbrios (200.000 h), na planicie de Vercel, infligindo-lhes completa derrota, aprisionando 60.000 e matando duas vezes mais.

Os cimbrios, como todos os barbaros, eram individualmente de uma bravura extraordinaria, superior á dos romanos, mas estes pela organização, pela noção de solidariedade, dever e patriotismo, pela ferrea disciplina, possuiam uma solidez inegualavel, que difficilmente podia ser destruida.

Sila, na batalha de Cheronéa, com 30.000 homens, bate completamente os 110.000 de Archelaus.

Os japonezes, em suas campanhas contra os russos e contra os chins, evidenciaram o quanto vale um exercito pequeno, instruido e solido em face de massas consideraveis, porém, de organização fraca e de valor moral inferior.

Ser assignante de "A Defesa Nacional" é uma demonstração de amor á profissão, porque isto constitue cooperação para existencia de uma Revista Militar, unica completa e que ha 21 annos vem difundindo o que de mais moderno existe em assumptos militares.

Ser assignante de "A Defesa Nacional" é facilitar a si proprio a acquisição dos livros e regulamentos indispensaveis ao cumprimento do dever diario, pois a Revista mantem uma Secção de Vendas de Livros, por intermedio da qual o Sr. poderá adquirir qualquer livro existente no Rio de Janeiro ou no Estrangeiro.

Ser assignante de "A Defesa Nacional" é manter-se ao par dos factos mais importantes ocorridos no Paiz e que se relacionem com o Exercito, pois a partir de janeiro a Revista manterá uma secção noticiosa em que tais factos serão publicados.

"A Defesa Nacional" não pertence á pessoas e sim ao Exercito; o Sr. faz parte desse Exercito e não pode, nem deve, se conservar indiferente á sorte da Revista

"Eu precisava mostrar aos soldados que o seu general era capaz de ir até aonde os havia mandado".

OSORIO.

TRECHOS DE OURO

“Os que sabem soffrer pelas suas ideias, quando elles são de amor e de concordia, vencem sempre. Sempre que um homem foi a encarnação de um principio e soube morrer por elle, o sangue do seu martyrio é a aurora do seu triumpho.

Podem cuspir-lhe nas faces, arrastal-o atravez dos vilipendios os mais ignominiosos, tortural-o com o suplicio mais infamante: seu nome resurgerá atravez dos seculos, floescendo em bençãos os espinheiros da maldição de outrora”.

JOSE' DO PATROCINIO

“Eu, por mim, trabalho muito, medito constantemente.

Si estou sempre apto a responder a tudo e a tudo dar remedio, é porque, antes de qualquer emprehendimento, meditei demoradamente sobre elle, prevendo tudo quanto podia acontecer.

Não é o meu genio que revela d'improviso ou me segreda o que devo fazer ou dizer, em uma certa emergencia, que para os outros se converte em surpreza: é a reflexão, é a meditação. Trabalho sempre, ainda mesmo na mesa ou no theatro; durante a noite levanto-me para trabalhar”.

NAPOLEÃO BONAPARTE

NOGUÍ

por FELICIO TERRA

O general fez saber que precisava de 300 voluntários para uma missão arriscada, da qual ninguém voltaria. O exército inteiro apresentou-se. A custo, ficou assentado que seriam aceitos os solteiros, que não tivessem mãe viva para chorar as quentes lágrimas da saudade.

A sorte designou, dentre muitos, os 300 que iriam destruir as cercas de arame. No momento da partida, um tenente de artilharia atravessou rapidamente o espaço que o separava do general, chegou-se a este, e, em atitude de continencia, disse:

— Tenho mãe viva, mas vou.

Noguí fitou-o, impassível. Depois, fechou as palpebras por alguns segundos, reabriu-as, sorrindo, e respondeu:

— Vae, meu filho.

A columna moveu-se e Noguí acompanhou-a com o olhar, através a escuridão da noite.

— De rastros — ordenou o major.

Os voluntários da morte cahiram sobre o ventre e emprehenderam a translacão dos reptis.

De subito, um triangulo de luz branca com vertice no forte russo, encheu a planicie de claridades. A traça dos japonezes estava descoberta e a columna expedicionaria ameaçada de extermínio.

Os voluntários iam cortando as cercas e iam morrendo. Por fim, já perto do forte, um tenente japonês, ultimo talvez que restava dos 300, levantou-se, tirou do bolso uma caixinha de metal, riscou um phosphoro, accendeu a massa da caixinha e projectou no espaço uma intensa luz azul brilhantissima: era o signal esperado do acampamento.

Na madrugada, com furia irresistivel, os japonezes to-

maram de assalto o forte de Oeste, depois de uma tremenda carnificina.

O general mandou enterrar os mortos. Junto á ultima cerca, com o corpo crivado de balas, a bocca sanguinolenta e a cabeça voltada para o lado da montanha do Lobo, encontraram o cadaver de um tenente de artilharia, com a mão crispada, segurando uma caixinha de metal.

Trouxeram-no para o general. Noguí contemplou o corpo de seu filho querido, enxugou com o dorso da mão esquerda uma lagrima furtiva e, voltando-se para os officiaes do seu estado maior, disse pausadamente:

— Não estou bom dos meus olhos: de vez em quando, choro sem saber por que!

Cinco meses mais tarde, os japonezes entraram em Porto Arthur, que se rendera.

Stoessel foi ao encontro de Noguí e saudou-o.

O vencedor, acurvado e humilde, olhava tristemente para a cidade em escombros. Apertou a mão do general russo e offereceu-lhe um almoço.

Sentados á mesma mesa, os inimigos da vespera conservaram-se silenciosos. Foi Stoessel quem rompeu a mudez:

— Quantos filhos tem, general?

— Tive dous, que morreram na guerra; um, no Yalú, outro junto ao reducto de Oeste, queimando o pó azul.

Stoessel, commovido, apoiou a face na palma da mão e inquiriu carinhosamente:

— E sua mulher, general?

Noguí abafou um suspiro:

— Vae morrendo, como eu, de saudades.

O russo estremeceu; e tomindo o punho do japonez ponderou:

— General, sua missão na guerra está finda. Volte para sua terra; vá amparar, agora, a alma desfalecida da pobre mãe, sua esposa.

Noguí abriu os olhos, numa estranha expressão de surpresa; depois, com calma sobrehumana, respondeu:

— Precizo, antes de tudo, amparar com meu devotamento a alma da minha pátria. Ficarei na guerra, até vencer... ou até morrer.

E esboçando um sorriso, encheu de vinho o copo do general Stoessel, que chorava !

“O exercito é o envolucro da nação, a armadura de aço que assegura a cohesão do todo e o preserva das quedas e dos choques”

Cm. E. COSTE.

A DEFESA NACIONAL

EXPEDIENTE

I. Sede provisória da administração:

Q. G. do Exercito, edifício de madeira. Aberta das 14 às 17 horas.

II. Correspondencia para a Caixa Postal n.º 1602.

Discriminar no endereço: *Ao Secretario*, assumptos de colaboração; *Ao gerente*, assumptos de assignatura; *Ao Bibliothecario*, encomendas de publicações.

III. Preços de assignaturas

Anno.....	18\$000
Semestre.....	10\$000
Número avulso.....	2\$000
Para Sargentos, semestre.....	8\$500
Cadetes e alunos do C. P. O. R.....	1\$500

Livros que fazem falta em qualquer bibliotheca

<i>Manobras da Circumscripção Militar</i> (Setembro de 1931 sob a direcção do Gen. Klinger.....	4\$000
<i>Ensinamentos taticos sobre a D. I. na offensiva —</i> Ten. Cel. Gentil Falcão.....	3\$000
<i>A Defesa Nacional</i> — Ten. Cel. Gentil Falcão.....	5\$000
<i>Operações de um D. I. durante a Grande Guerra</i> , Gen. Gamelin e Cmt. Petibon.....	12\$000
<i>A batalha de St. Quentin-Guise</i> , Ten Cel. Langlet...	6\$000
<i>Impressões do estagio no Exercito francez</i> — Ten Cel. J. B. Magalhães.....	2\$000
<i>Manual de licenças</i> , Cap. Silva Barros.....	7\$000
<i>Combate de infantaria</i> , Major Soares dos Santos...	6\$000
<i>Os pombos correios e a defesa nacional</i> , Dr. Freitas Lima.....	3\$000
<i>Pela gloria de Artigas</i> , Cap. Salgado.....	6\$000
<i>Formulario do Contador</i> , Cap. José Salles.....	4\$000

Nos preços não incluimos o porte.

Os pagamentos das assignaturas devem ser feitos adequadamente e começam com o numero de Janeiro ou de Julho.

Art. 26. A administração e os redactores são responsaveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, as ideias espendidas nas collaborações assignadas.

Os originaes dos trabalhos não serão restituídos.

Secção de Infantaria

Redactor: Floriano Brayner

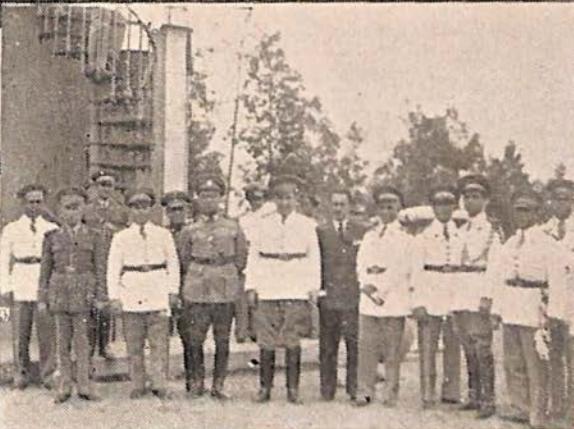
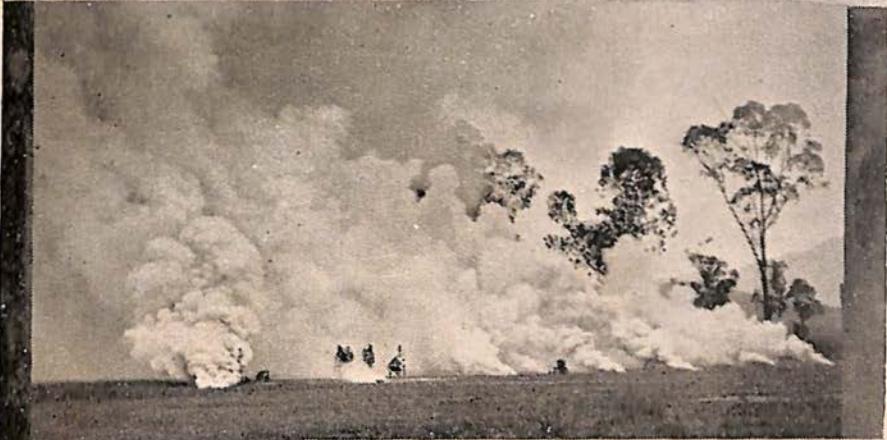
Auxiliares: Segadas Vianna

Nilo Guerreiro

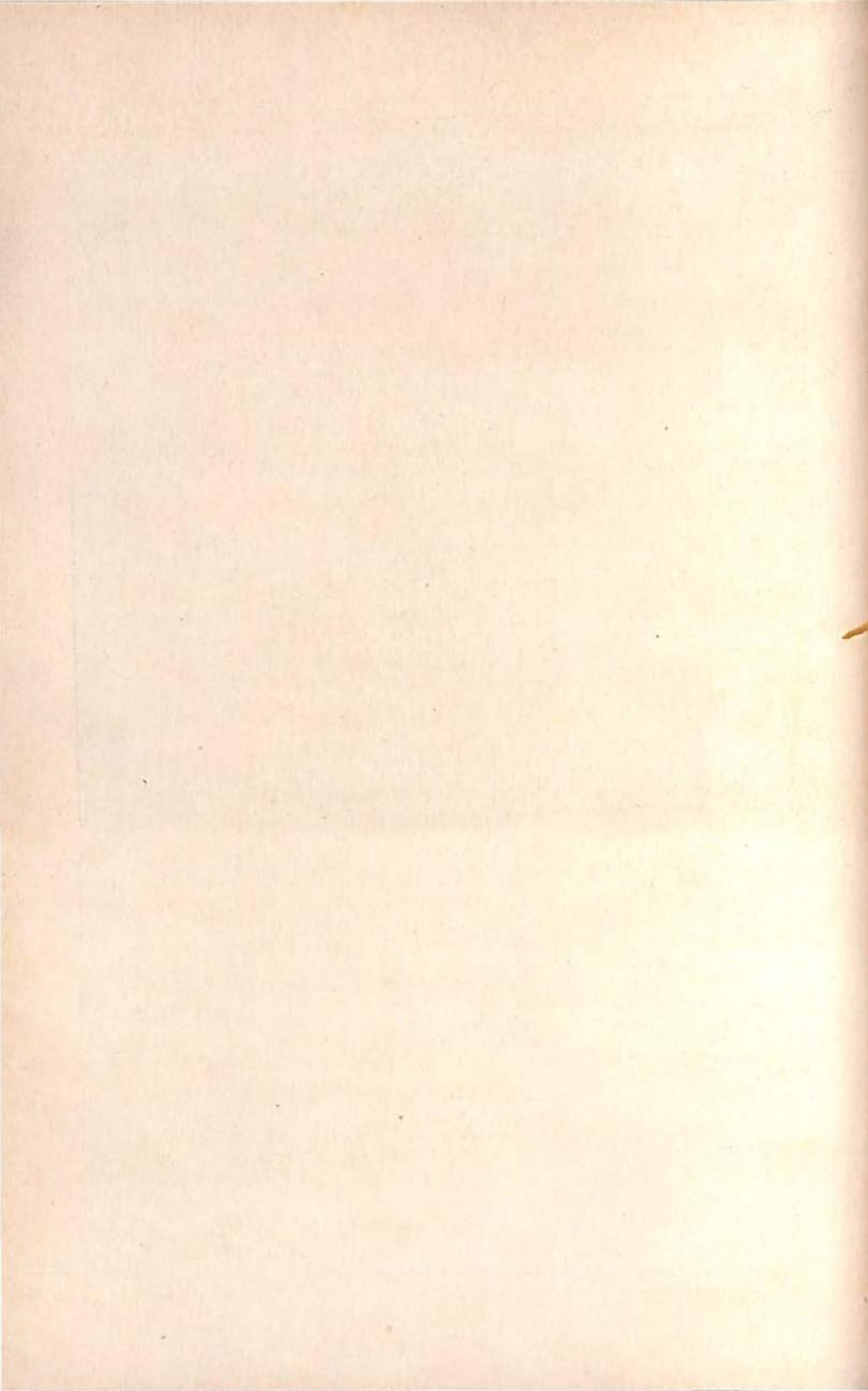
Manoel Guedes

Coêlho dos Reis

Ignacio Rolim



Em cima: a passagem do Parahyba a nado pela Escola de Cavalaria. Ao centro: os infantes do C. A. S. transpõem uma cortina de fumaça. Em baixo: a esquerda, um sargento alumno esboça um croquis panoramico e à direita, as autoridades que compareceram ao encerramento dos trabalhos do C. A. S. da E. I.



Revista de Infantaria (franceza)

Maj. F. Brayner

I — Todos os nossos profissionaes estudiosos conhecem bem, o valor industrial desse valioso orgão technico de publicidade que, mensalmente, sob as vistas do Ministerio da Guerra da França (Direction de l'Infanterie), traz a lume questões doutrinarias sobre o emprego da "rainha das armas", de um interesse palpitante, tratados com um largo espirito de eletismo.

Nomes dos mais abalisados no Exercito francez, firmam, muito comumente, trabalhos da mais larga repercussão nos nossos meios militares, pelas afinidades doutrinarias que nos ligam aos commandados do nosso mestre General Gamelin.

Touchon, Loizeau, Paillé, Thierry, Favatièr, Besnard, Henry Martin, Gautsch e tantos outros espiritos brilhantes, já tem os seus nomes familiarizados nos nossos meios estudiosos.

II — Temos em nosso poder o numero de Outubro ultimo, repleto, como os anteriores, de assumptos de palpitante actividade.

Sob o titulo "O oficial", abre esse numero, a conferencia pronunciada pelo Cmt. Chouteau na "Escola Especial Militar", por occasião da terminação do curso, a proposito da ardua missão do official — "conduzir homens ao fogo, podendo dispor de suas vidas".

Escrive o autor:

"Nossa missão — vós o sabeis — é dar ao paiz um Exercito capaz de assegurar:

— a manutenção da integridade do seu sólo e do seu patrimonio, sob todas as suas fórmas;

— consequentemente, a independencia e a grandeza da Patria.

Bens, esses, que se nos afiguram mais caros e preciosos que todos os outros, até mesmo a vida !

E' nesse elevado plano que devemos, que deveis vos collocar, si desejaes aprehender todo o alcance, toda a nobresa do nosso papel de official: Instruir e Commandar".

Todo o trabalho do projecto mestre do Curso de Emprego das Armas é vasado nessa linguagem elevada, falando simultaneamente ao cerebro e ao coração dos jovens officiaes. Ha trechos d'uma infinita sabedoria em que se evidencia o senso psychologico do autor:

"Conservae a confiança e a fé compativel com a vossa idade, e procurae empregar vossos homens; o vosso papel, com isto, se engrandecerá e será singularmente suavizado.

Se — com a idade — algumas das vossas illusões se evolarem, a firmeza de vossa alma, então consolidada, permitirá conservar a fé e dominar a adversidade".

E' todo assim, o bello trabalho do Cmt. Chouteau.

III — Outra interessante collaboração é a do Cel. de Art. Gautsch, intitulada: "O A. B. C. do emprego da Artilharia". Trata-se de um projecto artilheiro, que teve relevante actuação na Grande Guerra; a sua

opinião, por isto mesmo, tem um grande acatamento. O autor estuda com particular interesse a actuação em conjunto Artilharia-Infantaria, enquadrando-a dentro dos seus limites racionais, com grande simplicidade e justeza de expressões.

Focalisa, de inicio, o problema dos fogos da Art. e a sua manobra propria, condicionada por duas categorias de factores: os meios disponíveis, de um lado; e d'outro, os resultados a attingir. Os primeiros não comportam nenhuma dúvida; quanto aos segundos, porém, compete ao Commando fixal-os, de acordo com circunstâncias variadas, que se presentam a soluções diversas e mais ou menos felizes.

Ao artilheiro cabe satisfazer o desejo do Chefe; é uma questão de pura técnica, em que elle vai empregar o maximo de sua perfeição, mas, com aquella condição sempre angustiosa: que não se lhe peça o que esteja na impossibilidade material de fornecer.

Em torno desta questão, o Cel. Gautsch tece comentários serenos e muito razoaveis, comparando a Artilharia, no combate, a uma empreza industrial, encarregada de consumir projectis com meios mecânicos e uma mão de obra appropriada. Como tal, é susceptivel, apenas, de um rendimento maximo perfeitamente determinado.

Passa, em seguida, ao estabelecimento de algumas formulas, muito rudimentares, a proposição das possibilidades da Art., num ataque a uma determinada frente. Focalisa a actuação de um Coronel de Inf. que tem por missão apoderar-se de um conjunto de organizações. Dispõe de um agrupamento de apoio directo, comprehendendo n canhões de 75, podendo empregar na preparação do ataque um credito global de munições A . Além disto, o Commando Superior fixa, para essa phase do combate, uma duração de T minutos.

A esse conjunto, o autor chama "os meios disponíveis". Passa, depois, aos "resultados a attingir", argumentando com a mesma simplicidade, até o estabelecimento das formulas a que nos referimos, das quaes

$N = n \cdot q \cdot t$, com $N \leq A$ e $t \leq T$,
synthetisa o conjunto de ideias. Ahi, temos:

A = credito de munições disponivel;

T = tempo avaliado para a operação considerada;

n = numero de canhões disponíveis;

q = consumo médio do canhão durante a operação considerada;

N = consumo total necessário á execução dos fogos pedidos á Artilharia;

t = duração da execução desse plano de fogos.

Por mais modestas que pareçam, essas formulas se impõem com todo o rigor mathematico. Artilheiros e infantes são forçados a guardar-lhes o maximo respeito.

Não nos sendo possível dar maior extensão a esta apreciação, resta-nos recommendar, pelo seu real interesse, o trabalho do Cel. Gautsch.

IV — Uma interessante colaboração deste numero, é o substancial artigo do Commandante Kuntz intitulado: "Um espectador de Infantaria nas escolas de fogo de Artilharia".

Trata exhaustivamente da questão da ligação tactica Infantaria — Artilharia, bordando comentários em torno do pretenso isolamento do artilheiro, absorvido pela técnica do tiro nas suas escolas de fogo. No dizer do Cmt. Kuntz, a verdadeira ligação significa, precisamente, a interpenetração profunda dos pensamentos, das palavras e das actos.

E este desideratum não se alcança simplesmente com as raras manobras em que se agitem, em commun as tres, quatro ou cinco armas, pois, nessa occasião apenas se constatam os resultados d'uma instrucção já consumada.

E, no entanto é essa instrucção mesma, a parte fundamental do perfeito entendimento entre as armas.

Resolveu o autor, por isso, acompanhar as escolas de fogos da Artilharia da sua Divisão, para melhor ajuizar. E ahi, colheu observações preciosíssimas, entre as quaes sobreleva a certeza de que "a Infantaria tem e deve ter confiança absoluta na sua Artilharia, verdadeiramente à altura da sua tarefa...."

Desejando transmittir essas suas observações, o Cmt. Kuntz deixou de lado os themes para encarar o assumpto no terreno das *ideias geraes*, procurando estabelecer um melhor entendimento entre infantes e artilheiros.

De inicio, como um dos escólhos para tal realização, elle aponta a falta de uma linguagem, de um lexico commun. O artilheiro, em virtude da sua propria formação, é preciso; o infante, particularmente quanto ás cousas de Artilharia, é muito vago.

E por ahi segue o interessante artigo do Cmt. Kuntz, que merece ser lido e meditado.

Entre nós, a systematisação das escolas de fogo, só existe na Escola de Artilharia, onde, honra-lhe seja feita, ultimamente as armas tem trabalhado em conjunto. E' forçoso reconhecer, entretanto, que a criação da Escola de Armas muito difficultou esse mutuo entendimento.

V — A prova de Applicação de Tactica, para a matricula na Escola Superior de Guerra, de Paris, concurso do anno corrente, foi como de costume, muito laboriosa. O Commandante Z. apresenta, nesse numero da Revista, uma solução possível, para os multiplos problemas que a mesma encerra, com uma larga margem de ensinamentos valiosos para o estudo dos casos concretos.

VI — O Cmt. Desroche subscreve um pequeno e interessante trabalho — "Notas sobre a observação do tiro dos petrechos de acompanhamento" —, com a colaboração do Cap. de l'Eprevier. Este artigo foi inspirado por um outro do Cap. de l'Eprevier publicado no numero de Maio ultimo, sobre o mesmo assumpto.

Cuida particularmente da possibilidade de se regular o tiro dos petrechos, quando não se dispõe de observatorio nas proximidades imediatas das peças. São processos muito simples, ao alcance dos sargentos, e por isto mesmo, de real utilidade.

VII — Encerra finalmente, o numero de Outubro da Revista, o trabalho "A Cadeia", que é um methodo completo para a instrucção dos recrutas na Infantaria. Estabelecido, dia a dia, por um grupo de instructores escolhidos, consagra uma longa experiença. Comprehende 24 cadeias particulares, correspondentes a 24 matérias de estudo. E' baseado no processo das fichas de trabalho. O artigo se divide em 3 partes: uma introdução que define o fim a alcançar, firmada pelo Cmt. Lousautau; quadros de organização; exemplos de fichas.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para esta publicação, de uma utilidade indiscutível. Aventamos, mesmo a ideia de que um grupo de instructores se proponha a traduzir e adaptar ao nosso meio, tão importante trabalho, que poderá prestar os mais relevantes serviços aos nossos methodos de instrucção.

**Directrizes e programmas de instrução
para o curso de candidatos a sargentos
no 2.º Regimento de Infantaria**

Pelo Cap. IBSEN LOPES DE CASTRO

I — OBJECTIVO DA INSTRUCCÃO:

O CURSO DE CANDIDATOS A SARGENTOS visa ampliar os conhecimentos dos sargentos sem o curso de sargentos da Escola de Infantaria e aperfeiçoar os cabos, preparal-os para o desempenho das funções de sargentos de reserva (art. 121 — 1.^a Parte do R. E. C. I.).

- aperfeiçoal-os como monitores e commandantes de G. C.
 - preparal-os como commandantes de unidade constituída (Pel.).
 - ampliar-lhes a cultura militar em geral.

II — DIVISÃO DA INSTRUÇÃO:

A instrução no C. C. S. terá um programma especial baseado no curso normal do C. A. S. (art. 121 — 1.^a Parte do R. E. C. I.).

A instrucción comprehendrá uma parte technica e outra tactica.

Na primeira serão levados em conta:

- A) — Maneabilidade
 - B) — Ordem Unida
 - C) — Armamento e tiro
 - D) — Organização do Terreno
 - E) — Topographia
 - F) — Transmissões
 - G) — Observação
 - H) — Educação Physica
 - I) — Educação Moral e Instrucção Geral
 - J) — Hygiene e Soccorros Medicos — Soccorros de Urgencia
 - K) — Escripturação Militar.

A parte tática comportará:

- A) — Serviço em Campanha,..... } Individual
..... } Unidade const. (Pel.)

B) — Combate.....	{ Individual Unidade const. (Pel.)

III — DESENVOLVIMENTO DA INSTRUÇÃO:

O tempo de duração do curso é de 3 meses (art. 121, 1.^a Parte do R. E. C. I.) e será dividido em 3 periodos:

1.^o PERÍODO

de 4 de junho a 20 de julho — Período de preparação e de treinamento. Este período será consagrado:

a) — A colocar os candidatos habilitados, como perfeitos executantes: na instrução complementar dos soldados de fileiras (soldados do G. C. e da peça), na de observadores, agentes de transmissão, etc.

Além disso deve conhecer o funcionamento, o tiro e a direcção do fogo do Fz., F. M. H. e Mtr.; poder tomar parte como monitores no adestramento dos recrutas; conhecer as funcções de cabo no serviço interno e no de guarnição; saber comandar na ordem unida e na maneabilidade o G. C. e a peça.

b) — Nivelar os conhecimentos básicos indispensáveis ao ensino do combate (adestramento na instrução individual, leitura de cartas, etc.).

2.^o PERÍODO

de 21 de julho a 10 de setembro — Período essencial de applicação.

a) — Tratar-se-á nesse, de conduzir progressivamente os candidatos na prática de comando dos G. C. e da peça, pelotões e secções, nas principais situações da vida em campanha.

b) — Na educação física, no fim deste período, conhecer:

1.^o — Ficha individual, sua organização e seus fins;

2.^o — Lições de educação física, sua organização e seus fins.

c) — Ter noção clara das regras de higiene, socorros médicos de urgência e do funcionamento do serviço de saúde no âmbito do R. I.

d) — Conhecer com relativa prática as regras essenciais de administração da Cia.

e) — Conhecer as funcções de sargento no serviço interno e no de guarnição.

3.º PERÍODO

de 11 de setembro a 17 de setembro — Encerramento do CURSO e exames. Na eventualidade de uma prorrogação do CURSO, tal período será dedicado á revisão dos principaes assumptos,

IV — MÉTODO DE ENSINO:

No que concerne a todas as fórmas de instrução tática, o unico processo adoptado será o estudo de casos concretos, quer no terreno, quer no caixão de areia.

Em principio, esse estudo será feito pelos proprios candidatos sob a direcção do instructor.

Cada ensinamento dará logar a trabalhos escriptos do proprio candidato, seja em sala, no terreno, ou no decorrer do exercicio, de forma que todos, ante a possibilidade de um questionario por escripto no momento, sejam obrigados a prestar a maxima atenção.

Esse trabalhos (questionarios) escriptos, serão completados por trabalhos escriptos á domicilio ou em sala.

As medidas acima visam a instrução do CURSO DE CANDIDATOS A SARGENTOS para um sentido cada vez mais pratico, e obrigar os candidatos a um trabalho individual.

Em cada sessão de instrução, um certo numero de candidatos agirão como monitores, segundo a rotação organizada pelos respectivos instrutores.

V — MODO DE JULGAR O APROVEITAMENTO DOS CANDIDATOS:

1.º — Do Exame parcial

Os candidatos serão submettidos a um exame parcial que se realizará no fim do 1.º PERÍODO DE INSTRUÇÃO e terá por fim verificar se estão em condições de prosseguir no CURSO.

O exame constará de:

- uma prova escripta de topographia (emprego e leitura da carta) e outra oral da parte technica.
- Essas provas serão corrigidas e dirigidas pelo director do CURSO

— O candidato que obtiver em qualquer das provas grão inferior a 4,00, será considerado sem aproveitamento e imediatamente desligado.

2.^o — Do modo de julgar o aproveitamento dos candidatos

O aproveitamento dos candidatos será apreciado em função dos trabalhos escriptos em aula, das arguições oraes e da actuação dos mesmos nos exercícios no terreno.

Será expresso em nota de 0 (zero) a 10 (dez). A media arithmetica das medias mensaes relativas ás disciplinas ensinadas no CURSO constituirá a media annual correspondente a cada uma dessas disciplinas.

A conta do anno será a media arithmetica das medias annuaes assim obtidas.

No fim do 2.^o PERIODO DE INSTRUÇÃO, os instructores emitirão sua opinião escripta sobre cada um dos candidatos, afim de orientar a apreciação do director do CURSO. A desse ultimo será expressa em um grão de 0 (zero) a 10 (dez), que constituirá a nota de aptidão. No julgamento de todas as provas escriptas serão levadas em conta a correcção de linguagem, a clareza de exposição e a fórmula dos trabalhos apresentados.

3.^o — Dos exames finaes:

Terminados os trabalhos do CURSO, no 3.^o PERIODO, terão inicio os exames. As provas serão julgadas em notas expressas de 0 (zero) a 10 (dez) e só haverá exames oraes. As provas de exames oraes serão pres-tadas perante uma comissão julgadora, auxiliada pelos instructores do CURSO.

A nota de classificação final dos candidatos será expressa pela media arithmetica:

- a) — a da conta do anno;
- b) — da media dos grãos obtidos nos exames;
- c) — da nota de aptidão.

Os candidatos que obtiverem conta de anno inferior a 4,00 não po-derão fazer exames, sendo imediatamente desligados por haverem cursado o C. C. S. sem aproveitamento.

Igual procedimento será observado em relação aos que obtiverem, como nota de classificação final, um resultado também inferior a 4,00.

Terminados os exames, o Director do CURSO organizará a relação de classificações dos candidatos, a qual será remettida ao Cmt. do R. I.

VI — INSTRUCTORES:

Os officiaes instructores são assim distribuidos:

Combate e Serviço em Campanha Maneabilidade,	{ 1.º Tenente AMERICO DE ALVARENGA GUALTER
Instrução Geral e Educação Moral	
Topographia e Observação.....	{ 1.º Tenente HUGO MENDES VILLELA
Educação Physica.....	{ 2.º Tenente DILERMANDO GOMES
Ordem Unida.....	MONTEIRO
Armamento e Tiro.....	
Organização do Terreno.....	{ 1.º Tenente ROBERTO DE PESSÔA
Transmissões.....	
Escripturação Militar.....	{ 2.º Tenente AUGUSTO GOMES
Hygiene e Socorros Medicos.....	{ 1.º Ten, Medico OSWALDO FONTES

VII — HORARIO:

A) — O C. C. S. obedecerá o seguinte HORARIO: (Bol. Reg. de 7/6/934)

2.ª FEIRA.....	das 13 ás 15 hs.
3.ª FEIRA.....	das 7 ás 10 e
5.ª FEIRA.....	das 13 ás 15 hs.
6.ª FEIRA.....	das 7 ás 10 e
	das 13 ás 15 hs.
	das 13 ás 15 hs.

B) — Na medida do possivel, os trabalhos escriptos em sala serão ás quartas-feiras á tarde.

PROGRAMMA

DESENVOLVIMENTO DOS ASSUMPTOS A ENSINAR NO CURSO DE CANDIDATOS A SARGENTOS

I — EDUCAÇÃO MORAL:

Como programma de recrutas e mais:
— A familia e a sociedade

- As forças moraes na guerra
- Princípios de educação moral do soldado
- Vários dos quadros na paz e na guerra.

II — INSTRUÇÃO GERAL:

- Aproveitar todos os casos concretos para ensinamento dos diferentes deveres e direitos.
- Deveres do sargento no serviço diário e de guarnição
- Continencia e signaes de respeito
- Transgressões e crimes
- Organização do Exército
- O Serviço Militar
- Organização Política do Brasil
- Rudimentos de História Patria, Geral e Militar
- Emprego da máscara contra gás.

III — EDUCAÇÃO PHYSICA:

- Ligeiras informações sobre o método de educação physica e a necessidade de sua prática
- Regras gerais de aplicação do método
Ficha individual, sua organização e seus fins
- Lição de educação physica, sua organização e seus fins
- Lição de aplicação militares mais completas:
 - a) esgrima bayoneta
 - b) lançamentos de granadas
 - c) treinamento de fuzileiros
 - d) treinamento das metralhadoras
 - e) ataque e defesa
- Concursos desportivos.

IV — ORDEM UNIDA:

- Movimentos sem arma e com arma, como na instrução de recrutas. Aperfeiçoamento da instrução;
- Prática dos processos e regras úteis.
- Trabalho como monitor.
- Prática do comando do pelotão e da seção de metralhadora no serviço interno, no de guarnição e nas paradas.

V — MANEABILIDADE:

- Como na instrução de recrutas; aperfeiçoamento na instrução,
- Método de instrução das escolas do grupo e da peça.

- Pratica dos processos e regras.
- Situações e movimentos do pelotão nos exercícios de maneabilidade da Cia.
- Trabalho como monitor.
- Pratica do commando do pelotão e da secção de metralhadora.

VI — ARMAMENTO E TIRO:

A) — Instrucção do atirador de fuzil ou mosquetão.

a) Armamento:

- Como na instrucção de recrutas. Aperfeiçoamento.
- Trabalho como monitor.
- Processos de ensino.

b) Tiro:

- Methodos e processos de instrucção de tiro.
- Papel do monitor e do instructor.
- Escripturação do tiro.
- Linhas e campos de tiro. Pessoal de serviço dos campos de tiro.

B) — Instrucção dos fuzileiros atiradores.

a) Armamento:

- Como na instrucção de recrutas. Aperfeiçoamento.
- Trabalho como monitor.
- Processos de ensino.

b) Tiro:

- Methodos e processos de instrucção de tiro.
- Papel do monitor e do instructor.
- Escripturação de tiro.
- Papel do commandante do G. C. na direcção do fogo.

C) — Instrucção do Metralhador

a) Armamento:

- Como na instrucção de recrutas. Aperfeiçoamento da instrucção.
- Processos de ensino.
- Escola da secção.
- Trabalho como monitor.

b) Tiro:

Methodos e processos de instrucção.

— Papel do instructor e do monitor.

— Escripturação do tiro.

— Papel dos commandantes de peças e de secção na direcção do fogo.

D) — Instrucção do granadeiro:**a) Armamento:**

— Granadas de mão:

1) Como na instrucção de recrutas, Aperfeiçoamento da instrucção;

2) Processos de ensino;

3) Trabalho como monitor.

— Granadas de fuzil:

1) Como na instrucção de recrutas;

2) Processos de ensino;

3) Trabalho como monitor.

b) Tiro:

— Granadas de mão:

— Methodos e processos de instrucção.

— Escripturação do tiro.

— Papel do instructor e do monitor.

— Granadas de fuzil:

1) Methodos e processos de instrucção

2) Escripturação do tiro

3) Papel do monitor e do instructor.

E) — Instrucção do atirador de pistola:**a) — Armamento:**

— Como na instrucção de recrutas. Aperfeiçoamento da instrucção

— Processos de ensino.

— Traba'ho como monitor.

b) — Tiro:

— Methodos e processos de instrucção.

— Escripturação do tiro.

— Papel do instructor e do monitor.

F) — Instrução do servente do morteiro:

a) — Armamento:

- Operações essenciaes para utilizar o morteiro
- Funcionamento
- Caracteristicos
- Munição
- Escola da Peça
- Trabalho como monitor.

b) — Tiro:

- Instrução preparatoria
- Tiros de instrução
- Instrução para o combate
- Papel dos commandantes de peça e de secção na direcção do fogo.

VII — TRANSMISSÕES:

- Signalisação a braços; alfabeto Morse.
- Mensageiros.
- Estafetas.
- Signalisação optica.
- Signalisação por artifícios.
- Signalisação por painéis — ligação com o avião.
- Noções succinctas sobre o emprego dos outros meios de transmissão: T-P-S; T-S-F; telegraphos; pombos correios e cães.
- Noções sobre os processos de instrução para formação do agente de transmissão e dos signaleiros.
- Trabalho como monitor.

VIII — TOPOGRAPHIA E OBSERVAÇÃO:

- Conhecimento do terreno.
- Processos de observação.
- Exercícios de avaliação de distâncias a olho nu.
- Emprego no binóculo na observação.
- Exercícios preparatórios para leitura de cartas.
- Exercícios de redacção de informações sumárias.
- Utilização das bussolas portáteis.
- Instalação sumária e funcionamento de um posto de observação durante o combate (mechanismo).

- Papel do monitor da instrucção de observação.

IX — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO:

— Demonstração da ferramenta portatil e de parque e indicação do emprego apropriado de cada uma.

— Construcção do abrigo sumario para o atirador de fuzil.

— Nomenclatura e dimensões dos diferentes elementos de uma organização.

— Construcção dos elementos de trincheira e de sapa.

— Construcção de espaldões para as armas automaticas.

— Construcção de obstaculos.

— Preparação das obras de faxina e dos saccos de terra.

— Idéa de conjunto sobre a organização de um sub-quarteirão.

— Papel do instructor de Organização do Terreno.

X — ESCRIPTURAÇÃO MILITAR:

— Escala de serviço.

— Grade rações de etapas.

— Pernoite.

— Roteiro da guarda do quartel.

— Tabella de vencimentos das praças.

— Riscar a relação de vencimento das praças.

— Escripturação das cadernetas das praças.

— Partes.

— Pratica de fardamento.

— Pratica de vencimentos.

XI — HYGIENE E SOCCORROS MEDICOS DE URGENCIA:

— Importancia da hygiene e dos soccorros medicos de urgencia,

— Principios geraes de hygiene individual,

— Noções de hygiene collectiva,

— Prophylaxias das doenças venereas,

— Regras hygienicas a serem observadas. (nos exercicios em geral e principalmente nas marchas).

— Meios de evitar e remover os accidentes locaes produzidos pelo calçado, mochila, perneiras, etc., durante as marchas e os exercicios.

— Pacote de curativo invididual e sua applicação.

— Noções elementares sobre anatomia,

XII — INSTRUÇÃO TÁCTICA:

- Generalidades sobre a instrução para o combate.
- Conhecimento e utilização do terreno.
- Emprego das armas em combate.
- Preparação para as missões individuais.
- Deveres em combate.
- Instrução individual do serviço em campanha

1) Uniforme de campanha:

- a) Dotação commun a todos os homens;
- b) Dotação particular a cada homem.

2) Marchas de estrada:

- a) Preparação da marcha;
- b) Formação da columna;
- c) Execução da marcha;
- d) Medidas de segurança;
- e) Medidas de hygiene.

3) Estacionamento:

- a) Diversos modos de estacionamento;
- b) Preparação do estacionamento;
- c) Acantonamento;
- d) Bivaques e acampamentos;
- e) Serviço no estacionamento;
- f) Medidas de segurança;
- g) Medidas de hygiene.

4) Serviço de Segurança:

- a) Objetivo da segurança;
- b) Meios geraes de segurança;
- c) Destacamento de segurança em estacionamento:

5) Deveres em campanha:

- a) Disciplina do segredo
- b) Informações de transmissões
- c) Deveres de economia
- d) Proibições diversas
- e) Policia
- f) Conducta em paiz inimigo
- g) Como prisioneiro.

XIII INSTRUÇÃO DE UNIDADES CONSTITUIDAS

A — Escola

1 — do Grupo

- Fogos do grupo de combate
- a) Princípios
- b) Fogos de fuzil metralhador
- c) Fogos de fuzis e mosquetões
- d) Granadas de fuzil
- e) Granadas de mão

2 — Movimentos do grupo de combate

- a) Princípios
- b) Progressão fóra das zonas batidas
- d) Progressão sob os fogos de Artilharia
- e) Progressão sob os fogos de Infantaria

3 — Approximação e tomada de contacto

- a) Regras Geraes
- b) Pontos particulares a estudar:

1 — Approximação executada em terreno livre de organizações,

A — Escola do Grupo

2 — Approximação efectuada num terreno de ataque preparado.

3 — Papel da esquadra de volteadores

4 — Emprego da formação em linha atraz de um abrigo

5 — Conservação da direcção

6 — Protecção contra as vistos e ataques aéreos

7 — Travessia das zonas batidas pela Artilharia inimiga ou infestada de gazes,

8 — Reconhecimentos de pontos importantes

9 — Tomada de contacto

a) Approximação coberta em terreno livre

b) Approximação em terreno organizado.

d) Approximação não coberta e tomada de contacto.

4 — Ataque e desenvolvimento do combate do grupo

a) Regras Geraes

b) Pontos particulares a estudar:

1 — Tomada das disposições de combate e da formação por esquadras successivas

2 — Execução dos lances

- 3 — Execução dos fogos do F. M.
- 4 — Alternância dos fogos e dos lances
- 5 — Tomada da formação em linha — execução dos tiros individuais
- 6 — Assalto
- 7 — Combate do Grupo privado do seu F. M.

- 5 — Occupação e conservação do terreno conquistado pelo Grupo
 - a) Regras geraes
 - b) pontos particulares a estudar
- 1) Escolha do local do F. M.
- 2) Limpeza sumaria do terreno conquistado
- 3) Repor a ordem do Grupo
- 4) Localização e papel dos fuzileiros e volteadores
- 5) Preparação da posição ocupada
- 6) Preparação dos tiros amarrados
- 7) Restabelecimento das ligações
- 8) Organização do serviço
- 9) Conservação e retomada do contacto
- 10) Deter um contra-ataque inimigo
- 11) Reabastecimento em munições.

B — Escola da Peça de Metralhadora Leve e Pesada

- 1) Formação de marcha e de reunião
- 2) Na approximação
 - a) Progressão dos cargueiros
 - b) Posição de descarregamento
 - c) Progressão com o material transportado pelas guarnições
 - d) Posições de abrigo
 - e) Posições de tiro
- 3) No ataque
 - a) Entrada em posição
 - b) Acção do fogo
 - c) Deslocamentos.
- 4) Na defesa e conservação do terreno conquistado. Instalação e direcção do fogo.
- 5) Remuniciamento

C — Instrucção de Serviço de Campanha do Grupo

- 1) Marchas de estradas
- 2) Estacionamento

*Evite as torturas
do memorismo*

COM A SUA
MEMORIA
DE AÇO



Semog.

CADERNETA DO INFANTE

Pelo Cap. DEL CORONA

PREÇO 10\$000
PORTE \$500

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

A CADERNETA DO INFANTE

contém em ordem alfabetica:

- As abreviaturas regulamentares.
Alcance da nossa artilharia.
Como se usa uma bussula.
Caracteristico do armamento da infantaria.
Composição do R.I., Btl., Cia. de Fzo. e Mtr.; pelotão seção; peça – Os comandos por gesto; por apito.
Croquis de itinerario–As categorias.
Conversão nas medidas de angulos.
Declinação magnetica.
Dispersão das armas automaticas.
Distancias de tiro da Infantaria – Da Educação fisica: Índices; métodos; ficha biometrica; etc.
Escalões.
Espaldões para armas automaticas.
Formações.
Frente de emprego das unidades.
Frontes e profundidades.
Formulas: Algebricas; Geometricas; Trigonometricas; de mecanica; Diferenciaes e Integraes – Valor do grão em Km. e metros.
Gazes de combate.
Substituição das guardas.
Instrução para parada diaria.
Levantamento expedito : modelo de caderneta; tabôas do coseno e da tangente.
- Milesimo e seu uso.
Mementos de ordem : na aproximação; no ataque; na defesa; em marcha; no estacionamento; em PA.; com exemplos para Btl.; Cia.; Pel. e Sec.
Organização do terreno : rendimento do trabalho; sapas; trincheiras.
Organização de um exercicio de combate com tropa.
Orientação.
Profundidade e escoamento da Inf.
Roteiro de um orgão de fogo.
Roteiro de tiro da G. C. e da Sec. de Mtr.
Raízes quadradas e cubicas.
Roteiro das sentinelas.
Tabela para o tiro de granada V. B.- Quadros para o tiro de fuzil ou mosquetão; para revolver; para FM e para Mtr. P.
Telefone : dotação; constituição e funcionamento das equipes.
Uniforme dos oficiaes; sub-tenentes e sargentos.
Zonas de serviço.
Zonas de terreno ocupadas na defesa.

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

- 3) Serviço em campanha
 - a) Noções theoricas geraes
 - b) Postos
- 1) Noções preliminares
- 2) Instalação de postos
- 3) Funcionamento do serviço
- 4) Caso de ataque
 - c) Patrulhas
- 1) Noções preliminares
- 2) Preparação da patrulha
- 3) Execução da patrulha
- 4) Parte da patrulha dando conta do serviço.

D — Escola do Pelotão

- 1) Os mesmos exercícios para a Escola do Grupo
- 2) Marcha e emprego de um pelotão em reserva da Cia.
- 3) Approximação e tomada de contacto
 - a) Regras Geraes
 - b) Pontos particulares a estudar:
 - 1) Escalonamento variável dos grupos em largura e profundidade
 - 2) Approximação executada em um terreno livre de organização
 - 3) Approximação executada num terreno de ataque preparado para esse fim
 - 4) Conservação de direcção (emprego da bussola)
 - 5) Segurança do pelotão
 - 6) Travessia de zonas batidas pela Artilharia
 - 7) Reconhecimento das principaes partes do terreno
- 4) Ataque e desenvolvimento do combate do pelotão
 - a) Regras geraes
 - b) Pontos particulares a estudar:
 - 1) Progressão antes da abertura do fogo
 - 2) Combinação do movimento e do fogo
 - 3) Modificações no dispositivo segundo as necessidades do movimento
 - 4) Desagregação das resistencias inimigas
 - 5) Assalto
 - 6) Continuação da progressão após limpeza summaria do terreno conquistado
 - 7) Grupamento de granadeiros atiradores

- 5) Marcha e emprego de um pelotão em reserva
 - a) Dispositivo
 - b) Intervenção pelo fogo
 - c) Limpeza do terreno ultrapassado pelos pelotões de 1.º escalão
 - d) Engajamento para reforçar o escalão de fogo
 - e) Engajamento para reduzir uma resistência inimiga
- 6) Flanco-guarda de ligação
 - a) Definição
 - b) Classificação
 - c) Modo de acção
- 7) Occupação e conservação do terreno conquistado
 - a) Regras gerais
 - b) Pontos particulares a estudar:
 - 1) Conservação ou retomada do contacto
 - 2) Escolha e preparação da melhor posição de tiro
 - 3) Combinação dos fogos dos grupos
 - 4) Restabelecimento da ordem
 - 5) Procura das ligações
 - 6) Contra-ataques imediatos
 - 7) Estabelecimento de um croquis de instalação.

E — Instrucção do pelotão no serviço em campanha

- 1) Generalidades
- 2) Execução das marchas de estrada
- 3) Estacionamentos
- 4) Serviços de segurança
 - a) Postos
 - b) Patrulhas

F — Instrucção da Secção de Metralhadora Leve e Pesada

- 1) Formação de marcha e de reunião
- 2) Ataque
 - a) Deslocando-se com as Cias. de fuzileiros em 1.º escalão
 - b) Paradas aos contra-ataques
 - c) Remuniciamento
 - d) Elementos da base de fogo
 - e) Acção de fogo
 - f) Deslocamento

- 3) Na ocupação do terreno conquistado e na defesa da posição
 - a) Missão de flanqueamento
 - b) Plano de fogos
- 4) Tiro contra aviões que voem baixo
- 5) Remuniciamento

G — Instrução da secção de morteiros:

- 1) Formação de marcha e de reunião
- 2) Na aproximação
- 3) No ataque
- 4) Na ocupação do terreno conquistado e na defesa da posição
- 5) Remuniciamento.

H — Método e processo de instrução tática individual e das pequenas unidades

I — Papel do monitor na instrução tática

J — Ensinar a comandar as pequenas unidades.

LIVROS A' VENDA

Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia prático para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000, pelo correio mais \$500.

Notas sobre o comando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

O que é preciso saber da Infantaria, Ten.-Cel. Dermeval, 5\$000, pelo correio mais \$800.

Combate da Infantaria, Major Soares dos Santos, 6\$000, pelo correio mais \$700.

Estudo tactico de um contra-ataque pelo III Btl. do 14.^o R. I. a 12 de Abril de 1918 em Hangard-en-Santerre

Pelo Coronel MANGEMATIN

(Tradução do Cap. Cláudio Duarte)

I—*Exposição sumaria da situação gera' e actuação do III Blt. do 141.^o R. I., 29 de março a 12 de abril de 1918, no sector de Hangard (croquis n.^o 1).*

Quando as tropas da 29.^a Divisão de Infantaria, desembarcam em 29 de Março a noite, na região de Boves — Languean, o inimigo, que rompeu nosso sistema defensivo atingira uma linha balizada pelas villas de Marcel-Cave e de Moreuil.

O III Btl. do 141.^o R. I. (commandante Chevalier) desembarca, cerca de 18 horas em Languean, e imediatamente é dirigido para Hangard, ponto particularmente importante, pois no sul da villa, limite entre o Exército Inglez que se bate ao Norte do rio e o grupamento Francez Mesple, empregado ao Sul, corre o Luce, valle perigoso, via aberta a infiltração do inimigo, que é preciso firmemente conter.

O commandante Chevalier chega a Hangard após uma penosa mar, cheia de aproximação, e aí encontra os ingleses, com quem vai restabelecer não sem esforços e incidentes, uma ligação íntima. Apesar de um bombardeio cada vez mais violento e um serio ataque desbordando-lhe o flanco esquerdo, a 5 de Abril, o batalhão se mantém solidamente na villa, e após na fazenda de Hourges. Em 8 de Abril, ao cair da noite, o 165.^o R. I. substitui o 141.^o R. I. nestas posições ainda mal organizadas.

Após esta batalha de dez dias, o III Btl., muito fatigado, vai acantonar em Fouencamps a margem do Avre e a 8 quilometros de Hangard, onde permanece como reserva da Divisão até 12 de Abril, enquanto, pouco a pouco, voltava a calma ao sector.

II—*Ataque allemão contra Hangard, a 12 de Abril.*

O III Btl. é alertado

Em 11 de Abril, prevendo a um ataque proximo pela D. I., o 141.^o R. I., em ligação no Luce com o 165.^o R. I., ocupava o sector, escalonado em profundidade segundo a seguinte repartição:

II Btl., em linha (bosque da cota 104).

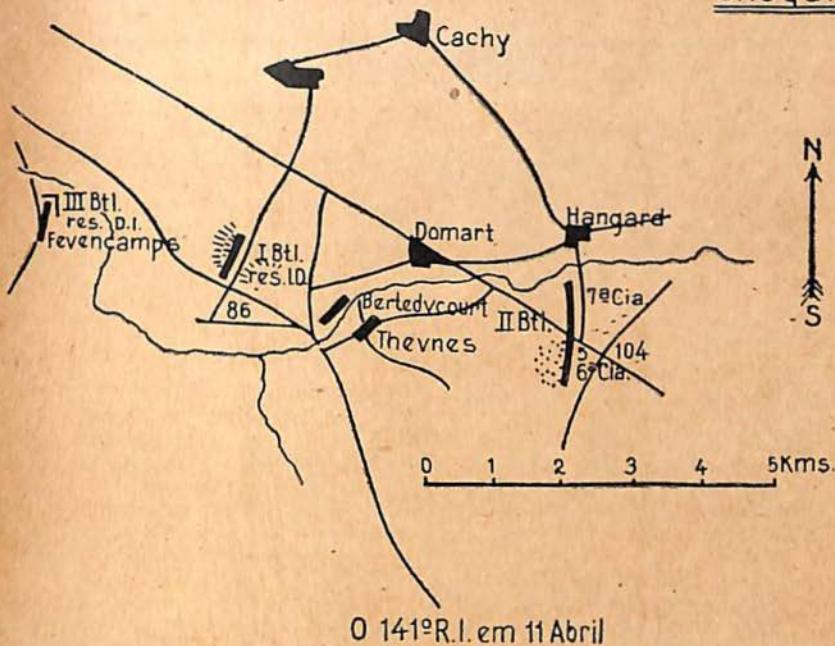
I Btl., em reserva da D. I. (na canhada ao N. da cota 86).

III Btl., em reserva da D. I. (em Fouencamps).

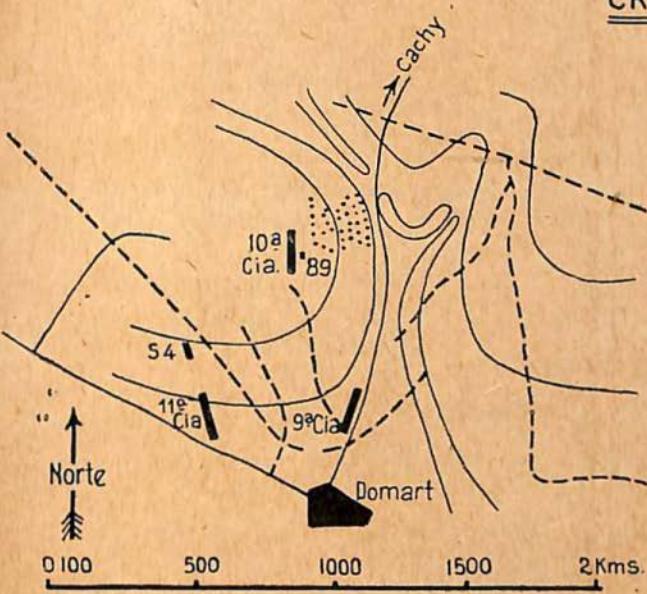
A 12 de Abril, às 6 horas, após um violento bombardeio com obuzes fumígenos, o inimigo ataca vigorosamente o bosque da cota 104, em Hangard.

O bosque da cota 104, cercado, cahe desde do inicio do ataque, apesar de uma defesa tenaz pelas 5.^a e 6.^a Cias.

CROQUIS N°1



CROQUIS N°3



A's 13 horas, o inimigo penetra em Hangard, defendida pelo 165.^º R. I.; a 7.^a Cia. do 141.^º R. I. margeia o Luce até Hourges, onde alguns elementos reconstituídos das 5.^a e 6.^a Cias. mantêm as orlas sudeste.

A Fouencamps, o III Btl., que se preparava para substituir em Thuenes os fusileiros navaes, é alertado, após contra-ordem, e segue ás 9 horas com o coronel, para se postar na canhada a noroeste da cota 86 (croquis n.^o 1).

III—O III Btl., reserva da D. I.

A marcha de approximação

A's 12h,30, o commandante de Batalhão recebe a ordem seguinte da D. I. 29:

— O batalhão passa a reserva da D. I. — Deveis dirigir o Btl. em ordem, sem perda de tempo, mas sem precipitação, para a saída Oeste de Domart, tomando todas as formações úteis contra a artilharia e aviões.

— O batalhão só será empolgado em caso de absoluta necessidade, quer sob a ordem do coronel commandante da D. I., quer sob a ordem do coronel Prunier (165.^º R. I.).

O major Chevalier, se colocará desde a sua chegada, á disposição do coronel Prunier, que estabeleceu o P. C. na saída Oeste de Domart.

Logo que esta ordem lhe é transmittida, o commandante do Btl. envia um agente de ligação para junto do coronel commandante do 165.^º R. I., e dá aos seus commandantes de companhias as seguintes instruções de detalhe:

I—Dispositivo de marcha do Batalhão:

9.^a Cia.: á esquerda

10.^a Cia.: ao centro

11.^a Cia.: á direita

C. M.—uma secção com cada Cia.

4.^a secção em reserva.

II — Ponto de direcção — Donart.

Os commandantes de Cias., desde a chegada na villa, *procurarão abrigar os homens*, mantendo-os porém, promptos para qualquer movimento.

III — Eixo de marcha e cada Cia.

9.^a Cia. — Estrada Real de Amiens

10.^a Cia. — Estrada Donart-Berteaucourt

11.^a Cia. — Caminho marginando o Luce, a cerca de 300 metros.

IV — As companhias marcharão em pequenas columnas muito espassadas e suficientemente escalonadas em profundidade.

V — Os commandantes de Cias. dirigir-se-ão, quando fôr possível, ao P. C. do Coronel Prunier, para ahi receberem novas ordens (croquis n.^o 2).

A's 14h,15, sem incidentes, o movimento está terminado.

Pode parecer chocante, a primeira vista, que o commandante Chevalier tenha dado ordem para fazer abrigar o batalhão em uma villa bom-

bardeada; na realidade, esta medida é muito judiciosa, pois é preciso levar em consideração que, apesar do progresso do ataque alemão, o coronel commandante da D. I. não prevê um engajamento immediato do batalhão. Ainda mais, todos os homens conhecendo perfeitamente bem, pelo facto da precedente estadia em linha, a aldeia e cobertas existentes, o batalhão estará desta forma melhor dissimulado ás investigações da aviação inimiga, muito activa, do que nas garupas vizinhas, preferíveis para o caso de uma reunião precipitada.

IV — A ordem de ataque

Quando o commandante Chevalier se apresenta ao P. C. do coronel Prunier as ultimas informações indicam que os alemães estão em Hangard, cuja guarnição, dividida em duas partes, mantém com uma delas o castello (commandante Delache, do 165.^º R. I.) e com a outra parte as encostas sul da cota 99.

O coroel Prunier, que quer restabelecer a situação, pede autorização para empenhar imediatamente o batalhão Chevalier, num contra-ataque, que terá como objectivo a villa de Hangard.

O coronel commandante da D. I. protela a execução desta ordem, mas ordena a tomada do dispositivo para tal.

Pode-se perguntar qual o motivo de não ser empenhado o Batalhão Chevalier desde a chegada a Donart, como pedia o coronel Prunier. A esquerda a descoberto, que ia durar varias horas, só podia influenciar mal sobre o moral dos homens, e a situação dos elementos que continuavam a resistir tornar-se-ia, de hora em hora, mais critica, pela causa da ocupação de Hangard, pelos alemães.

A extrema penuria de tropas em reserva, forçou sem duvida, o coronel commandante da D. I. a só engajar o batalhão em caso de absoluta necessidade, assim como indicava a ordem precedente, quando as ultimas resistências cahiram, e, por outro lado o ataque devia ser executado em colaboração com tropas inglesas, que não chegavam, embora, sempre esperadas, retardando ainda mais a hora da acção.

A's 16 horas, o batalhão Chevalier havia, portanto, tomado o dispositivo na canhada ao Norte de Donart.

Recomendação foi feita ás companhias de se installarem nas encostas oeste da canhada, as encostas Este que são muito abruptas se prestam mal a defesa, e em caso de um novo avanço do inimigo, o batalhão abrigado seria obrigado a combater, com a canhada pelas costas.

Em fim de movimento. o dispositivo do Batalhão é o seguinte: (croquis n.^o 2):

9.^a Cia. — perto do calvario de Donart

10.^a Cia. — na cota 89

11.^a Cia. — em apoio — 500 metros a retaguarda da 9.^a Cia.

Cada companhia dispõe de uma secção de metralhadoras; a secção de reserva da C. Metralhadoras, marchando com a 11.^a Cia.

As companhias ganharam suas posições de espera, formadas em pequenas columnas, largamente espessadas e escalonadas, dispositivo já utilizado na precedente marcha de approximação para Donart.

V — A acção offensiva

A's 17 horas, o coronel Prunier obtém autorisação de engajar o III Batalhão, com a missão de retomar Hangard; mas a operação devendo ser executada em ligação com as tropas inglesas, o commandante Chevalier recebe aviso ás 8 h, 15, que nossos elementos deverão esperar para transporem a estrada Donart — Cachy, logo que os ingleses attinjam nosso alinhamento.

O commando britannico prevê 18 h, 45 min como a hora provável da chegada dos primeiros destacamentos.

Por outro lado, o coronel Prunier recommends ao commandante Chevalier de agir nas encostas Sul da cota 99, afim de poder manobrar pela esquerda da villa.

Desde a recepção da ordem de ataque, o commandante Chevalier dá aos seus commandantes de companhias, reunidos, as instruções seguintes (croquis n.º 3):

- a) — 9.^a Cia. — eixo de marcha: estrada Donart — Hangard. Missão: atacar a villa de frente, com dois pelotões ao N. da estrada. Cobrir-se a direita com um pelotão, que, marchando ao Sul da estrada, mascará o castello fortemente defendido.
- b) — 10.^a Cia. — prolongar pela esquerda a acção da 9.^a Cia. com dois pelotões em linha, um pelotão em reserva.
- c) — A 11.^a Cia. — (em apoio) marchará a retaguarda do centro do dispositivo.
- d) — As companhias conservarão, as secções de metralhadoras, a 4.^a secção marchando com a companhia de apoio.

Segundo as previsões, ás 19h,55, as companhias transpõem a estrada de Donart — Cachy, em ligação com os ingleses que chegam a sua altura, e se lançam vigorosamente ao ataque.

A companhia Casalta (9.^a Cia.), collando o mais proximo possível á barragem rolante e precedida por um fogo rolante de F. M., magnificamente impulsionada pelo commandante, surprehende as metralhadoras inimigas, postadas nas orla Oeste da villa, que se entregam sem mesmo terem tido tempo de abrirem o fogo.

Em uma meia hora, a villa é inteiramente ultrapassada, os allemães fogem em desordem, ou se abrigam nas adegas, cuja limpeza é emprenhida imediatamente.

O ataque propriamente dito durou trinta minutos.

Durante este tempo:

- 1.^o) — A 10.^a Cia., seguindo a orla Norte, repelle os elementos allemães, que lhe são oppostos e se installa nas saídas Este de Hangard. Para manter a ligação com os ingleses, o pelotão de reserva se estabelece no prolongamento dos pelotões já empenhados frente para o Nordeste.
- 2.^o) — O pelotão da direita da companhia Casalta, agindo ao Sul da estrada, foi a principio detido deante do castello, mas o 1.^o Tte. Ferrandi, que commandava a secção de metralhadoras á disposição da 9.^a Cia., em um soberbo lance de audacia, consegue, com alguns homens apoderar-se do castello, li-

bertando tres officiaes e cincuenta homens do 141.^º R. I. e do 165.^º R. I., ultimos defensores de Hangard, que tinham resistido até ás 16 horas e capturando o destacamento que os guardava.

Às 21 horas, a situação está completamente restabelecida. As perdas são sensíveis, principalmente na 9.^a Cia., produzidas pelas metralhadoras inimigas.

Em virtude do fraco effectivo e da extrema fadiga do batalhão, o commandante Chevalier, insiste em ser immediatamente reforçado. O coronel Prunier, põe á sua disposição, durante á noite, primeiramente uma companhia do 3.^º R. I. (companhia Rougier) e após mais duas companhias do mesmo regimento (companhias Massé e Costa).

Dois pelotões da companhia Rougier são enviados em apoio a 10.^a Cia.

Os dois outros pelotões vão reforçar a 9.^a Cia., que recebe, por outro lado, um pelotão da 11.^a Cia., afim de barrar as margens do Luce e manter a ligação com os elementos do regimento que mantêm as avançadas de Huirges.

As companhias Massé e Costa, permanecem em reserva de subsector, respectivamente a Este e a Oeste da estrada Hangard — Cachy (ver croquis n.^o 3).

O commandante Chevalier instala o P. C. no castello, onde guarda em reserva a 11.^a Cia., reduzida a dois pelotões e duas secções de metralhadoras.

VI — Resultados obtidos — Ensinamentos

A acção decidida pelo commando obteve completo sucesso: a villa de Hangard fôra retomada tres horas após a recepção da ordem de ataque do coronel Prunier, pelo batalhão Chevalier.

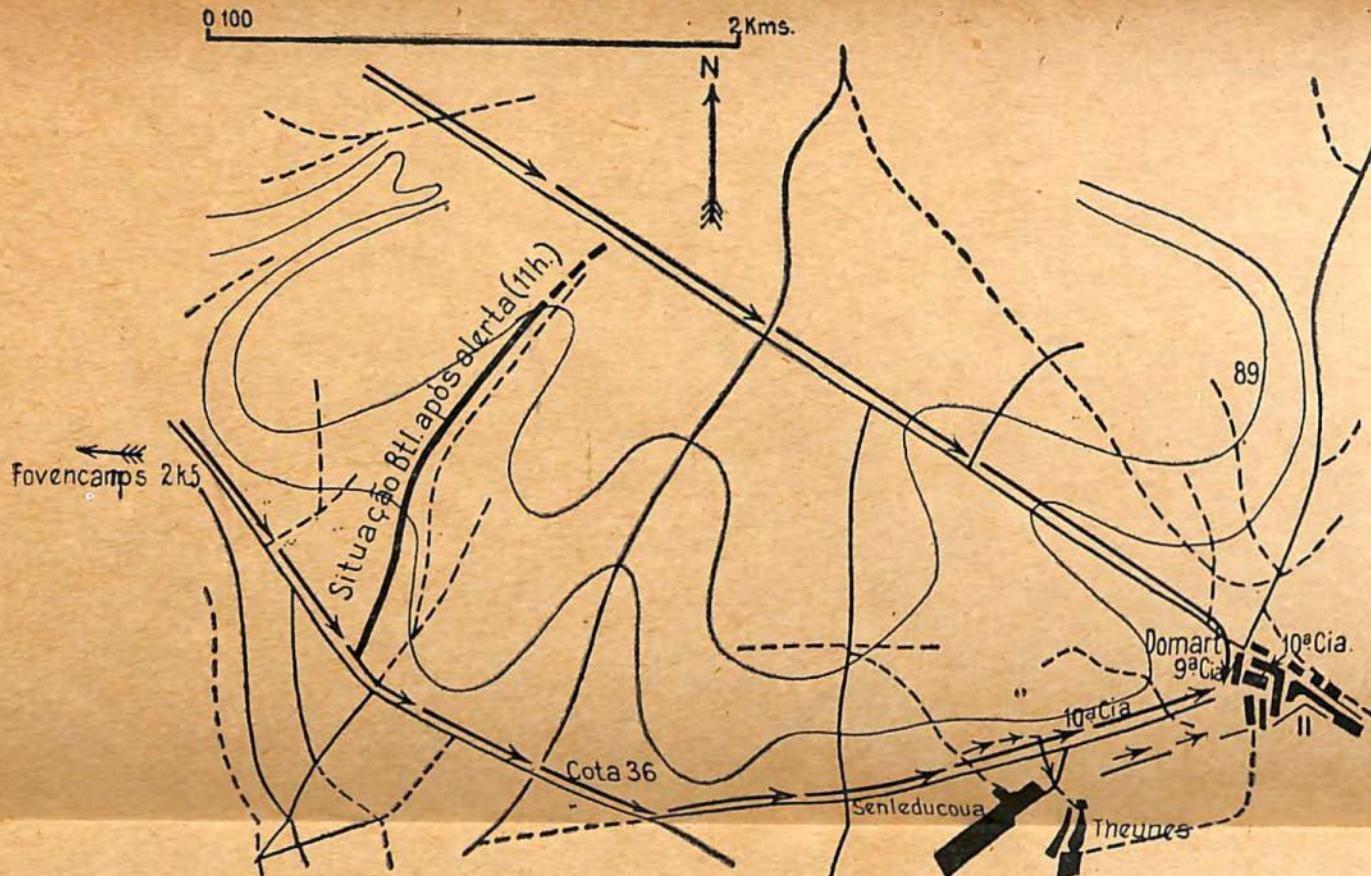
Uma centena de prisioneiros alemães, dos quaes tres officiaes; um importante material, sendo dezeseis metralhadoras cahiram em nosso poder.

Além disso, para mais de sessenta homens, entre os quaes tres officiaes pertencentes ao 141.^º R. I. e 165.^º R. I., capturados pelos alemães por occasião da tomada de Hangard, foram libertados.

As judiciosas disposições tomadas pelo commandante Chevalier, a partir do momento em que o batalhão foi alertado (8 horas da manhã) até o momento em que se engajou (20 horas), lhe permittiram effectuar a marcha de approximação em tres tempos, sem desperdar a atenção do inimigo ou sem soffrer perdas.

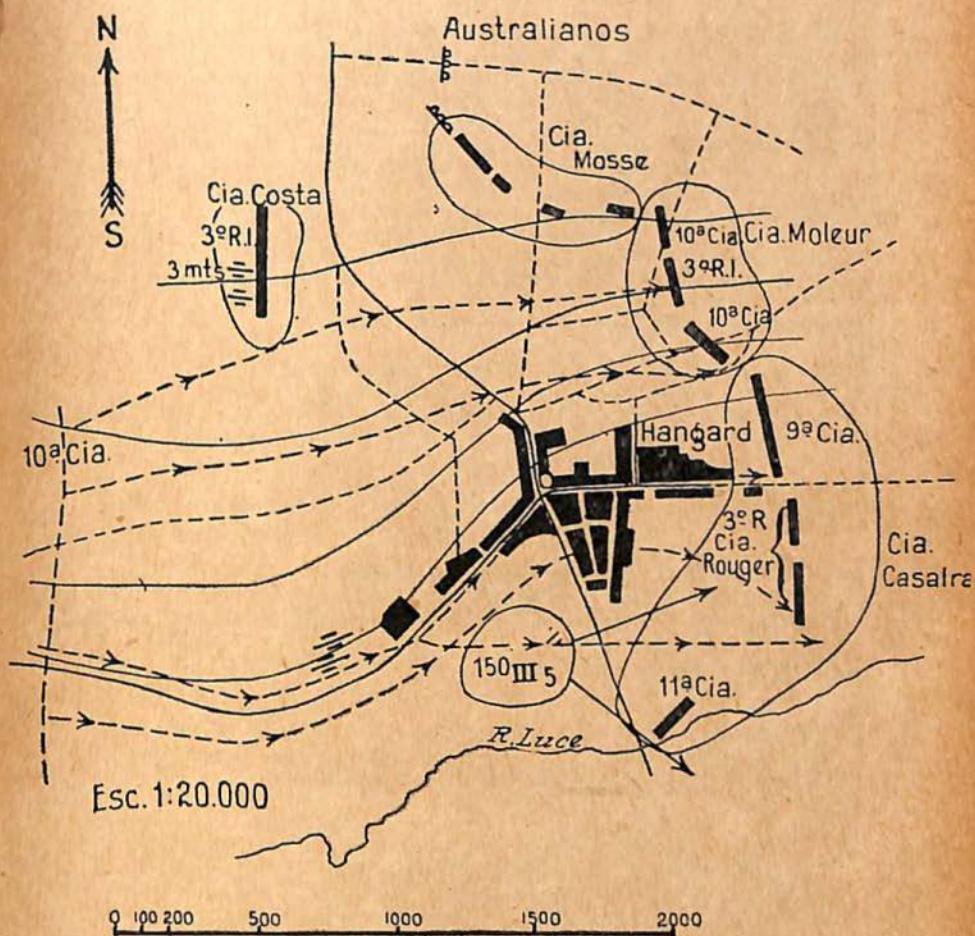
E' incontestável que o contra-ataque francez, desnorteou completamente os alemães pelo vigor e rapidez. A resistencia relativamente fraca, opposta pelas tropas alemães na villa de Hangard; a imprecisão da barragem de sua artilharia, demonstram bastante que não esperavam um retorno immediato dos francezes, quer por acreditarem nossas forças muito enfraquecidas em consequencia das grandes perdas da jornada, quer por não terem tido o tempo de se organisarem e restabelecerem as ligações, em vista de uma contra-offensiva que o commando alemão devia prevêr.

O commandante francez aprehendeu perfeitamente a situação, não temendo contra-atacar para restabelecer a situação; as hesitações que tivera são naturaes, se imaginamos que este batalhão era a unica reserva de que dispunha: convinha pois, engajal-a de modo seguro e certeiro.



CROQUIS N° 3

Itinerario do III Btl. em 12 de Abril de 1918, reserva da I.D.
em Domart as 14 horas.



CROQUIS Nº 4

Ataque de Hangard e colocações das tropas em
12 de Abril ás 22 horas.

Objectar-se-há que talvez fosse preferivel, nessas condições, de desencadear o contra-ataque *immediatamente*, sem fazer o batalhão estacionar durante toda a tarde em Donart, a principio, e após na canhada da cota 99; mas, assim como já foi precedentemente notado, o coronel commandante da D. I. devia esperar as tropas inglezas que iam agir em ligação connosco; no entretanto, uma operação nocturna parecia ter mais probabilidade de ser coroada de exito, *neste caso particular*.

Com efeito, além de levar em consideração o factor *surpresa*, este ataque ia ser executado por tropas *conhecendo perfeitamente bem o terreno* e que se podia, por consequencia, engajar de noite, sem muito risco.

E desta forma, os reconhecimentos previos foram inuteis e as companhias puderam facilmente ser orientadas frente a objectivos que todos conheciam.

O coronel Prunier tinha prescripto ao commandante Chevalier de atacar a villa pela esquerda.

E' viavel se pensar que, caso o commandante Chevalier tivesse colocado a companhia de reserva na esquerda do dispositivo, teria mais facilmente attingido, com um movimento desbordante, as saídas E'ste da villa de Hangard; teria, sem duvida, desse modo, capturado um maior numero de allemaes.

Em qualquer caso, accentuando francamente a ameaça de envolvimento, não teria de exercer o esforço principal seguindo o eixo da estrada Donart — Hangard. Duas constatações se impõem:

1.^a) — As perdas do batalhão provieram principalmente das metralhadoras em posição no castello e na orla oeste da villa em direcção da Igreja; é a 9.^a Cia., companhia da direita, que demais sofrera os efeitos do fogo inimigo.

2.^a) — O movimento da 10.^a Cia. na esquerda, embora fracamente esboçado, foi um grande auxilio á 9.^a Cia.

Não é menos verdade que o ataque foi executado com um brio notável, especialmente pela 9.^a Cia., que em uma meia hora, attingiu a saída E'ste da villa que atravessara inteiramente, após a ter atacado de frente.

A surpresa foi completa.

Este magnifico resultado honra tanto mais o batalhão Chevalier, quanto esta unidade tinha passado toda a jornada em alerta, prestes a intervir a qualquer momento; que as companhias tinham sido reduzidas a tres pelotões, que os pelotões eram de efectivos reduzidos, apezar da compensação resultante dahi.

Terminada a acção, cerca de 22 horas, o commandante Chevalier reforçava as unidades do batalhão, reagrupava as forças, dava ordens para organizar o terreno conquistado, restabelecer as ligações afim de deter promptamente qualquer retorno eventual do inimigo.

— Não se amofine meu amigo procurando os numeros de avisos e decretos. Vá a "A Defesa Nacional" e peça o "Indicador Alfabetico" do Sgt. Ajd. Odon Braga, custa-nos só 3\$500 e poupa-nos duma trabalheira infernal.

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

Dirigida pelo Cap. João RIBEIRO PINHEIRO.

Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i>	10\$000
» » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i>	10\$000
Major Od. Denys — <i>A Instrução na Infantaria</i>	10\$000
Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i>	10\$000
Maj. Danton Teixeira — <i>História Militar do Brasil</i>	10\$000
Major João Pereira — <i>Armas automaticas</i> (2.ª edição)	9\$000
Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma Sub-Unidade</i>	8\$000
Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i>	8\$000
Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando no Batalhão</i>	8\$000
Ten. Danilo Paladini — <i>O Official de Informações</i> ..	8\$000
Caderneta de Ordens e Partes	8\$000
(Blocos avulsos).....	2\$000
Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i>	2\$000
Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indireto de metralhadora</i>	2\$000
Maj. Dr. Marques Porto — <i>Attestado de origem</i>	2\$000
Caderneta do Commandante.....	1\$000

Pelo correio mais 1\$000.

Casa Editora — HENRIQUE VELHO

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

Secção de Artilharia

Redactor: I. J. Verissimo

Auxiliar: Senna Campos

Plano de emprego da artilharia para o golpe de mão do 366.^º R. I. nos abrigos do cubitus⁽¹⁾

Tradução do cap. Claudio Duarte.

I — OBJECTIVO DE ACÇÃO

Vasculhar os abrigos do Cubitus.

II — DESTACAMENTO QUE TOMA PARTE NA ACÇÃO

Uma Companhia do 336^º R. I., reforçada com granadeiros de escol.

III — ZONA PERCORRIDA PELO DESTACAMENTO DURANTE O GOLPE DE MÃO

A indicada em negro na carta juncta.

VI — ARTILHARIA QUE TOMA PARTE NA OPERAÇÃO

Os tres Grupos de 75 da A D 132.

O 6.^º Grupo de 155 Curto da 132 A D

Um grupo de reforço que ocupará as seguintes posições:

1 Bateria na posição principal da 24.^a Bia.

1 Bateria na posição principal da 26.^a Bia.

1 Bateria na posição principal da 29.^a Bia;

As condições da entrada em bateria do grupo de reforço, serão enviadas ulteriormente.

V — COMMANDANTE DA ARTILHARIA DA OPERAÇÃO

Major Lattes (chef d'escedron), comandante da Artilharia do sub-sector do Mon. sans Nom, encarregado de apoiar o 366^º R. I.

O Major Lattes fará estabelecer desde a recepção deste plano, todas as ligações necessárias.

(1) Continuação do artigo "um golpe de mão histórico" publicado no n.^o 247.

VI — MISSÃO DA ARTILHARIA

a) — Antes da operação: — A Infantaria não pede brechas para utilização

O 3.^o Grupo do 257 R. A. C., abrirá na jornada da amanhã, duas brechas de diversões nas rôdes que cobrem o reducto do bosque 0.58, conforme as instruções particulares enviadas pelo correio deste dia.

Caso o golpe de mão não seja efectuado amanhã de tarde, as brechas serão mantidas abertas, até ao dia da execução.

B) — DURANTE A OPERAÇÃO:

1.^o — Tiro de cegar, sobre os abrigos de Cubitus — H a H + 5', uma bateria do 3.^o Grupo na cadencia de 6 tiros por peça e por minuto.

2.^o — Tiros de enjaulamento

Enjaulamento lateral esquerdo: 3 baterias do 1.^o Grupo.

Enjaulamento frontal: 2 baterias do 3.^o Grupo.

Enjaulamento lateral direito: 2 baterias do 2.^o Grupo.

O enjaulamento se fára sobre a linha indicada no croquis juncto e e começará na hora H.

3.^o — Tiros de Neutralização: — (Ver croquis). (2)

Grupo de reforço: — 1 bateria sobre os abrigos da trincheira de Mar-mara; — 1 bateria sobre os observatorios da trincheira da Galata; 1 bateria: — 1 Secção sobre o observatorio de Hindenburg; Hohe — uma Secção sobre o M. W. (minenwerfer) 255,870 — 276,070.

1 bateria do 3.^o Grupo (a que executou o tiro de cegar); Zona das Metralhadoras e M W (minenwerfer), no cruzamento da trincheira do Humerus e da normal de Orsowa.

1 bateria do 2.^o Grupo — 1 secção sobre o cruzamento da trincheira K2 com a normal de Koloméa; — 1 Secção sobre a trincheira de Varna a partir da trincheira de San Stefan, numa frente de 200 metros.

GRUPO DE 135 CURTO:

1 bateria sobre Ost-Stollen e a metralhadora em 255.500-275.900.

1 bateria sobre West-Stollen e os M. W. em 255,050-275.830.

1 bateria: — 1 secção sobre a zona das metralhadoras e dos M. W., 100 metros a Noroeste de West-Stollen, 1 secção sobre o Sexengrund.

(2) Vide n.^o 247

Os tiros de neutralização começarão na hora H, com execção da bateria do 3.^o Grupo que transportará o tiro sobre o novo objectivo após terminar o tiro de cegar.

VIII — CADENCIA DO FOGO:

75, enjaulamento e neutralização:

De H a H+5' — 5 tiros por peça e por minuto.

De H+5' a H+10' — 4 tiros por peça e por minuto.

De H+10' a H+20' — 3 tiros por peça e por minuto.

De H+20' até o final — 2 tiros por peça e por minuto.

155 CURTO:

De H a H+15' — 2 tiros por peça e por minuto.

De H+15' até o final — 1 tiro por peça e por minuto.

O fogo será novamente executado em cadencia rápida durante cinco minutos a qualquer novo pedido da Infantaria.

VIII — SIGNAL DO FIM DA OPERAÇÃO

A fixar pelo Coronel Commandante do sub-sector.

IX — O Tenente Coronel Commandante da A. C. D. (Artilharia de Campanha Divisionaria), e o major Commandante da A. P. C. (Artilharia Pesada de Campanha), darão todas as ordens necessárias para a execução do presente plano de emprego.

O major Lattes, regulará, em entendimento directo com o coronel commandante do 366º R. I., todas as questões de detalhes.

As modificações ao presente plano que sejam reconhecidas necessárias, serão submettidas a apreciação a tempo útil.

X — O Dia J e a Hora H, serão enviados assim que forem fixados.

General HUGUENOT.

132º Divisão

Estado Maior,

N.º 1504/3

No P. C. — 17 de Julho de 918

Relatório do General HUGUENOT Commandante da 132º Divisão sobre o golpe de mão, executado pelo 366º R. I., às 19 H. 55' do dia 14 de Julho de 1918

Fim da Ação — Fazer a todo custo prisioneiros para se obter informações sobre os projectos offensivos do inimigo na frente do 4.º Corpo, sobre o estado de adiantamento dos preparativos de ataque e sobre a data de desencadeamento desse ataque.

OBJECTIVO — Um projecto de golpe de mão profundo sobre a região das trincheiras de Andrinopla, de Tirnova de Radius e de Cubitus

(4.ª trincheira allemã). O objectivo escolhido se estende numa profundidade de cerca de 500 metros e sobre uma frente sensivelmente igual e comprehende numerosos abrigos e organizações serias, com posições de metralhadoras e minenwerfers.

DESTACAMENTO ENCARREGADO DA EXECUÇÃO — Dois pelotões da 13.ª Companhia do 366º R. I., os grupos de granadeiros dos tres batalhões do R. I., 16 sapadores de engenharia, uma equipe de tres aparelhos "SCHILT" servidos pelos bombeiros de 366º R. I., padoleiros e telephonistas. Ao todo um effectivo de cerca de 170 homens sob as ordens do 1.º Tenente Balestie, Commandante da 13.ª Companhia.

APOIO FORNECIDO PELA ARTILHARIA

Quatro baterias de 75 e o grupo de 155 Curto Schneider da Divisão, praticaram a abertura das brechas, o enjaulamento de objectivo, a neutralisação da metralhadoras e minenwerfers, e cegaram os observatorios.

DATA E HORA DA OPERAÇÃO

A 14 de julho ás 19 h. 55', afim de fazer a tempo, os prisioneiros que possam dar informações sobre o ataque esperado, e dar tempo de as transmittir a autoridade superior e de se poder exploral-os.

DESENCADEAMENTO DO ATAQUE

Nenhuma parallela de partida foi aberta, as normaes de acesso da parallela principal de resistencia da primeira posição só em parte foram preparadas em virtude da ameaça provavel e imminente do ataque inimigo.

Entretanto na hora fixada, o destacamento de ataque sahe dos abrigos onde se encontrava reunido, e dividido em dois grupos ganha a nossa antiga primeira linha sem atrahir a attenção do inimigo, sob a protecção da barragem da A. C. e A. P. C. (Artilharia de campanha e Artilharia pesada de campanha), sobre a primeira linha allemã.

Os sapadores da engenharia abrem uma brecha na rede de aramado inimigo com alicates e petardos.

EXECUÇÃO DO GOLPE DE MÃO

Aberta a porta, o destacamento de assalto se lança sobre os objectivos com um impeto maravilhoso,

As primeiras sentinelas allemãs se retrahem e dão o alarme. Uma delas é entretanto colhida no momento em que se precipitava num abrigo.

A direita:

Proseguindo no mesmo impeto, os granadeiros do 6.^º Batalhão do 366^º R. I., sob as ordens do Ajudante Dubieu saltam sobre as saídas dos abrigos da trincheira Tirnova, e ahi fazem 4 prisioneiros; após fazendo frente para a direita repellem á granada um destacamento inimigo, que lhes ameaçava o flanco.

No centro:

Os granadeiros dos dois outros Batalhões progridem seguindo pela normal Widdin. Os do 5.^º Batalhão, atacam um grande abrigo com tres entradas situado entre a normal e o bosque 144. Os allemães defendendo energicamente o acesso, matam o cabo Sauler. Furiosos seus soldados se lançam, impellem o inimigo para os abrigos, tomam-lhes tres homens e mantendo no fundo da sapa com lançamento de granadas e tiros de pistola, todos os que procuram sahir, nelle põem fogo com as granadas incendiárias.

Por sua vez sob as ordens do Sargento Dormand, os granadeiros do 4.^º Batalhão, proseguem na marcha, atingem a trincheira do Cubitus, objectivo extremo do golpe de mão. Uma sentinella guardando a entrada do abrigo é abafada, o abrigo limpo (vasculhado), e após incendiado; os ocupantes mortos ou aprisionados; e grupo Dermand traz por seu turno 18 allemães para as nossas linhas.

Na esquerda:

O pelotão do 2.^º Tenente Villet, tem como objectivo a trincheira de Tirnova, o pelotão do Ajudante Seray, tem por missão ocupar Andriopla e de ahi ficar em apoio.

Um grupo inimigo, desembocando da normal Chipka, tenta contornar os grupos de granadeiros. O pelotão Villet o enfrenta resolutamente, fazendo-lhe dois prisioneiros e tomando uma metralhadora leve, e detem

promptamente pelo fogo um movimento que podia comprometter o sucesso da accão.

Protegidos assim nos flancos e estabelecidos no amago da posição inimiga, os diferentes grupos vasculham as trincheiras e descobrem toda a organisação offensiva completamente terminada: — em K2, fios telephonicos em bobinas promptos a serem desenrolados; em K3, baterias de minenwerfers, cerradas umas contra as outras, apenas separadas pelos depositos de projectis cuidadosamente dissimulados.

Sapadores, equipes de Schilt, granadeiros destroem tudo o que podem; o destacamento da companhia de engenharia 25/54, sob o commando do Sargento Chartier, faz saltar as peças e os depositos de munições de minenwerfers.

Cumprindo a missão com um successo completo, o destacamento retoma para nossas linhas, atravessando a barragem inimiga sem deixar um só homem, nas mãos do inimigo. As perdas são minimas (2 mortos e 3 feridos), principalmente se se levar em conta os resultados, em si mesmos muito consideraveis que foram obtidos. Não houve nenhum soldado extraviado.

RESÚLTADOS — Os resultados obtidos foram imensos. Além das perdas soffridas pelo inimigo em pessoal e material (minenwerfers e aprovisionamentos destruidos), o destacamento Balestie, traz para nossas linhas:

27 prisioneiros (do 73º Regimento, 19.^a Divisão de Reserva, dos 7.^º e 11.^º Batalhões de Minenwerfers).

5 Metralhadoras Leves

1 apparelho de pontaria para Minenwerfers.

3 apparelhos telephonicos.

Armas, equipamentos, cartas, etc. (ver adeante).

A identificação dos prisioneiros e interrogatorios, as informações colhidas fazem immediatamente, saber que:

O ataque allemão, esperado a varias semanas é imminent: será desencadeado na propria noite do 14 de julho para 15.

A 17.^a Divisão de Reserva, passará em segunda linha sendo ultrapassada pelas *Sturm divisions* (divisões de assalto), durante o tiro de preparação.

A preparação será desencadeada a 1 hora, hora allemã, (meia noite, hora franceza).

Terá uma duração de tres a quatro horas.

A hora H, de partida do ataque será portanto, mais ou menos quatro horas.

Entre os documentos importantes trazidos: — uma carta do dispositivo completo dos minenwerfers, fazendo conhecer as posições ocupadas, as direcções de tiros, objectivos. Estas informações são imediatamente telephonadas ao Exercito e exploradas.

O dispositivo de grande alerta é tomado.

Todos são prevenidos da hora do desencadeamento do tiro de preparação do ataque.

Todos estarão a postos, nenhuma surpresa poderá se dar.

A Artilharia entrando imediatamente em acção contrabate energeticamente os minenwerfers, cujo desdobramento conhece, e faz explodir numerosos depositos de munição. Com os tiros de varrer surprehends em marcha as columnas inimigas vindas para ocuparem as trincheiras de partida e as fazem soffrer importantes perdas.

Taes são os resultados obtidos por este golpe de mão, minuciosamente preparado, executado com um vigor e uma energia extraordinaria por todos os executantes e que terá influencia sobre o desenvolvimento de toda a batalha na frente de IVº — Exercito.

A gloria cabe em primeiro lugar ao 1.º Tenente Balestie e ao seu destacamento; se irradia por todo o 366º Regimento de Infantaria e pela 132º Divisão de Infantaria.

Concedi a cruz da "Legião de Honra" ao Tenente Balestie; dez cruzes foram postas a minha disposição pelo Commandante em Chefe, para o contingente, além disso peço um certo numero de citações na "Ordem do Exercito", cujo numero, embora um pouco elevado, está ainda muito longe de ser proporcional a importancia dos resultados obtidos.

NOTA — O ter a autoridade superior concedido um premio de 10.000 francos aos homens que executaram esse golpe de mão, prova a importancia dada pelo Commandante Supremo, ao proprio golpe de mão e aos resultados obtidos.

O General Commandante da 132º Divisão
General HUGUENOT,

IV — Exercito.

Estado Maior.

3.ª — Secção.

N.º 709/3.

20 de Julho de 1918.

Decisão do General Commandante do IV — Exercito.

Golpe de mão que passará á Historia.

Foi feito justiça, a 132º Divisão de Infantaria, o 366º Regimento de Infantaria foram ahi recompensados da energia e tenacidade que têm, ha varios mezes, desprendido nos golpes de mão executados.

GOURAND. (assignado).

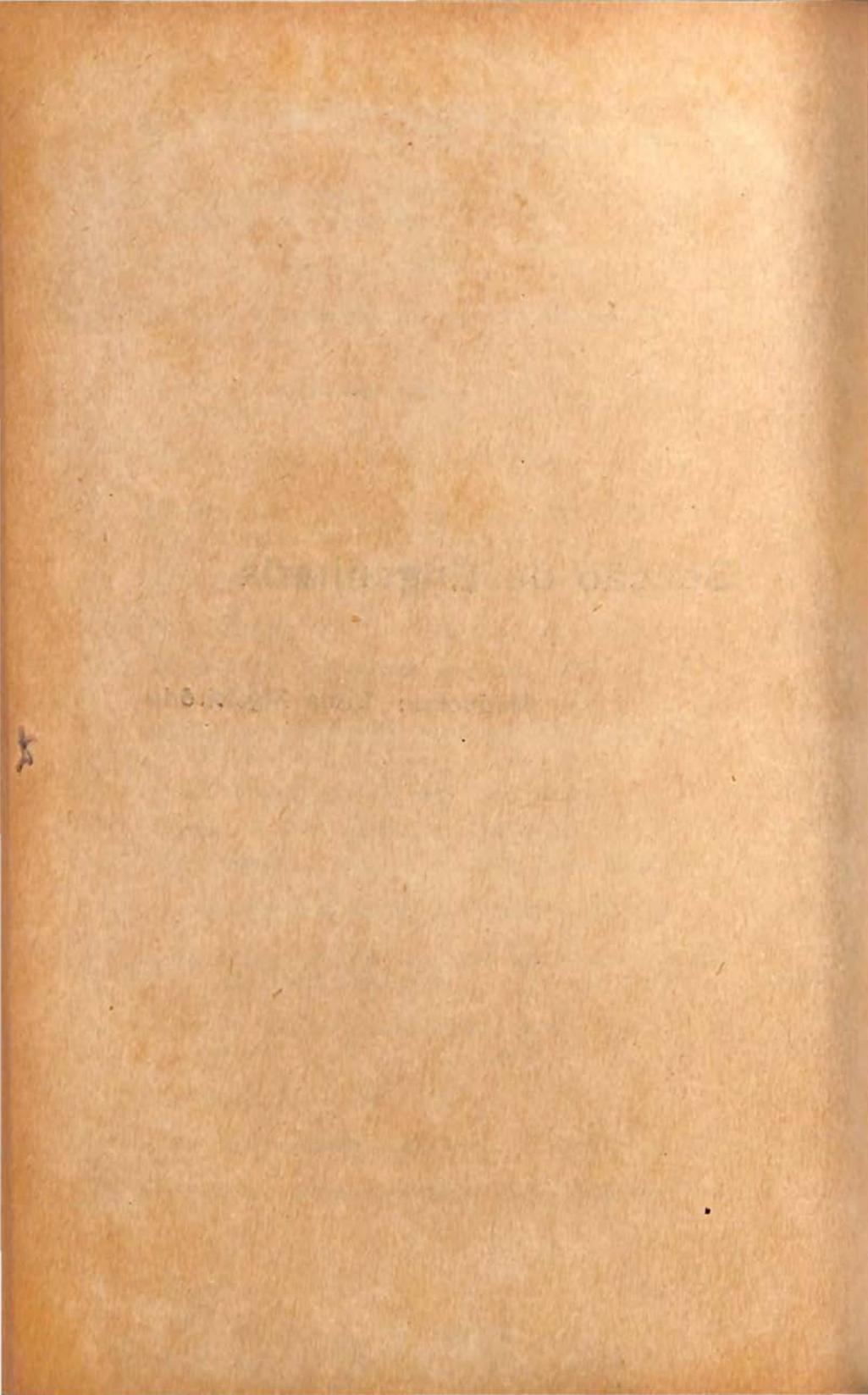
Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre,.....</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.....</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographic, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza...</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier Manuel du Gradé de l'Artillerie.....</i>	7\$100 16\$800
<i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.....</i>	14\$000
<i>A Tecnica do Tiro de Costa, Cap. Ary Silveira....</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo.....</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.....</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (traducção).....</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.....</i>	6\$000
<i>Signalisação a braços e optica, Cap. Lima Figueiredo</i>	1\$000
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo....</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'agua para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo.....</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercícios tacticos, Major Travassos.....</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.....</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval.....</i>	3\$000

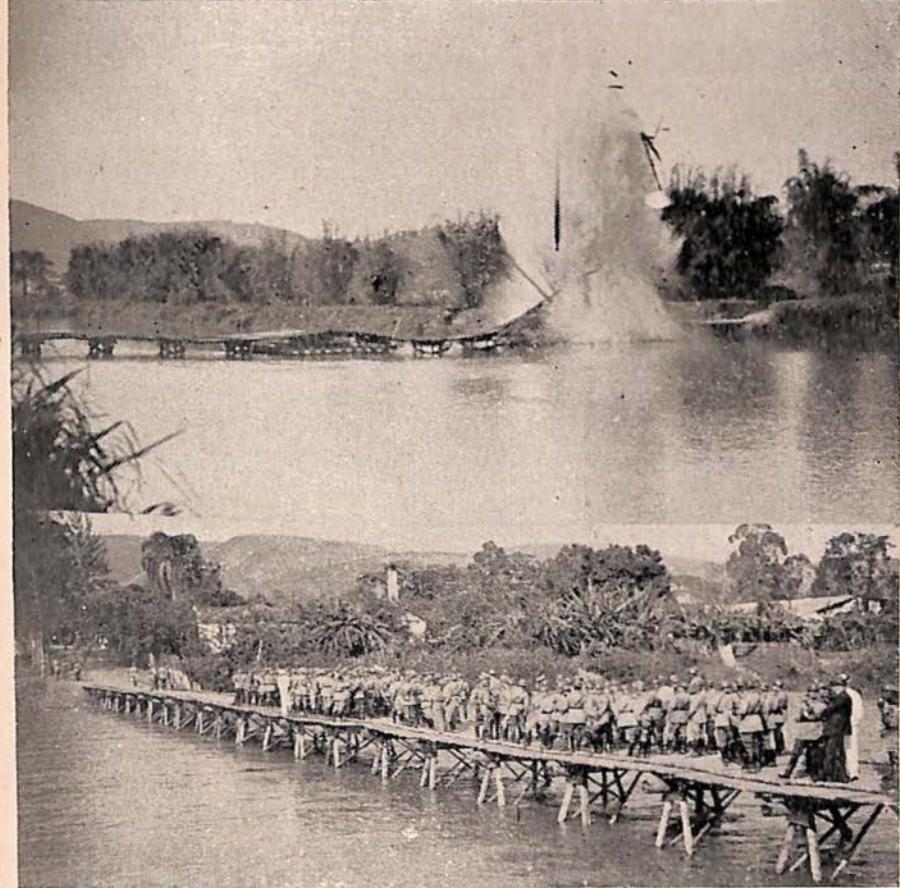
Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

Secção de Engenharia

Redactor: Lima Figueirêdo



E M P I N H E I R O



Ao alto: o General Ministro da Guerra visita a ponte de estacas leves. Ao centro: a explosão d'uma mina. Em baixo: o General Ministro da Guerra inspeciona a ponte de cavaletes. A primeira ponte se destina aos cursos d'água de fundo arenoso ou saibroso e a ultima aos rios de leito pedregoso.

A Fortificação permanente durante a guerra de 1914-1918

Missão da fortificação permanente na frente occidental

Traducção do Major ARTHUR J. PAMPHIRO

Nota do tradutor — No intuito de ben patentear a importancia que, ainda hoje, na defesa das fronteiras cabe a fortificação permanente, apresentamos a tradução a seguir. Trata-se de uma lição do Curso de Fortificação, professado em 1928, pelo Cmt. Tornoux na Escola Militar e de Aplicação de Engenharia, em Versalles. Sendo em fortificação, como na Arte Militar em geral, a experiência do passado a grande mestra do futuro, julgamos de boa oportunidade o assunto. Elle vem até certo ponto justificar os gastos extraordinarios feitos pela França na organização defensiva de suas fronteiras e à qual nos referimos nos numeros 235 e 238 de "A Defesa Nacional".

§ 1.º Influencia das fortificações francesas sobre o plano de campanha alemão.

A existencia de fortificações francesas na fronteira oriental foi uma das causas essenciais da violação da neutralidade belga.

Para desbordar o exercito francês, concentrado atraç dessas fortificações, e para terminar a guerra por um golpe decisivo, os alemães invadiram a Belgica e penetraram na França pela fronteira do Norte desprovida de fortificações.

O aveu oficial foi feito pelo proprio Governo Allemão e a 4 de Agosto de 1914 o ministro dos negócios estrangeiros Von Jagow o declarava ao ministro da Inglaterra em Berlim. "Precisamos penetrar na França pela via mais rapida e mais facil para darmos um golpe decisivo o mais cedo possível. E' uma questão de vida ou morte pois si tivessemos passado pela via mais ao Sul não teríamos podido, devido ao pequeno numero de estradas e a valor das fortalezas (*force de fortresses*), passar sem encontrar uma oposição formidável".

Essa, aliás, é a opinião dos generaes, como o se vê na Memoria do Marechal Von Moltke de dezembro de 1912, citada por Ludendorff: "Sómente por uma marcha através do território belga poderemos atacar e bater o exercito francês em campo razo; encontraremos na frente apenas o corpo expedicionário inglez e o exercito belga, si a Belgica não acquiescer. Seja como fôr essa operação apresenta mais probabilidades que um ataque de frente sobre a cortina fortificada de Leste. Um ataque desse genero daria á conducta das operações o character de uma guerra de fortaleza, custaria muito tempo e tiraria do Exercito o *élan* e a iniciativa, tanto mais necessarios quanto mais numeroso o inimigo".

Assim o prestigio das fortalezas de Leste pesou sobre o plano de guerra alemão e assegurou indirectamente à França, a aliança ingleza, a resistencia belga e a sympathia indignada do Mundo.

§ 2.º Missão das praças belgas.

Liège — A fortaleza de Liége impede aos alemães prever uma concentração mais avançada e dificulta a saída das forças alemães a Oeste do Mosa. Além disso, a defesa dos fortes, que os alemães são obrigados a esmagar a tiros de 420, torna impossível qualquer acordo separado e torna-se o símbolo da independência e da honra da Belgica.

Namur — Apesar de sua certa resistência de 21 a 23 de agosto, Namur cobra o flanco direito do 5.º exercito francês no momento crítico da batalha de Charleroi e graças às suas fortificações 32000 belgas, dos quais 15000 territoriais, immobilizam cerca de 100000 alemães, providos de uma terrível artilharia pesada, contando 10 super-canhões.

Antuérpia (Anvers) — Não desempenhou a missão de reducto nacional, para a qual foi o campo entrincheirado construído. A praça, porém, acolhe o exercito, em 20 de agosto, permitindo-lhe escapar à pressão alemã. De 20 de agosto a fins de setembro a fortaleza obriga o inimigo a destacamentos e reforços, no momento em que elle teria necessidade de reunir suas forças para a ação geral. Assim dois corpos do exercito são mantidos longe da batalha do Marne e a ameaça de Anvers impede aos alemães de aproveitar o momento propício para marchar sobre Calais.

Finalmente suas fortificações permitem ao exercito belga mascarar sua retirada e reunir-se aos exercitos aliados sobre a frente do Yser, para salvar a última faixa do território belga.

§ 3.º Missão das fortificações francesas.

Fronteira do Norte

Victoriosos na Belgica os alemães penetraram na França pela fronteira do Norte.

A ausência de sérias fortificações permanentes junta à falta de qualquer organização defensiva para retardar a marcha do inimigo obriga aos 4.º e 5.º exercitos franceses a retrair-se para além do Marne, afim de encontrar uma ocasião favorável para a batalha. Os fortes e as pequenas praças fortes de deter, como Hirson, Charlemont, Ayvelles, Montmédy Longry, nenhuma ação exercem no decorrer das operações, apesar de heroísmo de certas guarnições.

Lille, depois de várias alternativas, é abandonada sem combate a 24 de agosto.

Sómente, a praça de Manbeuge é verdadeiramente defendida e tem até 8 de setembro o valor de um corpo de exercito, que faltara ao II exercito alemão na batalha do Marne.

Com surpresa para os alemães não são defendidas as fortificações de La Fère e Reims. Seus exercitos entretanto perdem um dia para mostrar-lhes um ataque e realizar a sua ocupação. La Fère é ocupada pelo II exercito (von Bulow) e Reims pelo III (von Hansen).

Fronteira de Leste. Nossas praças de Leste cobrem primeiramente a mobilização e protegem a concentração en *detournant* o ataque alemão; depois quando a inversão da situação abriga os 3.º, 4.º e 5.º exercitos a iniciar um vasto movimento de retirada que utiliza como (pivot) pião Verdun e a barreira das costas do Mosa, a certeira defensiva de Seré de Rivières vai desempenhar, para cobrir nosso flanco direito, missão ana-

loga á que os alemães affectaram á Mosel Stellung em sua conversão através a Belgica.

Não ousando atacar Verdun a viva força, o exercito do Kronprinz foi obrigado a immobilizar á frente da praça parte de suas forças para neutralisal-a. O 3.^o exercito francez, ao contrario, reforçado por dous corpos de exercito, provenientes da ala direita (graças á resistencia garantida pela frente fortificada de Leste) conseguiu conservar sua ligação com Verdun, que constitue um ponto ameaçador sobre o flanco do exercito do Kronprinz e desempenha no momento da batalha do Marne o papel de uma verdadeira praça de apoio. Por ordem do General Sarrail a divisão de reserva de Verdun trasporta-se para o valle do Cousance para agir sobre as communicações do Kronprinz.

Tendo fracassado a sua manobra, offensiva de grande estylo, os alemães vão procurar por duas vezes, no decorrer de setembro, introduzir a ala direita franceza ao longo das costas do Mosa. Uma segunda tentativa de perfuração, levada, a effeito a 24 e 25 de setembro deu lugar á queda do forte do Camp des Romains e á tomada de St. Mihiel, mas Troyon resiste de novo e Lionville, cujos locaes foram reforçados, soffre tão pouco com o bombardeio que o assalto não é tentado.

A praça de Toul e as organizações que a completam, ainda que não tendo de intervir directamente nesses combates, formam uma ameaça sobre o plano dos alemães e lhes limitam os ataques. Belfort serve primeiramente de base de partida para a offensiva franceza da Alsacia.

Mais tarde, quando o exercito da Alsacia se desloca e a 7.^o corpo parte para a batalha do Ourcq, permite confiar a defesa da via de invasão (*trouée*) a uma divisão de reserva.

A seguir as organizações de Belfort serão progressivamente reforçadas durante toda a duração da guerra e a praça formará um reducto extremamente solido, á retaguarda de nossa frete de Alta-Alsacia.

Acaba-se de ver a importância da missão desempenhada pelas fortificações francezas de Leste. Exceptua-se o forte de deter de Manonviller que, embora reforçado, capitula depois de 54 horas de bombardeio demonstrando mais uma vez o pequeno rendimento e a curta duração da resistencia dos fortes de deter isolados.

Uma menção especial deve ser feita a Verdun, que constituiu durante toda a guerra um ponto de apoio inabalavel para a resistencia franceza e uma grave ameaça para os alemães.

Sobre os serviços prestados por Verdun citamos a opinião de Lendorff, de todas a mais abalisada e que se encontra em suas Lembranças da Guerra: "A praça de Verdun constituia para nós uma porta de invasão extremamente perigosa. Ella ameaçava todas as nossas comunicações da fórmula a mais perigosa como se viu no outono de 1918. Para nós teria sido um grande sucesso termo-nos apoderado apenas dos fortes da margem direita. Toda a nossa situação estrategica sobre a frente occidental e ás condições de existencia de nossas tropas no saliente de Saint Mihiel teriam sido singularmente melhoradas".

Paris—Apezar da insufficiencia de suas obras permanentes e de sua organisação defensiva, o campo entrincheirado de Paris teve papel decisivo no decorrer da batalha do Marne.

1.^o) — Depois de Charleroi a existencia do campo entrincheirado permite ao General Joffre montar sua manobra sem preocupação de cobrir directamente a capital.

2.º) — Paris constitue uma cabeça de ponte que nos dá a possibilidade de manobrar sobre as duas margens do Sena e do Marne.

As organizações fortificadas mascaram aos alemães os movimentos das tropas francesas e permitem aos franceses concentrar livremente as forças que serão lançadas contra a ala direita alemã.

3.º) — Sob a impulsão do governador de Paris, o General Galhéni, o Estado Maior e as tropas do campo entrincheirado participam activamente na preparação e no desenvolvimento da batalha do Ourcq. Aprovisionamentos e meios de toda a natureza são postos á disposição do Exército Mannoury.

Assim pois Paris desempenha na extremidade occidental do campo de batalha do Marne a missão de Verdun a Leste e os alemães que tiveram o intento de envolver-nos vieram entalar-se entre essas duas praças fortes.

§ 4.º missão das fortificações alemães de Alsacia-Lorena

As fortificações alemães de Alsacia-Lorena: linha do Rheno, baragem Strasbourg-Mutzig-Molsheim, Mosel Stellung não deixam aos projectos offensivos franceses no meio da campanha sinão zonas limitadas, tanto mais quanto a insuficiencia da artilharia pesada francesa não permite tentar um ataque brusco ás obras permanentes.

Restam apenas para os franceses um certo numero de estreitos corredores de acesso para ataques frontaes:

- o de Luxemburgo-Neufchâteau entre Ardennes e a Mosel Stellung onde os 4.º e 3.º exercitos franceses poderão desenvolver-se mal, o 3.º encontrando-se ainda incomodado pela Mosel Stellung;

- o de Mohrange, apertado entre Metz e os pantanaes de Dieuze, apenas com 50 kilómetros, onde virá agir o 2.º exercito francês, obrigado ainda a cobrir-se de Metz.;

- o de Sarrebourg, com 20 hm. apenas, entre os pantanaes e os Vosges, no qual fracassou o primeiro exercito;

- o da planicie de Alsacia, cuja defesa poderá ser assegurada por duas brigadas da landwehr.

As fortificações alemães de Alsacia-Lorena portanto plenamente preencheram sua missão e permittiram á offensiva desenvolver-se através á Belgica sem ser inquietada, emquanto impediam o desenvolvimento dos ataques franceses e foram causa em grande parte dos desastres franceses na batalha das fronteiras.

§ 5.º Conclusão

Resulta do exposto que a fortificação permanente, apesar de seu estatuto de inferioridade para com a artilharia, prestou mais uma vez serviços consideráveis que demonstram sua utilidade e sua necessidade para a defesa dos raízes.

1.º) — Foi a barreira de Séré de Rivières que influiu sobre o plano de guerra alemão e provocou a violação da neutralidade belga.

2.º) — Foi útil a missão das praças belgas, apesar das imperfeições e lacunas de sua defesa.

3.º) — As fortificações da Alsacia-Lorena contribuiram para o sucesso da manobra alemã e para o mau exito dos ataques franceses.

4.º) — A Paris e Verdun cabe em parte a victoria do Marne, participando ainda indirectamente Belfort e mesmo Manbeuge.

5.º) — Foi a cortina das costas do Mosa, tão criticada antes da guerra, que contribuiu para assegurar a inviolabilidade da ala direita francesa.

6.º) — Capital foi a importância de Verdun durante toda a duração da guerra.

Mas si a utilidade da fortificação permanente não pôde ser contestada, a guerra pôz em evidência um certo número de erros e de fraquezas nas idéias correntes em 1914 e deve-se procurar, levando-se em conta a experiência adquirida, em que condições é possível encarar o emprego da fortificação permanente na defesa das fronteiras.

A utilidade da fortificação permanente e o prejuízo que ella causou aos alemães são confirmados por vários autores alemães. Assim diz Von Kuhl, "der Marnefeldzug" chefe do Estado Maior do 1.º exército alemão:

"Tirou-se recentemente dos acontecimentos da grande guerra a conclusão que a importância das fortalezas tinha caducado e que a construção de novas seria um luxo. Deve-se entretanto considerar as perturbações e dificuldades que nos causaram as fortalezas francesas, as forças que elas absorveram as quais nos fizeram falta para as operações... Mesmo as fortalezas que não foram atacadas por nós grande influência tiveram sobre as operações".

Tudo fica facilitado a quem ler os livros do Major Tristão Araripe. Adquira já esses livros, porque ellos irão render juros sem o senhor sentir

O Livro do soldado.....	3\$000
Combate e serviço em campanha.....	10\$000
Escola do Pelotão.....	10\$000

Na *A Defesa Nacional*

"Puz uma mordaça no Corpo Legislativo. Assim, apenas tirarei a chave da porta da sala das sessões e mettel-a-ei em meu bolso. A França presta-se menos ás formas representativas do que muitos outros países. Darei uma nova organização ao Senado e ao Conselho de Estado. Continuarei a fazer nomeações para todas as cadeiras de senador... desta forma, terei uma verdadeira representação, porque será composta de homens competentes. Nada de tagarelices, nada de ideologos, nada de europeus".

NAPOLEÃO BONAPARTE.

**Operações da companhia de engenharia
27/53 da 47.^a divisão na noite de 3 para
4 de Setembro de 1918**

Pelo Capitão DE SOLÉRE

(Traducção do cap. *Lima Figueirêdo*)

I — SITUAÇÃO A 3 DE SETEMBRO (VER CROQUIS).

A 47.^a divisão desalojou o inimigo de suas posições ao norte de *Roye* a 27 de agosto, na offensiva geral de todo o exercito. Ella o perseguiu para leste, seguindo o eixo de marcha: estrada de *Roye* á *Nesle*.

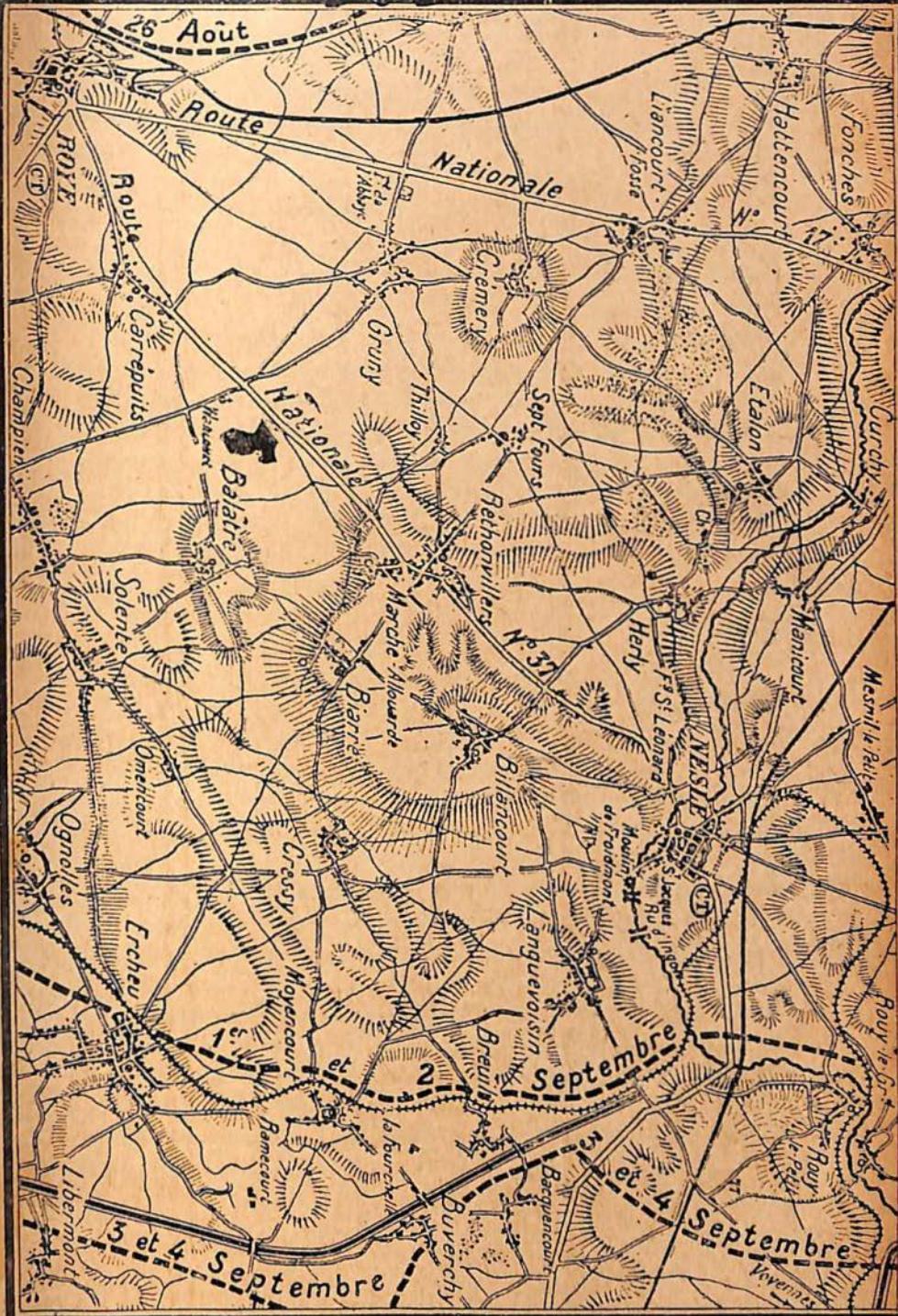
As companhias de engenharia divisionaria trabalharam na reparação das estradas e das pistas destruidas em *Goyencourt*, em *Roye*, em *Carrépuits* e em *Réthonvillers*. A 3 de setembro bivacaram no planalto de *Biltancourt*, a leste da aldeia do mesmo nome.

Nesta data, o inimigo se reentrincheirou a traz do canal inacabado de *Noyon* ao arroio *d'Ingon*, a leste de *Nesle* e oferece uma resistencia seria.

**II — MISSÃO RECEBIDA PELA COMPANHIA DE ENGENHARIA
27/53.**

A 3 de setembro ao meio dia, a companhia 27/53 recebeu ordem de restabelecer, durante a noite, a ponte destruída sobre o arroio *d'Ingon*, no moinho de *Froidmond*, quarteirão *Saint-Jacques*, em *Nesle*, e de construir o mais rapidamente possível, aproveitando as cobertas, uma passadeira para pedestres em um ponto a reconhecer, a montante da ponte acima citada.

A divisão devendo ser substituida nesta mesma noite, a companhia de engenharia reunir-se-á em *Rethonvillers* após a



execução desta ordem, para ser embarcada, na manhã de 4 de setembro, em autos-caminhões, na fazenda de *l'Abbaye*, sobre a estrada nacional n.º 17.

III — RECONHECIMENTOS

Dois reconhecimentos foram feitos de dia, simultaneamente:

1.º) *Da ponte do moinho de Froidmont.* — Ponte com taboleiro metallico sobre encontros de alvenaria.

Os encontros estavam totalmente destruidos e sua destruição interessava, além disto, uma parte importante da estrada, em aterro, nas extremidades da ponte.

O taboleiro metallico, mergulhado no rio e destruído em parte, apresentava entretanto alguns elementos (vigas, longarinas...) em estado de servir.

Largura do rio: cerca de 15m.

Profundidade: 2,m50 a 3m.

Fundo: arenoso

Margens: boscosas, planas, pantanosas.

Altura do aterro da rampa de acesso perto da ponte: um pouco mais de 2 metros.

Foi reconhecido que o restabelecimento rapido da passagem só era possível a montante do moinho, por meio duma ponte de estacas de fraca altura, a cerca de 40 metros da antiga ponte.

2.º) *Para a procura dum local propicio ao estabelecimento duma passadeira leve.* — Pesquisa difícil em virtude: do estado pantanoso das margens, da divisão do rio em varios braços e de seus meandros.

Terreno coberto por altos carvalhos e cortado por vallas.

Reconheceu-se, entretanto, um local conveniente em um ponto completamente protegido das vistas, a cerca de 1200 metros a montante do moinho.

Os acampamentos abandonados e demolidos da margem direita fornecerão o material para o piso.

Pode-se prever o lançamento da passadeira antes da queda completa da noite.

Actividade do inimigo — Alguns tiros de metralhadoras. Tiros de artilharia intermitentes ao longo do rio; não ajustados.

IV — SOLUÇÃO ESCOLHIDA

1.º — Conduzir toda a companhia, de dia, para ás proximidades de *Nesle*, aproveitando as cobertas, afim de permitir-lhe o estabelecimento rapido dos canteiros de corte das arvores e de confecção de estacas, de maços, etc.

2.º — Destacar uma secção para a construcção da passadeira antes do anoitecer.

A passadeira, de mais ou menos 15 metros de vão, deverá ser constituída: por duas arvores grosseiramente esquadriadas, derrubadas atravez do rio, espaçadas de 0m,80 de eixo a eixo e por um taboleiro formado com as taboas da demolição dos acampamentos acima reconhecidos.

3.º — Executar com as tres secções disponíveis os trabalhos preparatorios para a construcção da ponte.

4.º — Construir, durante a noite, com as quatro secções uma ponte de estacas, de tres lances de cerca de 4 metros, no local reconhecido. Refazer as rampas de acesso.

Largura da ponte: 3m.

V — EXECUÇÃO

a) *Marcha da companhia*. Partida do planalto de *Billon-court* ao meio dia. A companhia, em columna, com seu trem de combate, furta-se ás vistas do inimigo passando pelo fundo da ravina a sudoeste de *Nesle*.

Chegada ás proximidades do desembocamento do quarteirão de *Saint Jacques* no bosque, ás 17 horas 30 minutos.

b) Divisão das turmas: de corte das arvores, de confecção de estacas, das passadeiras de manobra, etc.

c) Destacar uma secção para a construcção da passadeira que deverá estar concluída antes da noite, sem dificuldades particulares.

Deve-se notar, entretanto, que, ganhar-se-ia tempo adoptando a solução da passadeira sobre cavaletes, mais facil do que a de deitar as arvores abatidas sobre o rio (dificuldades da escolha das arvores, do desgalhamento, do transporte das mesmas, da collocação no lugar, da desigualdade dos troncos, etc.)

d) *Construcção da ponte de estacas.*

Material empregado:

- as estacas confeccionadas antes do anoitecer.
- os ferros em I da antiga ponte destruída para a construcção do taboleiro (para cada lance, 5 ferros em I de 100 a 120 mm. e 5 metros de comprimento).
- pranchões, provenientes da demolição do moinho, para o piso.
- cacheiras e fachinas recobertas de cascalho e de terra para a reparação dos caminhos de acesso numa extensão vizinha de 50 metros.

DIFFICULDADES ENCONTRADAS

1.º) Do facto do trabalho ser á noite: — luzes prohibidas

2.º) Devido aos materiaes empregados: a extracção das vigas e longarinas da antiga ponte foi extremamente difícil, porque era preciso retirar dos escombros muito mais ferros do que os necessarios, para escolher os que conviessem.

3.º) Devido ao inimigo: a região immediata á ponte estava submettida a um bombardeio por obuzes especiaes, bastante curto, mas violento, que exigiu o uso das mascaras durante cerca de tres quartos de hora.

Não se parou o trabalho por este motivo, todavia houve um retardo sensivel.

VI — RESULTADOS OBTIDOS

A' meia noite estavam terminadas a ponte e as rampas de acesso.

Marcha sobre *Rethonvillers*, onde a companhia chegou ás 3 horas da manhã, prompta para transportar-se integralmente para a fazenda de *l'Abbaye*, afim de ser embarcada em autos-caminhões.

A missão, que fora confiada á companhia, estava cumprida.

Era permittido, comtudo, duvidar-se da capacidade de suporte da ponte assim construida, pois as estacas foram cravadas somente com o auxilio do maço e sem uma verificação rigorosa.

Ora, a 27 de setembro, a companhia 27/53 voltou para a frente destinada ao bosque de *l'Holnon* e tendo desembarcado da estrada de ferro em *Nesle*, o commandante da companhia teve a curiosidade de ir reconhecer o estado da ponte de estacas construída ha 24 dias atraz. Era ainda a unica passagem que permetia a transposição do arroio *d'Ingon*. Um "autobus" de abastecimento de carne verde passava justamente sobre a ponte que havia sido reforçada unicamente por uma escora suplementar, em uma das estacadas.

VII—ENSINAMENTOS QUE PARECEM DECORRER DESTA OPERAÇÃO

1.º) A noite teria sido um obstáculo absoluto ao cumprimento da missão recebida, se os reconhecimentos e os trabalhos preparatórios não pudessesem ser realizados antes da queda completa do dia, como o foram.

Resulta deste exemplo a justificação da importancia de serem as ordens de toda natureza transmittida com tempo suficiente.

2.º) Graças ao habito, já adquirido pelos sapadores, de marchar e de trabalhar a noite, as vacilações foram reduzidas ao minimo e os resultados obtidos foram satisfatórios, tanto pela rapidez de execução, como pela solidez da obra.

Na offensiva, as tropas de engenharia teem uma missão capital a cumprir: estabelecer rapidamente as comunicações, afim de permittirem, primeiramente, a progressão da infantaria, de-

pois a de sua artilharia de apoio, enfim, levar para frente todos os órgãos dos serviços do exercito.

E' importante preparar estas tropas para missões analogas a que descrevemos, porque, para o futuro, as operações nocturnas e em bosques serão as unicas possiveis.

O segredo é, com efecto, o elemento essencial do successo. Na construcção duma ponte, ou no restabelecimento duma passagem, não está mais em jogo a questão de manobrar para escapar aos golpes do inimigo. A operação é por assim dizer, "concentrada" em um ponto escolhido do terreno. Todo canteiro referido será destruido pela artilharia do adversario, ou batido pelos fogos de sua infantaria.

A instrucção dos sapadores deve comportar exercícios numerosos realizados á noite, visando principalmente os trabalhos chamados de "circumstancia", nos quaes a iniciativa e a habilidade individual são indispensaveis, mas tem necessidade de serem servidas por uma longa pratica.

ALERTA ENGENHEIROS!

O magnifico livro do Major Benjamim Galhardo—*Manual do Sapador* — já está no prélo. Será a melhor obra militar do anno.

ARTILHARIA DE COSTA

No proximo numero iniciaremos a publicação de artigos referentes á artilharia de costa, numa secção especial que terá como redactor o Major Bina Machado.

O Dr. Roberto Freitas Lima, o impulsionador da columbophilia no Brasil, escreveu um livro intitulado "Manual colombofilo brasileiro" que "A Defesa Nacional" vende, com todo o prazer, por 8\$000

Secção de Educação

Redactor: João Ribeiro Pinheiro

**"N'oubliions jamais qu'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et éducateur"**

Marechal PÉTAIN

**A PEDAGOGIA
MODERNA
E O EXERCITO**

O grande movimento educacional apôs a guerra, oriundo da necessidade de racionalizar a educação, coordenando-a com as finalidades biológicas e sociais, fez nascer uma escola funcional ou activa.

O Exército não pôde ser alheio a esse sistema educacional, que ora se organiza no mundo, do que vai depender a mentalidade, quicá a sorte, das gerações vindouras. Ao

Exército, mais que qualquer outra organização, pela sua feição deve adaptar os dictames da escola activa. Não só na caserna, directamente sobre soldados, como todos os escalões do seu ensino. E' o regimen da "experiencia", que mais convém a "escola da vida", que é a caserna moderna. Todo o mundo de representações e de elaborações intellectuaes se faz sob as bases da experiência e dos actos vividos. Diz DEWEY — o grande pedagogo americano — "A experiência não é alguma cousa que se opõe à natureza, pela qual se experimente, se prova a natureza. Experiência é uma fase da natureza, é uma fórmula de interacção, pela qual os dois elementos que nella entram, situação e agente, são modificados".

Aprender na forma educativa moderna é ter "experiencia". A escola é a instituição pela qual a sociedade transmite a sua experiência. A escola é, pois, uma systematica "reconstrução da experiência". E a caserna é tão sómente uma escola, uma escola no mais amplo - no mais humano - no mais perfeito sentido.

O primeiro passo para estabelecer o "espírito pedagogico" moderno no Exército seria a criação do DEPARTAMENTO DE PESQUISAS PEDAGOGICAS. Esse órgão seria composto de officiaes que tivessem gosto pelos assumptos pedagogicos e não profissionais ou officiaes com o curso do E. M., obrigatoriamente.

A sua primeira phase seria de investigação. Estabelecido um plano — se processaria a experiência nas escolas e nos corpos de tropa.

Depois, da assentado o que dava resultado — real — então se faria um plano de ensino, de acordo com o novo sentido pedagogico, aplicando os novos methodos. O uso do test, do methodo de projecto, dos trabalhos manuens — globolisação — filmoteca, psychologia objectiva para eliminação do tabu da matemática, que é uma mera aptidão etc.

Levando em conta que o soldado brasileiro tem, em media, uma "idade mental" de doze annos — cumpriria áquelle Departamento fazer os regulamentos de ensino como cartilhas pois, é claro, que a cultura do oficial não se pode atar a elles. Passava a guiar o limite de seus ensinamentos pelo Código de Instrução, que deveria ser realizado.

Esses regulamentos deveriam obedecer uma fórmula graphica didactica e serem ilustrados abundantemente, tal como os livros do Cmt. Lafargue ou os regulamentos americanos, de que, oportunamente tratarremos aqui.

Material e homens nada valem sem instrução. Essa tem que ser transmittida de acordo com o sentido da vida moderna, do contrario é despresar o avião para andar de carro de boi.

Cap. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO
(Membro do Conselho Director da Associação
Brasileira de Educação)

**CONTRIBUIÇÃO
Á TECHNICA
ESCOLAR**

Para realizar um ideal de boa technica, faz-se necessário conhecer os mechanismos psychicos, sobre que o trabalho escolar repousa, porquanto delles é que se tem de tirar maior proveito possível, cuidando-se como é natural, de sua perfeita formação e desenvolvimento. Ora, é evidente que só o estudo do espírito do alumno poderá dar-nos a base technica que procuramos.

Mechanismos psychicos a serem estudados: 1) *Em si mesmos (memoria, sensibilidade, vontade, etc.).*

- 2) *Com relação a operações psychicas mais complexas (materias.).*
- 3) *Segundo as variações individuais (psychologia individual: sub-normaes, super-normaes).*
- 4) *Segundo asidade e as phases de desenvolvimento.*
- 5) *Segundo o sexo.*
- 6) *Segundo factores externos diversos (estações do anno, horas do dia variações meteorologicas.).*
- 7) *Sob a influencia da fadiga.*
- 8) *Sob a influencia da psychologia collectiva.*
- 9) *Nos seus desvios ou alterações pathologicas.*
- 10) *Sob a influencia da disposição de momento, disposições affectivas, etc. (temor do exame, etc.).*
- 11) *Sob a influencia da cultura methodica, exercicio, etc.*
- 12) *Sob a influencia de tal ou qual pessoa que dirige o ensino (individualidade do mestre).*

(dum livro de CLAPARODE grande pedagogo suíço)

**CIVILISAÇÃO
EM MUDANÇA**

"O mundo actual é um mundo em transformação. Nunca a metamorphose foi um factor tão importante. Além disso, ha todos os motivos para pensar que, enquanto tenha sido muito rapida até agora, sel-o-á ainda mais, no futuro."

Os jovens, têm, pois, de encarar um porvir desconhecido. Até ha pouco a educação podia contentar-se com a repetição do passado; este tempo já não existe. Não por que nada tenhamos a aprender do que foi, muito pelo contrario, mas por que precisamos preparar a juventude para viver num mundo movente. Ignoramos os problemas que elles terão de encarar, e, mais ainda, o modo pelo qual deverão resolvê-los. Em vez de o adaptarmos a uma situação previamente conhecida, devemos prepará-lo para as eventualidades de um futuro constantemente renovado."

(do livro de KILPATRICK-notável pedagogo americano)

TYPOS MENTAES

Yung classifica os tipos psychologicos em: Extrovertidos (os que dão predominio ao mundo exterior, ao não eu), e introvertidos (os que preferem o mundo interior, o eu), ambos subdividindo-se nos tipos intellectual, sensorial, sensitivo e intuitivo.

Stern, baseado em Spranger e concebendo a personalidade em todo unido, dá seis tipos estructurais: o heróico, o artístico, o social, o económico, o político e o religioso.

Secção de Estudos Sociaes

Redactor: Correia Lima

A immigração nos Estados Unidos

Leis selectivas

por GABRIEL DE ANDRADE

(consul adjunto em New-York)

Ha quasi meio seculo que os Estados Unidos vêm procurando solver o problema da immigração pelo meio das leis federaes de selecção, as quaes começaram a avolumar-se e a tornar-se mais rigorosas de 1882 a esta parte.

A lei de 3 de Agosto de 1882 inaugurou as exclusões prohibindo a entrada de criminosos, lunaticos, idiotas e individuos na iminencia de se tornarem encargo publico, e creou o imposto *per capita* de cincuenta centavos, cujo producto constituia o chamado *Immigrant Fund* para custear as despesas com o serviço.

A de 26 de Agosto de 1885 tornou illegal o pagamento antecipado do transporte do imigrante com contrato explicito ou implicito para trabalhar nos Estados Unidos. O imigrante entrado nessas condições pode ser deportado um anno apôs o desembarque.

A de 3 de Março de 17 augmentou a lista dos excluidos, taes como os individuos que sofrem doenças contagiosas ou asquerosas, os polygamos e aquelles cujas passagens são pagas com dinheiro de outrem. Prohibiu a estimulação da immigração por intermedio de propaganda nos paizes estrangeiros, sob promessa de emprego neste paiz, com excepção, porém, das agencias do genero, organizadas pelo Estado.

A 3 de Agosto de 1903 elevou o imposto *per capita* (que havia subido para um dollar, por uma emenda de 1894), a dous dollares, e tornou mais longa a lista dos indesejaveis. Ficou prohibida a entrada dos epilepticos, os individuos que haviam estado loucos cinco annos antes, bem como os que tiveram um ou mais ataques de loucura em qualquer tempo; os mendigos profissionaes; os anarchistas e as pessoas que advogam a destruição do governo dos Estados Unidos, ou qualquer outro governo, por meio da violencia; as prostitutas e os individuos que procuram trazer mulheres para a prostituição.

A de 20 de Fevereiro de 1907 reformou as anteriores e elevou a quatro dollares o imposto por cabeça e augmentou a classe dos excluidos. Por esta tornaram-se inadmissiveis os imbecis, os tuberculosos, os individuos com qualquer deficiencia phisica ou mental que os incapacite de se manterem; as pessoas que commetteram crimes que envolvem torpeza moral; os que admittem acreditar na polygamia, as mulheres e moças com intuito de se prostituirem, ou qualquer outro intuito immoral; as pessoas que procuram trazer essas mulheres e moças; os menores de 16 annos não acompanhados de um ou ambos os paes. O acolhimento dessas pessoas do sexo feminino para o fim, acima referido, mesmo que se dê apôs tres annos de residencia neste paiz, é offensa punida como se fôra o acto da importação podendo as mesmas ser deportadas. E pela de 26 de Março de 1910 são excluidos e sujeitos á deportação os individuos que se mantêm com o producto da prostituição, ou que recebem todo ou parte desse

lucro. Uma lei recente, em connexão com a presente proíbe o tráfico interestadual de mulheres para o mesmo fim.

A 1 de Fevereiro de 1917 promulgou-se, depois de estudo de tres annos, feito por uma commissão especial, que tomou o nome de Immigration Commission, a lei que poe termo a uma luta de duas decadas sobre a politica de restricção. Por conter o dispositivo sobre exame de leitura e escripta, foi ella vetada uma vez por Cleveland, outra por Taft e duas vezes por Wilson, e finalmente, a Casa dos Representantes e o Senado passaram por cima do segundo veto de Wilson.

A commissão opinara que o melhor meio de restringir a entrada dos habitantes do sul e leste da Europa, os quaes eram causa de grande oferta de braços, era a exigencia do exame mencionado. Ficaram, assim, consideradas indesejaveis todas as pessoas maiores de 16 annos, que não soubessem ler o inglez, ou qualquer lingua ou dialecto.

Tomou-se, porém, precaução, por intermedio de excepções, para não dar motivo a separação de membros de familia.

Entre 1.218.000 imigrantes, aqui chegados em 1914, havia 21 % de analphabetos. Entre os europeus do sul e leste havia 26 %, entre os do norte e oeste 2 % e entre os demais 19 % de analphabetos.

Esta lei fechou a porta a toda imigração asiatica, delimitando uma area entre paralelos e meridianos, a qual inclue os seguintes paizes: India, Sião, Indo-China, Afeganistão, parte do Turquestão Russo e Arabia no continente asiatico, Nova Guiné, Bornéo, Sumatra, Java e outras ilhas menos importantes, com excepção, como é natural, das pertencentes aos Estados Unidos. A China e o Japão não se acham na area, por haver leis, tratados e accordos sobre a exclusão dos seus nacionaes. De todo o continente asiatico, só ficaram fóra da regiao a Turquia, a Persia, a Siberia e parte da Arabia.

A lei augmentou ainda a lista dos indesejaveis — os individuos de inferioridade physica, os alcoolatras chronicos, os vagabundos, os que advogam ou ensinam a destruição da propriedade, os filiados a organizações que advogam ou ensinam a mesma doutrina, e os tripulantes clandestinos, com excepções dos admissíveis, que podem ser admittidos pelo Secretario do Trabalho.

Esta lei deu uma interpretação mais rigorosa com relação a certos excluidos, mudando e modificando a phraseologia das leis anteriores. As alterações attingiram os loucos, os polygamatos, os tuberculosos, os contratados para trabalho, as prostitutas, passando o imposto *per capita* para o dobro, isto é, oito dollars, com excepção dos menores de 16 annos, acompanhados dos paes, tendo a lei em vista discriminar contra os sem familia.

As restricções tornaram-se mais extensas e pormenorizadas, preparando ao paiz o caminho para lei de carácter restrictivo mais universal, baseada na percentagem — a dos 3 % e a dos 2 %.

O deputado Johnson, autor desta ultima esteve em New-York, estudando a situação para o projecto de abaixar para 1 % as entradas, ou talvez, paralysar de todo a imigração por alguns annos.

Além das leis citadas, varias outras foram promulgadas, no mesmo periodo, com intuito de explicar, emendar, alterar, restringir e seleccionar, bem como para abrir excepções. Hoje, pôde dizer-se, se as condições da vida americana não mudarem, é bem provavel que os Estados Unidos tenham resolvido o problema da protecção dos seus naturaes e dos seus quatorze milhões de estrangeiros residentes.

SEPARATISMO

pelo Cap. HYGINO DE BARROS LEMOS

A extensão geographica de nosso paiz, parece, a muitos incommoda. De outra fórmula não se explica que haja brasileiro que viva, por egoismo, por dilectantismo ou outra razão qualquer a prophetisar o desagregamento de nossa bella e opulenta Patria.

Servem-se os defensores de semelhante these, da comparação da lei biologica que nos ensina que as cellulas na sua evolução se bipartem.

As duas cellulas por sua vez, desenvolvendo-se, tambem se desdobram, dando nascimento a duas outras novas cellulas e assim successivamente.

Se a lei da multiplicação das cellulas é verdadeira no campo biológico, o deverá ser, igualmente, no da sociologia. Deste modo, olhando as cousas em um outro campo, dão por demonstrada a these.

Mas, o Brasil não é cellula, é organismo.

Se quizermos applicar a lei biológica à evolução política do Brasil, devemos, neste caso, considerá-lo como organismo e não como cellula. O erro inicial vem de confundirem evolução da cellula com evolução do organismo. O espirito desapercebido aceita a demonstração e resigna-se ante a lei fatal.

Basta, entretanto, meditar-se alguns minutos sobre o assumpto para concluir-se pela impropriedade da demonstração. Vejamos. A multiplicação cellular, se faz procurando o crescimento e a manutenção do organismo, o seu normal desenvolvimento, e nunca perturbando-o ou mutilando-o, a não ser em casos pathologicos que são, portanto, anomalias.

Em se querendo applicar ao campo da sociologia a lei biológica, de inicio partem-se de pontos diametralmente oppostos.

Na biologia a multiplicação cellular fica circumscreta ao campo cellular, não soffrendo o todo a menor perturbação, abalo ou deformação. Na sociologia, veríamos de inicio o desaparecimento do todo, para aparecer as partes do todo fragmentado.

A lei natural, neste caso, iniciaria a sua acção destruindo, ao emvez de construir; matando ao emvez de aperfeiçoar.

Toda actividade cellular destina-se a manter o organismo, que é uma *unidade*, e não a formar novas *unidades* ou organismos.

Assim, no homem, as cellulas se desenvolvem e multiplicam no organismo para manter integro o corpo humano; porém não formam novos corpos humanos. Do contrario, rompida a *unidade* do corpo, este desaparecia, disperso em fracções, fragmentado.

Applicada com coherencia a lei em apreço aos phenomenos sociológicos, deveríamos considerar como cellulas os municipios, ou mesmo os estados, e promovermos a multiplicação municipal ou estadoal até atingir o Paiz o seu desejo e necessário desenvolvimento. Presenciaríamos o desmembramento de um estado em dous outros estados, de um município em dous outros municípios, procurando o acomodar das necessidades collectivas, como se deu com a 5.^a Comarca de S. Paulo transformando-se no Estado do Paraná ou o distrito de Prudentopolis se

transformando em município autonomo, desligado do de Guarapuava: Naquelle, como neste exemplo, o Brasil nada soffreu na sua integridade; a nação continuou a ser a mesma e unica.

Isto verificamos, aceita a lei como verdadeira, tanto biologica como sociologicamente. A franquesa da these não pára, porém, ahí.

E' preciso não esquecer que a lei da reprodução celular se nos apresenta como inconsciente realizando a sua missão, independente da concurrencia de agentes externos. O contrario se passa no campo sociológico, onde os phenomenos são impulsionados pela vontade do homem. E, quando elle age, visa certos fins; entretanto imprevistos podem surgir, levando-o a situações inesperadas.

A nossa Patria sempre foi uma e se observarmos o evoluir da sociedade humana, tudo nos impelle a ser sempre, e cada vez mais unidos.

Afastemos de nossas preocupações motivos separatistas, aperte-mos os laços que nos unem e seremos um grande povo.

O Brasil possue muitos rios. E' preciso saber passal-os
Compre Transposição dos cursos d'agua, do Cap. Lima Figueirêdo

Preço: 3\$000.

Os regulamentos de continencias e de educação physica
só se encontram na "A Defesa Nacional". Mandem, hoje mesmo, suas encommendas.

Aspectos Geographicos Sul-Americanos que o Major Mario Travassos escreveu e o Dr. Pandiá Calogeras prefaciou, interessa a todos os brasileiros e custa sómente 5\$000.

"A verdadeira liberdade civil depende da garantia da propriedade. Ella não existe num paiz onde se pode mudar, todos os annos, a quota do contribuinte".

EMIL LUDWIG.

"Um soldado deve saber amar a dor e a melancolia das paixões".

NAPOLEÃO

Política Económica Nacional

Pelo 1.º Ten. JOSÉ SALLES

Assumpto que tem, certamente, a sua parcella de importancia não pequena a ponto de merecer algumas horas diárias de nossas cogitações, é aquelle que prende a política económica nacional. Raciocinando assim, deliberamos abordal-o particularizando o caso brasileiro que, felizmente, vae já enveredando pelo caminho de outras directri es, o que de ha muito se fazia sentir indispensavel.

Afigura-se-nos necessario definir os termos. Comprehende-se, de um modo generalizado, por política económica nacional o conjunto de medidas pelas quaes o Poder de um Estado se propõe influir na vida económica do seu povo afim de salvaguardar o bem-estar collectivo, considerando-se o vocabulo Estado na sua acepção jurídica dentro dos principios consagrados pelo Direito Internacional Público. Restringindo um tanto mais o campo das investigações por onde nos propuzemos divagar, visamos principalmente noticiar de forma sumaria o que já foi feito, no Brasil, até á data presente, com a finalidade de expor a situação, a bem dizer, da grande maioria dos seus habitantes, isto, é, daquelles que mourem na lucta pela existencia em todo o nosso immenso territorio, quasi sempre esquecidos, muito embóra sendo os factores reaes sobre quem se firma a propria vida da nacionalidade e cuja defesa é, no caso, a da nossa Patria mesma que, verdadeiramente, não pôde aindar ser classificada entre os paizes industriaes.

E' dever de todo o patriota sincero examinar conscientiosamente o que já se fez, apontando as falhas com a isenção de animo, a compostura e a dignidade que devem caracterizar o homem em qualquer momento de sua vida e mostrar o que é preciso fazer segundo as convicções firmes que tiver assentado á luz de estudos ainda mais conscientiosos e profundos. A nenhum cidadão é lícito desinteressar-se dos problemas capitais da collectividade a que pertence, por quanto tocando-lhe uma parte, minima embóra, no resultado das soluções boas ou más, não é justo que deixe de concorrer com um pouco do seu esforço e do seu trabalho para serem conseguidas as soluções boas, assim como não o é, tambem, concorrer para o advento das más com a sua pouca attenção para os deveres civicos. Aos que não os cumprem não pôde assistir o direito de criticar os actos oriundos da acção de outros que, bem ou mal, os tenham cumprido.

Em um territorio vasto, onde a densidade da população é pequena, o meio favorece muito o desenvolvimento das propensões egolátricas e egoísticas nos individuos e do espírito regionalista por parte dos habitantes de determinados trechos do mesmo, males estes agravados pelo facto de não ser sufficientemente diffundida a instrução entre a massa geral do povo, com especialidade no interior do paiz; d'ahi a necessidade de serem combatidos, oppondo-se-lhes meios capazes de, senão extinguil-os totalmente, o que seria impossivel, pelo menos minoral-os muito. Isto só se conseguirá por uma orientação segura, traçada á luz de um conhecimento perfeito dos elementos fundamentaes que são a base da vida nacional.

Não sendo o destino do homem sobre a Terra o mesmo do bruto, a sua natureza é eminentemente social, isto é, não pôde viver isolado dos seus semelhantes, de cujo auxilio, que é mutuo, não pôde prescindir para alcançar mui-

tos dos fins legítimos e necessários da vida. Contra uma tal ordem de causas em vão tem lutado os agentes desagregadores, através de todos os tempos, sem conseguir, entretanto, ver vitoriosos seus funestos designios, máu grado a profunda impressão que, quasi sempre, vão deixando ao longo da trilha seguida, conquistando adeptos e seguidores entre os commodistas e os de convicções pouco seguras.

Desta maneira, pugnando pelas boas causas, combatendo tais agentes, desde que tracemos nossa conduta para tanto dentro dos princípios ensinados pela Moral, jamais devemos ter receios de lutar contra a rotina e os rotineiros; jamais temamos ser dissidentes porque o progresso sempre foi obra destes que são, incontestavelmente, elementos de primeira grandeza na marcha da evolução humana.

O individuo não vive para si unicamente; à sociedade, da qual é membro, cabe o direito de exigir-lhe satisfação a sua contribuição cumprindo os deveres que tem para com ella, porque ella se superpõe à cooperação ou ao concurso de acções, mais ou menos ordenado, dos animaes que vivem em colônias (animalia gregalia). Sendo, portanto, destinado à vida em sociedade, tendo esta um fim próprio, é claro que o estabelecimento de uma ordem social se faz sentir, harmonicamente com a própria natureza racional do homem, suficiente para a consecução desse mesmo fim. E essa ordem actua onde quer que a vida da sociedade se desenvolva dentro do limite moral, mediante, o reconhecimento e a observância da lei moral estabelecida.

D'ahi o princípio de solidariedade, exprimindo uma relação com o fim natural da sociedade que consiste no bem estar de todos os seus membros. "Subordinação a um todo social com relação ao fim deste mesmo todo e também cooperação positiva para esse fim, que medialmente contribue para a felicidade de cada um em particular: — Eis a solidariedade como princípio e como dever moral". E não ha como negar que neste se inclue, de um certo modo, o complemento ethico do princípio economico, indispensável, pôde-se afirmar com certeza, para o bem estar de todas aquellas pessoas, interessadas na vida económica da sociedade; nesse complemento ethico é que se apoia a legitimidade da companha em prol de uma distribuição mais equitativa das riquezas.

Admitte-se geralmente a ordem social assentada sobre trez columnas fundamentaes que são: — A família, o Estado e a Propriedade Privada. Esclareçamos; referindo-se à família é claro que não tomamos o termo no sentido da relação matrimonial estabelecida pelo contracto civil entre duas determinadas pessoas, tomamol-o no seu sentido absoluto, isto é, como uma das fórmas naturaes de sociedade, constituindo, dest'arte, o primeiro laço ou vínculo social derivado da mesma natureza humana unindo estreita e fortemente a todos os homens, reciprocamente obrigados a deveres e possuidores de direitos. Seria longo discorrer sobre seu conceito e fim e sobre a sua historia. Sobre sua função económica, ella é considerada, e com sobras de razões, como a minima e originaria unidade social de ordem económica que provê imediatamente as necessidades corporaes de seus membros, muito embora o seu isolamento como tal jamais tenha sido absoluto.

A sociabilidade, fim normal do homem, em cuja racionalidade se encontra o seu fundamento e a sua razão de ser, não termina, porém, na familia; ella continua, mais amplamente, no Estado, segunda columna mestra, gerado pela necessidade de outras relações sociaes mais vastas, cujos limites ultrapassam os do círculo da familia para abranger o de uma associação destas em numero variado segundo determinadas condições.

O fim e a autoridade do Estado, unico vínculo de união das famílias as-

sociadas, constituem-se pela obrigação de se conservarem a si mesmos, afóra um outro que lhe é próprio e peculiar — o seu fim histórico. Compete-lhe, pois, segundo a doutrina mais corrente, proporcionar a seus membros aquellas vantagens e bens necessários ao respectivo bem estar terreno, dentro do gráu de cultura em que vive, que não podem ser conseguidos por meio das forças pessoas de cada individuo, pelas da família ou de outra qualquer associação inferior em limites á sociedade política. D'ahi o dizer-se que o fim natural do Estado deve ser um bem porque só este pôde ser objecto e termo das aspirações humanas e elle é, no caso, o bem estar publico ou commun de todo o povo, em todas as suas modalidades cuja explanação detalhada nos levaria longe, fazendo com que nos afastassemos desnecessariamente do synthetismo a que nos propuzemos.

Em terceiro lugar temos a Propriedade Privada, tida pela maioria dos homens como um dos factores da ordem económica e social; é geralmente definida em sentido subjectivo, como o direito que uma pessoa tem de poder dispor de um material qualquer que lhe pertence com exclusão de todos os demais ou "o direito, assegurado pela lei, de usar, gozar e dispor de seus bens e de reaver os do poder de quem quer que injustamente os possua", segundo o Código Civil Brasileiro (artº. 524), havendo outras definições. Sendo da mais alta importância prática dentro do estado social, a sua legitimidade é incontestável e deduz-se da natureza, dos direitos naturaes do individuo e da família, isto é do dever que o homem tem de conservar-se, de onde se originam o direito da previsão e providencia, atributos natuares do ser nacional, o direito do homem ao fructo do seu trabalho e, finalmente, o natural amor e solicito cuidado dos paes para com os filhos.

Assim sendo, tem seus limites de acquisição e de uso enquadrados nos tres principios seguintes: — 1.º A propriedade é um poder e domínio; não, porém, um poder puramente phisico, mas um direito, uma faculdade ou domínio moral. 2.º — O direito de propriedade é o mais elevado dos direitos reaes ou objectivos, mas não é o direito supremo em absoluto de todos os que correspondem ao homem relativamente ás causas materiaes. 3.º — A sociedade não tem a si mesma por fim, não é um direito e domínio encaminhado unicamente para dispor e desfrutar da causa, mas um meio de prover ordenadamente o que convém ao bem do individuo, da família e da sociedade conforme as necessidades humanas.

Vimos em largos traços o fundamento da economia nacional e, consequentemente, da política económica nacional cuja definição ficou expressa linhas atrás. Excusamo-nos, pois, de continuar, batendo nessa tecla, por quanto, sendo um assumpto que se prende mais á Sociologia, a sua lembrança, aqui, vem somente a título de melhor esclarecer a thése abordada. Prosigamos, portanto.

Onde essa política tantas vezes citada exerce a sua accão preponderante é na organização económica nacional visto como para este fim ella é o meio. Mas, quel será o caminho ou o genero dessa organização que nos poderá permitir alcançar o bem-estar collectivo? — Eis o problema; resta-nos achar a sua incognita, trabalho este pelo qual se esforçam as tres correntes de idéas político-económicas — Individualista, Socialista e da Reforma Social ou Solidarista, cada qual apresentando uma serie de consideranda tentando provar a certeza de seus pontos de vista ou de suas concepções philosophicas que ás vezes nos consegue deixar fundas impressões. Quer nos parecer, entretanto, que, até á época actual, a supremacia tem estado com a corrente solidarista, sabendo, embora, que a phase pela qual o mundo vai passando é de transição para um estado de completa diferença com relação ao estado presente.

A constituição brasileira, recentemente promulgada, comporta principios basicos da nossa politica economica, no capitulo relativo a "Ordem Economica e Social", sobre cujo alcance nunca é demais meditarmos um pouco, dada a sua oportunidade, reconhecida pela grande maioria dos brasileiros que verdadeiramente se interessam pelos problemas capitais collectivos.

Não se pôde comprehender que os Poderes Publicos se desinteressem pela situação do povo em geral na parte relativa á sua vida economica, a eterna preocupação de todos aqueles não bafejados pela fortuna, possibilitando-lhes existencia condigna, segundo normas de estricta justiça. O interesse, no caso, é da propria raça que, assim amparada contra as privações, não se degenerará nos dias vindouros, fazendo-se, ao contrario, cada vez mais sadia e forte e, consequentemente, respeitada e admirada. A responsabilidade da geração presente, nessa questão, é bem grande, cabendo-lhe, portanto, collocar-se na altura devida afim de não merecer, futuramente, o epitheto de "fallida".

Não ha, pois, como deixar de considerar aquella nossa carta politica entre as merecedoras do título de boa, porque, apesar de já ter soffrido alguns ataques, sendo cumprida, satisfará plenamente, parece-nos, ás nossas necessidades; elaborada por uma Assembléa, no seio da qual se agitavam variadas correntes de opiniões, não lhe seria possivel exigir perfeição absoluta, ponto a que jamais poderá attingir tudo o que é humano, tanto que foram previstos os casos de revisão ou reforma. A questão capital se resume no esforço de todos em cumpril-a com sinceridade e boa vontade, condição que julgamos suficiente para sanar as falhas porventura existentes, que assim se annularão.

A promoção do fomento economico no seio da massa popular, o desenvolvimento do crédito, a proibição da usura etc. etc. são, indubitavelmente, medidas de effeito salutar, porém, como conseguil-as fazer surtir os benefícios esperados sem um preparo prévio, como sejam — a educação geral, a instrução, a implantação dos hábitos de hygiene e sanitade e tantos outros? — Não é, certamente, possivel conseguir-o sem este preparo que tem correlação, por assim dizer, muito estreita com aquellas medidas, aliás também sabiamente preistas na lei magna que principia a reger nossos destinos, o que nos induz a afirmar ser ciclopica a obra encetada, que requer, em consequencia, uma formidável somma de esforços e de trabalhos para a sua conclusão. Já é tempo, portanto, de pregarmos aos quatro ventos a necessidade de serem congregadas todas ás vontades e encarecer o seu norteadamento para o ideal commun sem prejuizo, já se vê, das pequenas divergencias das correntes de opiniões porque, no fundo, elas apenas são questões de detalhe; o resultado final que todos desejam é um só: alcançar a felicidade geral. Ninguém é dissidente exclusivamente para destruir porque o seu ideal é melhorar; do contrario não seria dissidente. Os meios empregados é que podem estar ou não de acordo com os interesses geraes da sociedade e a esta assiste, portanto, o direito de adoptal-os ou combatel-os, segundo as suas conveniencias.

Firmada a doutrina de que a lei promoverá o amparo da produção e estabelecerá as condições do trabalho, na cidade e nos campos, tendo em vista a protecção social do trabalhador e os interesses economicos do paiz, tem-se dado um passo agigantado no sentido de uma orientação segura capaz de estimular o gosto pela vida campestre, mais natural e pura, mais cheia de encantos, pela qual é manifesta a aversão que lhe devota a grande maioria dos brasileiros das cidades para quem o já simplório, á custa de cuja produção material vive, é sempre objecto de mofa; exceptuam-se, naturalmente, aquelles que, pela sua sensatez, vêem na sua simplicidade o elemento bom, que se fosse bem orientado e dirigido, seriá de uma capacidade productiva formidável, visto como é pos-

suidor de qualidades physicas e moraes pouco communs até para luctar contra os agentes naturaes adversos. E' uma justiça que a esses nossos patricios devemos fazer.

O progresso attingido pela legislação do trabalho, após a grande guerra 1914-1918, depois da qual os povos de todas as partes do mundo, rompendo os velhos laços da disciplina céga começaram a se agitar em busca de melhoria para as suas condições precarias, em grande parte devidas ás directrizes da política geral e e economica adoptada pelos principaes paizes, especialmente por aquelles que mais pesam na balança do equilibrio mundial, tendo recebido a sua consagração, veio collocar o trabalhador nacional em um pé de igualdade, si bem que theorica por enquanto visto como o cumprimento de alguns dos principios adoptados, para terem plena execução, precisa de um estudo mais ou menos longo, em nada inferior ao estrangeiro; si assim não for, estes principios ficarão no rôl daquelles que jamais hão de ser applicados, porque não possuindo o trabalhador nacional, na maioria dos casos, o gráu de adeantamento a que chegaram os de outros paizes não pôdem certamente estar na algura de pleitear com orientação segura junto aos Poderes Publicos ou ás commissões de estudo o que é objecto de suas aspirações que, por isto mesmo, não são ainda bem definidas; dahi o ser explorado por alguns individuos ambiciosos que não se importam de utilizar quaisquer meios para bem se installar na vida. E' mistér, portanto, que elle em primeiro logar procure progredir mais no terreno intellectual e orientar o plano das suas aspirações no sentido de exigir e conseguir não os absurdos, mais o justo e harmonioso equilibrio no meio social em que vive, procurando manter-se condignamente, não permitindo que o explorem, não explorar ninguem e, sobretudo, comprehender que a liberdade não é o emprego livre de quaisquer meios, mesmo os condemnaveis, para conseguil-o e sim somente o emprego daquelles aconselhados pela Moral e pelo Direito.

Um movimento no sentido de coodenar as forças dispersas, disciplinal-as e dirigil-as, segundo a doutrina Solidarista, a unica que se nos afigura viavel no Brasil, viria permittir:

1.^o — Que os negocios publicos pudessem ser conduzidos de um modo mais conveniente aos interesses do bem commun de todo o povo.

2.^o — A participação deste nos progressos da cultura na medida e segundo as possibilidades de cada classe.

3.^o — A sua agremiação collectiva em classes profissionaes para que, desse modo, possa exercer a influencia que lhe cabe na ordem economica nacional.

4.^o — Que o Estado possa e deva intervir onde as forças individuaes e corporativas sejam por si sós insufficientes para a defesa e guarda dos direitos e necessitem da acção suppletoria da força collectiva social para a realização de seus interesses desde que estes não sejam contrarios ao bem commun.

Todos os problemas sociaes e economicos sendo resolvidos dentro de taes principios poderão assegurar convenientemente o bem estar commun que si não for conseguido por uma doutrina moderada muito menos o poderá ser pelas doutrinas extremadas, situadas em qualquer ponto dos sentidos opostos, porque a humanidade ainda não attingiu, e talvez nunca poderá attingir o gráu de perfeição absoluta, unico capaz de formar ambiente propicio á applicação pratica dos principios defendidos por algumas dellas. E noutro ambiente que não o formado por esse inaltingivel gráu de perfeição taes principios jamais poderão se transformar em realidade.

"A DEFESA NACIONAL"

é

do

Exercito.

Trabalhar por ella

é

trabalhar

pelo

Exercito.

Mandem suas _____

_____ colaborações.

**Noticiario
e
Variedades**

AOS NOVOS OFFICIAES

"A Defesa Nacional" deseja-lhe muitas
felicidades na carreira que abraçaram.



Vêem, ao alto e ao centro, a cerimônia da declaração de aspirantes na Escola Militar e em baixo na Escola de Intendência

O futuro do Brasil depende da cohesão e vigor das suas forças armadas

O Sr. General Ministro da Guerra, dirigiu, por occasião da passagem do anno, telegramma-circular a todas as guarnições:

"Aos bravos e fieis soldados de todas as unidades do Exercito brasileiro envio a minha saudação muito afectuosa exhortando-os, ao abrir-se o anno novo, para que se empenhem com a maior força de animo no sentido de manter em respeito os inimigos da patria, vigiando constantemente pela sua segurança e inviolabilidade da ordem e da disciplina.

O futuro do Brasil depende da cohesão e vigor das suas forças armadas; a integridade do nosso territorio e a defesa da honra nacional estão confiadas aos que vestem a farda honrosa do soldado.

Em qualquer momento, deveis estar promptos a accudir ao chamento da patria, para servil-a nas occasões de perigo e para combater em defesa das instituições nacionaes que governam e regulam os nossos destinos.

Mereceis assim toda a admiração e affecto dos vossos chefes, dos vossos camaradas que vos ensinam e com vosco trabalham no mesmo officio arduo e dignificante das armas e lembræ-vos que hoje como outrora, elles são os vossos guias para a gloria ou para a adversidade.

Como ministro, tenho a esperança da transformação do Exercito, em sua estructura e mentalidade, contando com o valor e a prosperidade de meus camaradas, afim de contribuirmos com os nossos sentimentos e com as nossas acções para a grandeza da nação, para garantia do Estado brasileiro e de suas instituições.

A todos dirijo os votos ardentes de felicidade e de solidariedade dentro do mais nobre espirito de camaradagem. — General Góes".

O Brasil é o mais velho paiz do mundo?

O sabio Hollandez Vening, que viaja no submarino "K. XVIII", da marinha de guerra da Hollanda, affirma que o Brasil é geologicamente a terra mais velha do mundo. Em nosso planalto central teria começado a solidificar a crosta terrestre.

A hypothese não é nova; mas a affirmação do geologo hollandez toma agora um tom categorico. Somos o paiz mais edoso do mundo. Realmente, isto não tem grande importancia para a nossa vida. Velho ou novo, o trecho do globo em que vivemos está, sob os aspectos multiplos da civilisação moderna, numa phase de adolescencia. Como as mulheres, os paizes não têm a edade que apparentam...

Dois livros interessantes sobre a Historia Republicana

O cerco da Lapa e seus heroes, David Carneiro.....	8\$000
A guerra militar e civil (1893) Almirante Thompson.	10\$000

Minas terá uma fabrica de aviões

E' voz corrente que dentro de dois annos teremos, no Brasil, uma fabrica de aviões. O local escolhido foi a lagôa Santa que fica ao norte de Bello Horizonte e desagua no Taguarussú, affluente do rio das Velhas.

A lagôa permitirá a amerissagem dos hydro-aviões.

A escolha do nucleo de aviação não podia ser melhor, mercê da parte saliente que essa lagôa exerce na historia archeologica brasileira.

Foi nella que o naturalista Pieter Wilhem Lund colheu em 1833 e 1834 os mais valiosos elementos da paleontologia brasileira. Lund descobriu fosseis da edade pleistocena-instrumentos de pedra e restos humanos — e concluiu que o homem habitava a America do Sul desde os tempos geologicos.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O PLEBISCITO DO SARRE

A questão do Sarre era um petardo de dynamite na paz mundial.

Um pleito popular deveria dizer qual o destino que aguardava a rica região mineira, governada há quinze anos pela Liga das Nações.

Dizia Nitti que o Saar era alemão pela história, pelas tradições, pela língua, pela raça e pelo sentimento. É difícil encontrar-se uma região em que a estrutura étnica seja mais compacta. Numa população de 700.000 habitantes não existiam siquer 100 franceses.

Dariac, porém, havia recomendado que os franceses conquistassem as escolas e o clero, forças que ele julgava preponderantes.

O mundo inteiro ansiosamente esperava o resultado do plebiscito do dia 13 de janeiro, no qual ficariam sabendo se aquele rico recanto voltava ao regaço alemão ou ficava sob a bandeira tricolor da França.

Pelos resultados divulgados a Alemanha venceu a pendência, conseguindo 476.089 votos ao passo que a França sómente obteve 2.083.

A heroica pátria de Napoleão deu, todavia, um exemplo ao mundo, acatando com o máximo respeito a decisão popular. A atitude desassombrada da França, fez com que se desanuviasse a nuvem pedreira que toldava a paz universal.

Ao tomar conhecimento do resultado, o Fuehrer declarou: "Depois da volta do Sarre ao Reich, desapareceu do mundo a última questão territorial que existia entre a Alemanha e a França". Que assim seja.

A RUSSIA NA LIGA DAS NAÇÕES

A União Sovietica teve a sua pretenção de pertencer ao instituto de Genebra coroada de exito. Muito trabalharam para a victoria da U. R. S. S., a França, a Inglaterra e a Italia.

Trinta e oito Estados votaram a favor do pedido russo, tres votaram contra e sete se abstiveram de votar.

Votaram contra: Portugal, Hollanda e Suissa. Abstiveram-se: Belgrado, Luxemburgo, Argentina, Venezuela, Paraguay, Nicaragua e Cuba.

Teve accção destacada, no desenrolar da sessão, o Snr. Caiereiro da Matta, chefe da delegação portugueza, que asseverou haver um abysmo intransponivel entre a Russia e Portugal.

O Snr. Joseph Motta, primeiro delegado da Suissa disse que não podia pactuar com o comunismo, cuja doutrina dissolveu a familia, suprimiu a propriedade privada e organizou o trabalho forçado. Definiu o dogma de Lenine como a negação de todos os ideaes.

Defendeu calorosamente a Russia, o sr. Barthou, representante da França. Disse que depois de Lenine, o regime sovietico evoluiu muito. E que, tendo a instituição de Genebra por principal escopo a universalidade, ella não poderia negar a entrada, no seu seio, de um povo de 160 milhões de habitantes.

A PAZ NA EUROPA

Dos discursos trocados pelos srs. Mussoline e Pierre Laval no palacio de Veneza.

E' o seguinte o texto da allocução pronunciada pelo sr. Benito Mussolini, chefe do governo da Italia, no jantar oferecido ao sr. Pierre Laval, ministro dos Negocios Estrangeiros de França no palacio de Veneza:

"Sr. presidente. — A Italia e o seu governo sentem-se felizes em poder saudar em Roma depois de varias dezenas de annos um ministro dos Negocios Estrangeiros de França. A vossa viagem sr. Laval é uma prova concreta da approximação franco-italiana que o vosso illustre predecessor e vós, de uma parte, e ou, de outra, tinhamos desde longo tempo emprehendido tendo em vista os fins communs que ultrapassam a orbita das relações franco-italianas para tomar significação mais vasta, uma significação europeia.

Temos trabalhado tendo em vista não sómente um arranjo das questões particulares que concernem aos nossos dois paizes como tambem a consagração dos valores ideaes que nos provêm da nossa communhão de origem e dos quaes os povos têm a maior necessidade em epochas de mao estar e incerteza como a nossa.

Desejo nesta occasião precisar de que modo o nosso encontro reafirma certos principios de ordem geral em que a politica italiana sempre se inspirou nos ultimos dez annos. Não se trata na Europa Central de renunciar ás nossas amizades respectivas mas sim de harmonizar na bacia

do Danubio as necessidades vitaes de cada Estado com exigencias de ordem geral para o fim supremo da pacificação europeia.

Por este angulo visual mais vasto acredito, sr. presidente, que concordareis commigo que os nossos entendimentos não podem nem devem ser interpretados como contrarios ou mesmo simplesmente exclusivos relativamente ás demais potencias que desejem trazer a sua collaboração á obra que queremos iniciar.

Com a esperança de que este entendimento entre os nossos governos possa dentro em pouco permittir a realização em todos os seus pormenores da harmonia dos interesses da França e da Italia e estabelecer o primeiro ponto de encontro politico entre os dois Estados levanto a minha taça á saude do presidente sr. Albert Lebrun, á vossa, sr. presidente e á prosperidade da França.

Texto da oração do snr. Pierre Laval:

"Sr. presidente — Agradeço-lhe as palavras que tivestes e que encontrara na França um profundo eco. Trago-vos a saudação de meu paiz. Sinto-me feliz pelas circunstancias me haverem permitido fazervos esta visita cujo projecto eu havia concebido em 1931. Era a voz de meu eminente antecessor sr. Louis Barthou que deverieis ouvir hoje e é com emoção que evoco a lembrança daquelle que cahiu servindo a nobre causa que nos reune agora. Ha alguns dias, deante do Senado, proclamei a fé no sucesso das negociações que emprehendemos. O accordo entre a Italia e a França era necessário. Estamos a caminho de firmar para maior bem de nossos paizes e no interesse da paz mundial. Quizemos regular as nossas questões. Quizemos procurar uma harmonia de vistos sobre os principaes problemas de politica geral. E' com interesse apaixonado que o mundo segue o nosso esforço. Todos aquelles a quem anima um ideal de paz estão hoje com os olhos voltados para Roma. Ninguem se engana sobre o verdadeiro sentido da acção a que resolutamente nos dedicamos. Fallo em nome da França, que não tem em mira nenhum alvo egoista. Tem a legitima preocupação da sua segurança, mas deseja participar de uma obra necessaria de reconciliação entre os povos. Vós sois o chefe de um grande paiz ao qual soubestes dar o logar legitimo que lhe cabia no concerto das nações. Escrevestes a mais bella pagina da historia da Italia moderna. Pondo vosso prestigio ao serviço da Europa, trazeis um concurso indispensavel á manutenção da paz. Presentemente em Genebra os perigos de um conflito foram afastados, mas a paz continua precaria. Requer nossos attentos cuidados. Os povos não querem mais esperar. Vivem na incerteza e muito communmente na miseria. Cada um de nós tem o dever de defender a sua patria e de a querer mais forte e mais bella. Mas não constitue traição ao amor que se deve ao seu paiz, fazel-o assumir a sua obrigaçao de solidariedade internacional. Sei que esse dever é difícil de cumprir, mas a coragem é exigida daquelles que têm a responsabilidade do destino dos povos. Fizemos nascer uma grande esperança. Não a decepcionaremos. A paz será mantida e consolidada. Nossa civilização não pôde desaparecer: escutemos a lição do passado; é na guerra que sobram as civilizações. Estaremos num momento da historia do homem em que este, com mãos brutaes, procurasse destruir o que o seu genio construiu? Em face dos vestigios da Roma antiga façamos juntos o juramento de não deixar a humanidade recahir na escuridão que tantos séculos conhecera. Levanto o meu copo pela saude de S. M. o rei, de S. M. a rainha, de S. A. R. o principe herdeiro. Bebo pela felicidade pessoal de v. ex. e pela prosperidade da Italia".

A REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Outrora varias nações se abrigaram na grande peninsula iberica. Hoje, depois que o sceptro caiu, varias revoluções foram feitas com cunho de separatismo.

Ao par dos bascos e dos asturianos que lutam pela autonomia, ha também fortes adeptos da doutrina maximalista.

A questão na Hespanha parece ser mais uma crise social, do que política.

A QUESTÃO ITALO-ETHIOPICA

Os paizes pequenos acompanham com interesse o desenrolar da pen-
dencia havida entre os abyssinios e os italianos. Temiam esses paizes, que
a justiça da força fosse utilizada pela Italia, afim de chamar para o seu
domínio mais aquelle pedaço do infeliz continente negro.

A Liga das Nações dirá a quem cabe a responsabilidade do sangue
derramado nas raias da possessão italiana.

Um dia festejara a cidade de Londres a victoria de Crom-
well, acclamado dictador. Vendo esse movimento popular, um
cortezão murmurou-lhe ao ouvido:

— “O-povo adora-vos; toda a população de Londres pro-
cura saudar-vos”.

Crom well respondeu-lhe:

— “Si fosse para me enforcar, vinha ainda mais gente !”.

Dario enviou, certa vez, ricos presentes a Epaminondas,
com o intuito de seduzil-o.

Epaminondas recusou-os, dizendo:

— Si Dario quer ser amigo dos thebanos, não precisa
comprar a minha amizade; si é seu inimigo, nem todos os the-
souros do mundo chegarão para me comprar.

NOTICIARIO

General Baudouin e Coronel Corbé

Para sua terra natal seguiram os dois inclitos mestres, General Baudouin e Coronel Corbé, após longa ausencia. Durante esse periodo estiveram labutando nas nossas escolas militares, ensinando com proficiencia e zelo os segredos da doutrina militar que levou as palmas da victoria, no maior conflicto mundial, á grande França.

A Escola de Estado Maior desejando guardar uma recordação dos dois illustres mestres resolveu, em boa hora, inaugurar os retratos dos mesmos em seu salão de honra. Nesta tocante cerimonia, o cap. Humberto Castello Branco reviveu a acção fecunda dos dois militares franceses, dizendo-lhes o quanto de saudade ia nos corações de todos seus alumnos e amigos.

O General Baudouin falou em seguida terminando sua alocução do seguinte modo: Peço aos senhores que, quando mirarem nossos retratos digam: Elles estão na França pensando no Brasil.

Livro novo

O Major Danton Teixeira apresenta-nos um novo livro intitulado "Historia Militar do Brasil". O nome do autor já é uma bôa recommendaçao, dada os seus dotes de intelligencia e o brilhante exito que teve o seu "Resumo sobre a guerra do Paraguay".

Terão os instructores, com o novo livro do Major Danton, os seus trabalhos muito reduzidos na parte referente a historia militar, pois o Autor expõe de uma maneira clara e synthetica, com croquis e cartas, todos os factos ocorridos desde a chegada da frota de Christovam Jacques, em 1527, até aos ultimos dias de agonia da guerra lopezguaya.

O editor Henrique Velho esmerou-se como sempre na apresentação do util livro.

Nova M. M. F.

O General Noel, nome de grande relevo na arte militar francesa, foi pelo seu governo designado para chefiar a M. M. F. em nosso paiz. A *Defesa Nacional* ao annunciar este auspicioso facto deseja ao illustre soldado e aos seus novos companheiros de missão as melhores bôas vindas e a mais feliz permanencia no seio do exercito brasileiro.

BANCO DO BRASIL — RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

<i>Com Juros (sem limites)</i>	<i>2% a. a.</i>
Deposito inicial Rs. 1.000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura.	
<i>Populares (limite de Rs. 10.000\$000)</i>	<i>3½ % a. a.</i>
Deposito inicial Rs. 100 000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
<i>Limites (limite de Rs. 20.000\$000)</i>	<i>3% a. a.</i>
*Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100.000. Retiradas minimas Rs. 50.000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados.	
<i>Prazo fixo de 3 a 5 mezes 2½ % a. a. — de 9 a 11 mezes de 6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes.....</i>	<i>3½ % a. a.</i>
Deposito minimo Rs. 1.000\$000	<i>4% a. a.</i>
<i>De aviso</i>	<i>3% a. a.</i>
Aviso previo de 8 dias para retirada até 10.000\$000, de 15 dias até 20.000\$000, de 20 dias até 30.000\$000 e de 30 dias para mais de 30.000\$000. Deposito inicial Rs. 1.000\$000.	
<i>Letras a premio (Sello proporcional).</i>	
Condições identicas aos Depositos a Prazo fixo.	

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Recebemos e agradecemos;

Do MEXICO

Revista del Exercito y de la Marina. (Setiembre de 1934). Entre os artigos interessantes citamos: El mando y el estado mayor, Transportes por automovil, Puentes colgantes de calles en secciones artiladas, El viaje de la escuadra aerea francesa al Africa.

El Soldado (Julio e Agosto de 1934). Com uteis collaborações proprias para leitura das praças de pret.

Do EQUADOR

Revista Militar (Septiembre—Octubre de 1934) Apresenta uma serie de trabalhos de grande valor firmados pelas figuras de maior realce do exercito equatoriano.

Do PERU'

Revista Militar del Perú (Octubre de 1934) Toda a revista é um manual de cousas uteis e agradaveis, salientamos, porém: Campana Napoleonica de 1815 Waterloo, Las ideas antinacionalistas y el momento militar en Sudamerica e Los héroes de Angamos.

DA HESPAÑHA

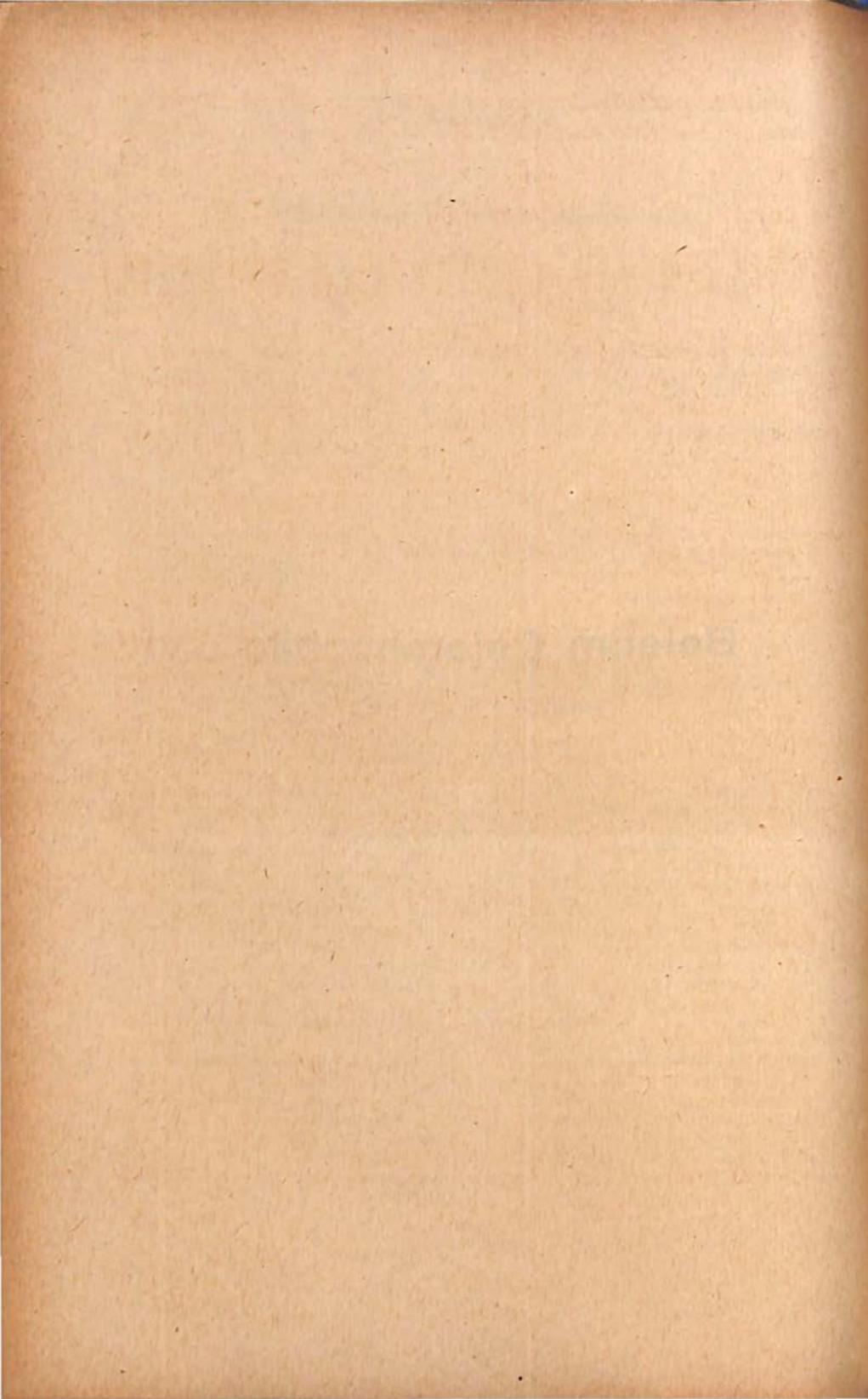
Revista de Estudios Militares (Octubre 1934). A bella publicação dos círculos militares de Madrid apresenta, entre muitos artigos interessantes, os seguintes: Examen de Reglamentos — La toma de contacto, La Artilleria motorizada e El sarampión de la mecanización.

Todas essas revistas se acham a disposição dos socios e assignantes da "A Defesa Nacional" em sua séde no Quartel General.

"Em Sadowa venceu o mestre escola".

BISMARCK

Boletim Colombophilo



MINISTERIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

C R E A D A
PELO DECRETO
N. 22.894
DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

N.º 10

JANEIRO

Anno I

Acta da decima sexta sessão de Directoria da Confederação Colombophilá Brasileira.

A's dezeseis horas do dia treis de janeiro do anno de mil novecentos e trinta e cinco, reuniu-se em sua séde a Directoria da Confederação Colombophilá Brasileira, composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente, Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente Militar, Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil, Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario, Dr. Antonio Gomes de Mattos, Segundo Secretario, e Dr. Leonidio Ribeiro, Segundo Thezoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente Civil. Faltou o Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, Primeiro Thezoureiro. Estando presentes a maioria dos membros, a Directoria passou a deliberar. Aberta a sessão, pelo Snr. Presidente, o Snr. Primeiro Secretario lê a acta da sessão anterior, que é aprovada com as seguintes rectificações: solicitadas pelo Snr. Vice-Presidente Civil: — 1.º) Onde consta: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidade a assumir o cargo de Primeiro Thezoureiro o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, actual Segundo Thezoureiro etc." deve constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado a assumir o cargo de Primeiro Thezoureiro, o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, actual Segundo Secretario etc.; 2.º) Onde consta: "O Snr. Primeiro Secretario propõe que seja dada quitação ao Snr. Primeiro Thezoureiro demissionario etc." deve constar: "O Snr. Primeiro Secretario propõe que seja dada demissão e quitação ao Snr. Primeiro Thezoureiro demissionario etc."; 3.º) Onde consta: — "O Snr. Vice-Presidente Civil pede autorização para efectuar a concurrenceia para a aquisição de material de expediente etc." — Deve Constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil apresenta o resultado da concurrenceia realizada entre as Firmas: Placido Marques e Cia., Araujo Marques e Cia., e Villas-Boas; sendo: Araujo Marques e Cia. — Duzentos e quarenta e três mil réis (243\$000), Villas-Boas — duzentos e cincuenta e sete mil réis (257\$000) e Placido Marques e Cia. — Duzentos e cincuenta e seis mil réis (256\$000)

— ficando resolvido aceitar a proposta de Araujo Marques e Cia. — de duzentos e quarenta e treis mil réis — officiandose para que seja executada a encommenda constante da proposta" — O Snr. Vice-Presidente Civil observa que deixou de figurar na acta da referida sessão, a resolução da Directoria, proposta pelo Snr. Presidente, da dissolução das comissões encarregadas de regulamentação dos concursos e exposições officiaes e particulares, designadas em acta da sessão inaugural da C. C. B., visto haverem concluído seus trabalhos, consignando-se voto de louvor aos respectivos membros componentes, pela maneira com que se houveram no desempenho da missão que lhes foi conferida, havendo portanto, necessidade de ser a mesma resolução, declarada na presente acta. O Snr. Vice-Presidente Militar dirigindo-se ao Snr. Presidente, pergunta se a C. C. B. não está sujeita ao regimen administrativo dos Corpos e Estabelecimentos Militares, e no caso afirmativo, como se deveria constituir o seu Conselho de Administração? — O Snr. Presidente propõe que seja discutida a questão apresentada pelo Snr. Vice-Presidente Militar, ficando resolvido, após exame da mesma, que a C. C. B. não está sujeita áquelle regimen, visto que, a sua verba orçamentaria, é uma subvenção que lhe é dada pelo Governo, tendo a Confederação as suas fontes de renda perfeitamente definidas no seu regulamento. No expediente foram lidos varios officios enviados a C. C. B., e as copias das respectivas respostas que ficaram archivadas na Secretaria. Dentre os officios enviados destacam-se: Do Club Colombophilo Carioca remettendo os novos estatutos e pedindo aprovação dos mesmos — o que é concedido. Do Commandante do 2.^º Regimento de Cavallaria Divisionario pedindo filiação a Confederação afim de poder adquirir meios necessarios á criação das referidas aves e gozar dos direitos das entidades colombophilas e uma petição do Snr. 1.^º Tenente Jefferson da Rocha Braune, encarregado do pombal do 2.^º R. C. D. pedindo material. Ficou resolvido officiar ao Snr. Ministro da Guerra sugerindo que enquanto não fôr publicada a regulamentação Militar colombophila, sejam subordinados os pombaes como os do 2.^º R. C. D., technicamente á C. C. D.. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, da qual eu, Capitão Luiz Figueiredo de Lobo, 1.^º Secretario, lavrei a presente acta, que vai por mim assignada, bem como, pelos demais membros presentes á sessão, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1935.

(AA.) Capitão Luiz de Figueiredo Lobo — 1.^º Secretario
Major Arthur Joaquim Pamphiro — Presidente
Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora — Vice-Presidente Militar
Dr. Roberto de Freitas Lima — Vice-Presidente Civil.

Representantes

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
 C. S. N. — Ten. Pondé Sobrinho
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
 1.^o Gr. Regiões — Ten. Moziul
 D. P. E. — Cap. Toscano Britto
 D. C. — Cap. Toscano Britto
 Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
 Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
 Dr. Av. — Maj. Godofredo Vidal
 Dir. Remonta — Cap. Diogenes
 Anacleto Dias dos Santos
 Dir. I. G. — Ten. José Salles
 S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena
 Serv. Geog. — Cap. Castello Branco
 Serv. Radio — Ten. Juracey Cam-
 pello
 Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
 Q. G. 1.^a R. M. — Ten. Romão Leal
 Q. G. 2.^a R. M. — Cap. Gilberto
 Reis
 Q. G. 3.^a R. M. — Cap. Carlos
 Analio
 Q. G. 4.^a R. M. — Cap. Samuel Pires
 Q. G. 5.^a R. M. — Cap. J. Baptista
 Rangel
 Q. G. 6.^a R. M. — Major Lopes da
 Costa.
 Q. G. 7.^a R. M. — Cap. Leandro
 Costa.

Q. G. 8.^a R. M. — Cap. Edgardino
 Pinta
 Q. G. 9.^a R. M. — Cap. Olivio
 Bastos.
 M. M. F. — Cap. Jurandyr Palma
 Cabral.
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo.
 E. I. — Cap. J. B. de Mattos.
 E. A. — Ten. V. Rocha Santos.
 E. C. — Cap. Armando Ancora.
 E. E. — Cap. Luiz Betanio.
 Escola Technica — Cap. Jandyr
 Galvão.
 E. Av. — Cap. Archimedes Doria.
 E. M. — Ten. Geraldo Côrtes.
 E. E. F. E. — Maj. Raul Vascon-
 cellos.
 E. I. — Cap. E. José Granja.
 E. Vt. E. —
 C. A. S. I. — Ten. Taltibio de
 Araujo.
 C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
 C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva.
 C. M. C. — Cap. Djalma Baima.
 F. P. I. — Cap. Britto Junior.
 F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
 F. P. A. — Ten. João Carlos Ri-
 beiro.
 Serv. de Subsistência —

TROPA

Infantaria

Btl. Escola — Ten. Augusto Pres-
 grave
 Btl. Guardas — Ten. Francisco M.
 Rollim
 1.^o R. I. — Cap. Sousa Aguiar
 2.^o R. I. — Ten. Roberto Pessoa
 3.^o R. I. — Ten. Antero de Almeida
 4.^o R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
 I/5.^o R. I. — Ten. B. Ndeira de
 Mello
 II/5.^o R. I. — 1.^o Ten. Luiz Mar-
 tins Chaves
 III/5.^o R. I. — Alcides P. Coelho
 I/6.^o R. I. — Cap. Armando Moraes
 6.^o R. I. — Cap. Ary Ruch

7.^o R. I. — Cap. Gilberto Carva-
 lho
 8.^o R. I. — Ten. Octacilio Silva
 I/8.^o R. I. — Cap. Felicissimo Ave-
 lino
 9.^o R. I. — Ten. Nicolau Fico
 I/9.^o R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.^o R. I. —
 11.^o R. I. — Ten. Ajax Corrêa
 12.^o R. I. — Cap. Nilo Chaves
 I/13.^o R. I. — Ten. Djalma Cravo.
 13.^o R. I. — Ten. Iracilio Pessôa.
 1.^o B. C. — Cap. Nizo Montezuma
 2.^o B. C. — Ten. Marcio Mene-
 zes.

- 3.^o B. C. — Ten. Moacyr Rezende.
 4.^o B. C. — Cap. Manoel Stoll Nogueira.
 6.^o B. C.
 7.^o B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.^o B. C. — Ten. Gelei Brun.
 9.^o B. C. — Ten. Domingos J. F. Iho
 10.^o B. C. — Ten. Ary Lopes.
 13.^o B. C. — Ten. Domingos P. Neves.
 14.^o B. C. — Cap. Barata de Azevedo.
 15.^o B. C. — Ten. Araquem Torres
 16.^o B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo.
 17.^o B. C. — Ten. Miguel Mozzilli
 18.^o B. C. — Ten. Delio Lobo Vianna

- 19.^o B. C. — Ten. Murillo B. Moreira
 20.^o B. C. — Cap. Guilherme Jan-
 s n Filho.
 21.^o B. C. — Ten. José Rodrigues
 da Rocha.
 22.^o B. C. —
 23.^o B. C. — Ten. Raymundo Telles
 24. B. C. — Ten. Alexandre C.
 Moreira.
 25.^o B. C. —
 26.^o B. C. — Ten. Carlos Viveiros
 da Silva.
 27.^o B. C. — Ten. Mario Liborio
 Pereira.
 28.^o B. C. — Cap. Manoel X. de
 Oliveira.
 29.^o B. C. — Cap. Frederico Min-
 dello.

Cavalaria

- Unidade Escola — Ten. Durval Ma-
 sédo
 1.^o R. C. D. —
 2.^o R. C. D. — Ten. Britto Netto
 3.^o R. C. D. — Ten. Poti S. Freire
 IV/3.^o R. C. D. — Ten Claudi nor
 P. dos Santos
 4.^o R. C. D. —
 5.^o R. C. D. — Ten. Luiz Valença
 1.^o R. C. I. —
 2.^o R. C. I. —
 3.^o R. C. I. — Ten. Nairo Madeira
 4.^o R. C. I. — Cap. Enoque Marques
 5.^o R. C. I. — Ten. Luiz Linhares.

- 6.^o R. C. I. — Ten. Newton Ma-
 ciel dos Santos.
 7.^o R. C. I. — Ten. Danilo C. Nunes
 8.^o R. C. I. — Ten. Aurelino Var-
 gas.
 9.^o R. C. I. — Cap. Marcos Azam-
 buja.
 10.^o R. C. I. — Ten. Lauro Re-
 bello F. da Silva.
 11.^o R. C. I. —
 12.^o R. C. I. — Ten. João de Deus
 N. Saraiva.
 13.^o R. C. I.
 14.^o R. C. I. — Edson Condessa.

Artilharia

- Gr. Esc. — Ten. Valdir de Barros
 de Azevedo
 1.^o R. A. M. — Cap. Edgard Portu-
 gal
 2.^o R. A. M. —
 4.^o R. A. M. —
 5.^o R. A. M. — Ten. Barreto Lemos
 6.^o R. A. M. — Ten. Lourival Doe-
 delein
 8.^o R. A. M. — Ten. José O. Alves
 de Souza
 9.^o R. A. M. — Ten. Arthur da Cos-
 ta Seixas.

- 1.^o G. A. D.^o — Celso Alencar Ara-
 ripe.
 2.^o G. A. D.^o — Ten. Ruy Freire
 Ribeiro
 3.^o G. A. D.^o — Ten. Amaury P. Li-
 ma.
 5.^o G. A. D.^o — Ten. Ives Fonseca
 1.^o G. A. P. — Ten. Assis Gonçalves
 2.^o G. A. P. — Cap. João C. Fon-
 seca
 3.^o G. A. P. — Ten. Eduardo Barros
 1.^o G. A. Cav. —
 2.^o G. A. Cav. —

3.^º G. A. Cav.—Ten. Nelson Moura
 4.^º G. A. Cav.—
 5.^º G. A. Cav.—Ten. Edson Fi-
 gueiredo.
 6.^º G. A. Cav.—
 R. A. Mix.—Ten. A. Cesar do
 Nascimento.
 Fort. Santa Cruz—Ten. Leontino
 Andrade
 Fort. S. João—Cap. Waldemar
 Pio dos Santos.
 Fort. Itaipús—Ten. Dr. Augusto
 Vouzela.
 Fort. Obidos—

Fort. Coimbra—
 Fort. Copacabana—Ten. Flam-
 marión P. de Campos.
 Fort. Vigia—Ten. Borges Fortes.
 Fort. Mar. Moura.
 Fort. Lage—Ten. Haroldo Gar-
 cez.
 Fort. S. Luiz—Ten. Jayme de
 Lemos.
 Fort. Imbuí—Ten. Corrêa do
 Lago.
 Fort. Mar. Hermes—
 Fort. Mar. Luz—Ten. Nelson M.
 de Miranda.

Engenharia

1.^º Btl. Ferroviario—
 1.^º B. E.—Ten. Euclides Pontes
 2.^º B. E.—Ten. Sady M. Monteiro
 3.^º B. E.—Ten. Luiz de Paula
 Pessôa.

4.^º B. E.—Ten. Haroldo Paca.
 5.^º B. E.—Ten. Zenitho Schuller
 Reis.
 6.^º B. E.—

Reserva

C. P. O. R. da 1.^a R. M.—Ten.
 Nelson de Carvalho.
 C. P. O. R. da 3.^a R. M.—
 C. P. O. R. da 4.^a R. M.—
 C. P. O. R. da 5.^a R. M.,—José B.
 Pessôa.

Policia Militar—Maj. Miranda
 Amorim.
 F. Pol. S. Paulo—Maj. José M.
 dos Santos
 B. M. R. G. do Sul—Ten. Her-
 mes Fernandes
 Força P. da Bahia—Cap. Phila-
 delpho Neves.

Art. 26—A Administração e os Redactores são responsáveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar, e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, ás idéas espendidas nas colaborações assignadas.

Não serão restituídos, em caso algum, originaes dos trabalhos recebidos para publicar na Revista.

EXPEDIENTE

I. Sede Provisória da administração: Q. G. do Exercito, face dos fundos.
 Aberta das 14 ás 17 horas.

II. Correspondencia para a Caixa Postal n.º 1.602.

Discriminar no endereço: *Ao Secretario*, assumptos de collaboração; *Ao Gerente*, assumptos de assignatura; *Ao Bibliothecario*, encommendas de publicações.

III. Preços assignaturas:

Anno	18\$000
Semestre	10\$000
Numero avulso	28000
Para sargentos — Semestre	8\$500
Para alumnos das escolas militares e do C. P. O. R. — numero	1\$500
Para remessa registrada a assignantes avulsos, por semestre, mas	1\$800

Os pagamentos devem ser feitos adeantadamente e as assignaturas começam com o numero de janeiro ou de julho.

O Gerente é encontrado na redacção ás quarta-feiras das 15 ás 17 hs.

MINISTERIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CREADA

PELO DECRETO

N. 22.894

DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA

PELO DECRETO

N. 23.905 DE 22 DE

FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANNO II

FEVEREIRO — 1935

N.º 10

Ata da decima quinta sessão de Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira.

Às dezeseis horas do dia vinte de dezembro de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua sede a Diretoria da C. C. B., composta dos Snrs. Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretário, Dr. Leonídio Ribeiro, 2.º Tesoureiro e Dr. Antônio Gomes de Mattos, 2.º Secretário, representados pelo Snr. Vice-Presidente civil. Faltou o Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º Tesoureiro. Estando presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretário lê a ata da sessão anterior que é aprovada. Em seguida o Snr. 1.º Secretário lê o ofício que a Diretoria da C. C. B. expediu ao Snr. 1.º Ten. Paulo de Albuquerque Lacerda, designando-o para perito, afim de cumprir o disposto no Art. XXVIII do Regulamento da C. C. B. e que é o seguinte: Capital Federal em 8-12-934. S/N. Do Presidente da Confederação Colombófila Brasileira, ao Snr. 1.º Tenente Tesoureiro Paulo de Albuquerque Lacerda. — Assunto: Informação sobre escrituração da C. C. B. — Anexo: Uma relação discriminativa da receita e despesa da C. C. B., de 14-10 a 8-12-934. — I — Afim de cumprir o disposto no artigo XXVIII do Regulamento da C. C. B., a Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira, na décima segunda sessão de sua Diretoria resolveu por unanimidade de votos,

solicitar-vos, como tecnico, um parecer, afim de resolver sobre a quitação a ser dada ao Tesoureiro Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, por motivo de seu pedido de demissão. II — Esclarece a Diretoria da Confederação, que a situação especial com o afastamento do Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, com a impossibilidade de uma substituição imediata pelo 2.^º Tesoureiro, atualmente ausente do Paiz, em comissão do Governo, conduziu ao quesito constante do item II, de cuja resposta depende a orientação da Diretoria, na tomada de contas do Tesoureiro demissionario. III — Solicito-vos, pelo exposto, efetuar os lançamentos que faltarem em face dos documentos que vos são apresentados, de receita e despeza, constantes das notas apresentadas á Diretoria e anexas a este, e de responsabilidade do Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares; de receita e despeza, constante das notas apresentadas á Diretoria e anexas a este, e de responsabilidade do Snr. Vice-Presidente civil, Dr. Roberto de Freitas Lima, autorizado pela Diretoria da C. C. B., na 3.^a sessão, conforme consta da respectiva ata, a representar o Dr. Leonidio Ribeiro 2.^º Tesoureiro, até cessar o seu impedimento, "AFIM DE VERIFICAR SE A CAIXA ACCUSA ALGUM ALCANCE". (a). Arthur Joaquim Pamphiro, Major Presidente. Comunica o Snr. 1.^º Secretario que a resposta a esse eficio foi dada em vinte do corrente, pelo Snr. 1.^º Tenente Paulo de Albuquerque Lacerda, no oficio seguinte: "Capital Federal em 20-12-1934. N. 64T Do 1.^º Tenente Pagador, ao Snr. Presidente da Confederação Colombofila Brasileira. — Assunto: Situação da Caixa da C. C. B. (Alcance). — I — Em resposta ao vosso oficio s/n de 8 do corrente, em que me solicitaes verificar o estado da Caixa dessa Confederação, informo-vos que, depois de efetuar nos respectivos livros os lançamentos que faltavam, a caixa accusa no dia 11 deste, um saldo de dois contos duzentos e sessenta e seis mil reis (2.266\$000), que confere com a existencia em Banco nesta data. II — Deste modo não existe nenhum alcance, quer com relação ao 1.^º Tesoureiro demissionario, Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, quer para o Dr. Roberto de Freitas Lima. (a). 1.^º Tenente Paulo de Albuquerque Lacerda, Pagador. "O Snr. 1.^º Secretario propõe que seja dada demissão e quitação ao Snr. 1.^º Tesoureiro demissionario, Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, o que é aprovado. O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado a assumir o cargo de 1.^º Tesoureiro, o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, atual 2.^º Secretario, ficando resolvido, oficiar-se ao referido Senhor, consultando se aceitaria o cargo. O Snr. Vice-Presidente Civil pede autorização para efetuar a concurrencia para aquisição de material de expediente, que é concedida. Ainda o Snr. Vice-Presidente civil comunica á Diretoria, a chegada de tres mil anilhas de aluminio para 1935, das seis mil encomendadas. E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual eu, 1.^º Secretario, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo lavrei a presente ata que

vae por mim assinada bem como pelos demais membros da Diretoria presentes a sessão.

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1935.

- (a). Capitão Luiz de Figueiredo Lobo.
 Major Arthur Joaquim Pamphiro.
 Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.
 Dr. Roberto de Freitas Lima.

MATERIAL A VENDA NA SÉDE DA C. B. C.

Anilhas de aluminio para o ano de 1935.....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para concursos.....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diario, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 9.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 15.....	(10 folhas)	2\$500
Impresso modelo n. 17.....	(10 folhas)	1\$500
Cadernetas modelo n. 4.....	(Uma)	4\$500
Assinatura da "A Defesa Nacional" orgão oficial.....	(ano)	18\$000
Manual Colombofilo Brasileiro.....	(um)	8\$000
Os pombos correios e a defesa nacional.....	(um)	3\$000
	(Mais \$800 pelo correio).	
Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira	(Um)	2\$000

Ata da decima sexta sessão de Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

A's dézeseis horas do dia tres de janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, reuniu-se em sua séde a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente Militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario; Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Tesoureiro, representado pelo Srn. Vice-Presidente Civil. Estando presente a maioria dos membros,

a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão, pelo Snr. Presidente; o Snr. 1.º Secretario lê a ata da sessão anterior, que é aprovada com as seguintes retificações: solicitadas pelo Snr. Vice-Presidente Civil; — 1.º) Onde consta: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado para assumir o cargo de 1.º Tesoureiro o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, atual 2.º Tesoureiro etc." deve constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil propõe que seja convidado a assumir o cargo de 1.º Tesoureiro, o Snr. Dr. Antonio Gomes de Mattos, atual 2.º Secretario etc.; 2.º) Onde consta: "O 1.º Secretario propõe que seja dada quitação ao Snr. 1.º Tesoureiro demissionário etc." deve constar: "O 1.º Secretario propõe que seja dada demissão e quitação ao Snr. 1.º Tesoureiro demissionário etc." 3.º) Onde consta: "O Snr. Vice-Presidente Civil pede autorização para efectuar a concurrencia para aquisição de material de expediente etc." deve constar: "O Snr. Vice-Presidente Civil apresenta o resultado da concurrencia realizada entre as firmas: Placido Marques e Cia. — Araujo Marques e Cia. — Villas Boas e Cia.; sendo: Araujo Marques e Cia. — Duzentos e quarenta e tres mil reis (243\$000), Villas Boas — Duzentos e cincuenta e sete mil reis (257\$000), Placido Marques e Cia. — Duzentos e cincuenta e seis mil reis (256\$000) — ficando resolvido aceitar a proposta de Araujo Marques e Cia. — de duzentos e quarenta e tres mil reis — oficiando-se para que seja executada a encomenda constante da proposta" — O Snr. Vice-Presidente Civil observa que deixou de figurar na ata da referida sessão, a resolução da Diretoria, proposta pelo Snr. Presidente, da dissolução das comissões encarregadas de regulamentação dos concursos e exposições oficiais e particulares, designadas em ata da sessão inaugural da C. C. B., visto haverem concluído seus trabalhos, consignando-se um voto de louvor aos respectivos membros componentes pela maneira com que se houveram no desempenho da missão que lhes foi conferida, havendo portanto, necessidade de ser a mesma resolução, declarada na presente ata. O Snr. Vice-Presidente Militar dirigindo-se ao Snr. Presidente pergunta se a C. C. B. não está sujeita ao regimem administrativo dos Corpos e Estabelecimentos Militares, e no caso afirmativo, como se deveria constituir o seu Conselho de Administração? — O Snr. Presidente propõe que seja discutida a questão apresentada pelo Snr. Vice-Presidente Militar, ficando resolvido, após a mesma, que a C. C. B. não está sujeita áquele regimem, visto que, a sua verba orçamentaria, é uma subvenção que lhe é dada pelo Governo tendo a Confederação as suas fontes de renda perfeitamente definidas no seu Regulamento. No expediente foram lidos varios ofícios enviados a C. C. B., e as copias das respectivas respostas que ficaram arquivadas na Secretaria. Dentre os ofícios enviados destacam-se: Do Clube Colombofilo Carioca, remetendo os novos Estatutos e pedindo aprovação dos mesmos — o que é concedido. Do Comandante do 2.º Regimento de Cavalaria Divisionaria

pedindo filiação a Confederação afim de poder adquirir meios necessarios á criação das referidas aves e gozar dos direitos das entidades colombofilas e uma petição do 1.º Tenente Jefferson da Rocha Braune, encarregado do pombal do 2.º R. C. D., pedindo material. Ficou resolvido oficiar ao Snr. Ministro de Estado dos Negocios da Guerra, sugerindo que enquanto não fôr publicada a regulamentação militar comlobofila, sejam subordinados os pombaes como os de 2.º R. C. D., tecnicamente á C. C. B. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual eu, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada bem como pelos demais membros presentes á sessão.

Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 1935.

- (a) Capitão Luiz de Figueiredo Lobo.
 Major Arthur Joaquim Pamphiro.
 Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.
 Dr. Roberto de Freitas Lima.
 Dr. Antonio Gomes de Mattos.

MATERIAL A VENDA NA SEDE DA C. C. B.

Anilhas de aluminio para o ano de 1935.....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para concursos.....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diario, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 9.....	(10 folhas)	1\$0000
Impresso modelo n. 15.....	(10 folhas)	2\$ 00
Impresso modelo n. 17.....	(10 folhas)	1\$500
Cadernetas modelo n. 4.....	(Uma)	4\$500
Assinatura da "A Defesa Nacional", orgão oficial.....	(ano)	18\$000
Manual Colombofilo Brasileiro.....	(Um)	8\$000
Os pombos correios e a defesa nacional.....	(Um)	3\$000
	(Mais \$800 pelo correio).	
Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira	(Um)	2\$000

REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
 C. S. N. — Ten. Pondé Sobrinho
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
 1.^o Gr. Regiões — Ten. Gerardo Lemos Amaral
 D. P. E. — Cap. Toscano Britto
 Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
 Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
 Dr. Av. — Maj. Godofredo Vidal
 Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto Dias dos Santos
 Dir. I. G. — Ten. José Salles
 S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena
 Serv. Geog — Cap. Castello Branco
 Serv. Radio — Ten. Juracey Campbell
 Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
 Q. G. 1.^a R. M. — Cap. João Ribeiro
 Q. G. 2.^a R. M. — Cap. Gilberto Reis
 Q. G. 3.^a R. M. — Cap. Carlos Analio
 Q. G. 4.^a R. M. — Cap. Samuel Pires
 Q. G. 5.^a R. M. — Cap. J. Baptista Rangel
 Q. G. 6.^a R. M. — Major Lopes da Costa.
 Q. G. 7.^a R. M. — Cap. Milton O'Reilly de Souza

C. I. T. — Cap. Haroldo Mattoso Maia
 Q. G. 8.^a R. M. —
 Q. G. 9.^a R. M. — Cap. Olivio Bastos.
 M. M. F. — Cap. Jurandy Palma Cabral.
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo de Almeida
 E. I. — Cap. José Adolpho Pavel.
 E. A. — Ten. V. Rocha Santos.
 E. C. — Cap. Armando Ancora.
 E. E. — Cap. Luiz Betanio.
 Escola Technica —
 E. Av. — Cap. Archimedes Doria.
 E. M. — Ten. Geraldo Côrtes.
 E. E. F. E. — Maj. Raul Vasconcellos.
 E. I. — Cap. E. José Granja.
 E. Vt. E. —
 C. A. S. I. — Ten. Taltibio de Araujo
 C. M. R. J. —
 C. M. P. A. —
 C. M. C. — Cap. Djalma Baima.
 F. P. I. — Cap. Britto Junior.
 F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
 F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
 Corpo de Fuzileiros Navais — Ten. Cândido da Costa Aragão.

TROPA

Infantaria

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
 Btl. Guardas — Ten. Axmar de Lima
 1.^o R. I. — Cap. Sousa Aguiar
 2.^o R. I. — Ten. Roberto Pessoa
 3.^o R. I. — Ten. Antero de Almeida
 4.^o R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
 I/5.^o R. I. — Ten. B. Ndeira de Mello
 II/5.^o R. I. — 1.^o Ten. Luiz Martins Chaves
 III/5.^o R. I. — Alcides P. Coelho
 I/6.^o R. I. — Cap. Armando Moraes
 6.^o R. I. — Cap. Ary Ruch

7.^o R. I. — Cap. Gilberto Carvalho
 8.^o R. I. — Ten. Octacilio Silva
 I/8.^o R. I. — Cap. Felicissimo Aveilino
 9.^o R. I. — Ten. Almir Lemos Furtado
 I/9.^o R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.^o R. I. —
 11.^o R. I. — Ten. Luiz de Faria
 12.^o R. I. — Cap. Nilo Chaves
 I/13.^o R. I. — Ten. Djalma Cravo.
 13.^o R. I. — Ten. Iracilio Pessoa.
 1.^o B. C. — Cap. Nizo Montezuma
 2.^o B. C. — Ten. Marcio Meneses.

- 3.^o B. C. — Ten. Moacyr Rezende.
 4.^o B. C. — Cap. Carlos Coelho
 Cintra.
 6.^o B. C.
 7.^o B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.^o B. C. — Ten. Gelci Brun.
 9.^o B. C. — Ten. Domingos J. Filho
 10.^o B. C. — Ten. Ary Lopes.
 13.^o B. C. — Ten. Domingos P.
 Neves.
 14.^o B. C. — Cap. Barata de Aze-
 vedo.
 15.^o B. C. — Ten. Araquem Torres.
 16.^o B. C. — Ten. Arlindo P. de
 Figueiredo.
 17.^o B. C. — Ten. Miguel Mozzili.
 18.^o B. C. — Ten. Delio Lobo
 Vianna.

- 19.^o B. C. — Ten. Murillo B. Mo-
 reira.
 20.^o — B. C. Cap. Guilherme Jan-
 sen Filho.
 21.^o — B. C. — Ten. José Rodri-
 gues da Rocha.
 22.^o B. C. — Cap. Leandro Costa.
 23.^o B. C. — Ten. Raymundo Telles
 24.^o B. C. — Ten. Alexandre C.
 Moreira.
 25.^o B. C. —
 26.^o B. C. — Ten. Carlos Viveiros
 da Silva.
 27.^o B. C. — Ten. Mario Liborio
 Pereira.
 28.^o B. C. — Cap. Manoel X. de
 Oliveira.
 29.^o B. C. — Ten. Clovis M. Gomes

Cavalaria

- Unidade Escola — Ten. Durval Ma-
 cedo.
 1.^o R. C. D. — Cap. Cyro de Rezende
 2.^o R. C. D. — Ten. Britto Netto.
 3.^o R. C. D. — Ten. Poti S. Freire.
 IV/3.^o R. C. D. — Ten. Claudionor
 P. dos Santos.
 4.^o R. C. D. —
 5.^o R. C. D. — Ten. Luiz Valença
 1.^o R. C. I. —
 2.^o R. C. I. —
 3.^o R. C. I. — Ten. Nairo Madeira
 3.^o R. C. I. — Ten. Agenor Medei-
 ros Martins

- 5.^o R. C. I. — Ten. Lui Linhares.
 6.^o R. C. I. — Ten. Newton Ma-
 ciel dos Santos.
 7.^o R. C. I. — Ten. Danilo C. Nunes
 8.^o R. C. I. — Ten. Aurelino Vargas.
 9.^o R. C. I. — Cap. Marcos Azam-
 biuja.
 10.^o R. C. I. — Ten. Lauro Re-
 bello F. da Silva.
 11.^o R. C. I. —
 12.^o R. C. I. — Ten. João de Deus
 N. Saraiva.
 13.^o R. C. I.
 14.^o R. C. I. — Edson Cundessa.

Artilharia

- Gr. Esc. — Ten. Valdir de Barros
 de Azevedo.
 1.^o R. A. M. — Cap. Edgard Portu-
 gal.
 2.^o R. A. M. — Ten. Ilton Fontoura
 4.^o R. A. M. —
 5.^o R. A. M. — Ten. Barreto Lemos
 6.^o R. A. M. — Ten. Lourival Doe-
 delein.
 8.^o R. A. M. — Ten. José O. Alves.
 de Souza.
 9.^o R. A. M. — Ten. Arthur da Cos-
 ta Seixas.

- 1.^o G. A. D.^o — Celso Alencar Ara-
 ripe.
 2.^o G. A. D.^o — Ten. Ruy Freire
 Ribeiro.
 3.^o G. A. D.^o — Ten. Amaury P.
 Lima.
 5.^o G. A. D.^o — Ten. Ives Fonseca.
 1.^o G. A. P. — Ten. Assis Gonçalves
 2.^o G. A. P. — Cap. Josão C. Fon-
 seca.
 3.^o G. A. P. — Ten. Eduardo Barros
 1.^o G. A. Cav. —
 2.^o G. A. Cav. —

3.º G. A. Cav.—Ten. Nelson Moura	Fort. Coimbra —
4.º G. A. Cav. —	Fort. Copacabana — Ten. Flammarión P. de Campos.
5.º G. A. Cav. — Ten. Edson Figueiredo.	Fort. Vigia — Ten. Borges Fortes.
6.º G. A. Cav. —	Fort. Mar. Noura.
R. A. Mix. — Ten. A. Cesar do Nascimento.	Fort. Lage — Ten. Americo Fercez.
Fort. Santa Cruz — Ten. Leontino Andrade.	Fort. S. Luiz — Ten. Jayme de Lemos.
Fort. S. João — Cap. Waldemar Pio dos Santos.	Fort. Imbuí — Ten. Corrêa do Lago.
Fort. Itaipú — Ten. Dr. Augusto Vouzela.	Fort. Mar. Hermes —
Fort. Obidos — Cap. Ascendino Lins	Frot. Mar. Luz — Ten. Nelson M.
Bia. I. H. Da. — Cap. Leandro Costa	de Miranda.

Engenharia

1.º Btl. Ferroviario —	4.º B. E. — Ten. Haroldo Paca.
1.º B. E. — Ten. Euclides Pontes	5.º B. E. — Ten. Zneitho Schuller Reis.
2.º B. E. — Ten. Sady M. Monteiro	
3.º B. E. — Ten. Luiz de Paula Pessôa.	6.º B. E. —

Reserva

C. P. O. R. da 1.ª R. M. — Ten. Nelson de Carvalho.	Policia Militar — Maj. Miranda Amorim.
C. P. O. R. da 3.ª R. M. —	F. Pol. S. Paulo — Maj. José M. dos Santos.
C. P. O. R. da 2.ª R. M. — Ten. Nestor Tanes	B. M. R. G. do Sul — Ten. Hermes Fernandes.
C. P. O. R. da 4.ª R. M. —	Força P. da Bahia — Cap. Philadelpho Neves.
C. P. O. R. da 5.ª R. M., — José B. Pessôa.	

Art. 26 — A Administração e os Redactores são responsáveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar, e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, ás idéas espendidas nas colaborações assignadas.

Não serão restituídos, em caso algum, originaes dos trabalhos recebidos para publicar na Revista.

EXPEDIENTE

I. Séde Provisória da administração: Q. G. do Exercito, face dos fundos. Aberta das 14 ás 17 horas.

II. Correspondencia para a Caixa Postal n.º 1.602.

Discriminar no endereço: *Ao Secretario*, assumptos de collaboração; *Ao gerente*, assumptos de assignatura; *Ao Bibliothecario*, encommendas de publicações.

III. Preços de assignaturas:

Anno.....	18\$000
Semestre.....	10\$000
Numero avulso.....	2\$000
Para sargentos — Semestre.....	8\$500
Para alumnos das escolas militares e do C. P. O. R. — numero.....	1\$500
Para remessa registrada e assignaturas avulsos, por semestre, mais	1\$800

Os pagamentos devem ser feitos adeantadamente e as assignaturas começam com o numero de janeiro ou de julho.

O Gerente é encontrado na redacção ás quarta-feiras das 15 ás 17 hs.